

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A ECOSOFIA COMO SUSTENTAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA:
A EXPERIÊNCIA DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

**MESTRANDO: JAI BEZERRA MASSAUT
ORIENTADOR: ALFREDO GUILHERMO MARTÍN GENTINI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

RIO GRANDE, OUTUBRO DE 2012.

Ficha Catalográfica

B574e Bezerra Massaut, Jai

A ecosofia como sustentação da economia solidária: a experiência de São Lourenço do Sul / Jai Bezerra Massaut - 2012
205p.: il. foto.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande / RS, 2012.

Orientação: Prof. Dr. Alfredo Guilherme Martín Gentini, Departamento: Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.

1.Economia solidária II. Educação ambiental III. Cooperativismo
I. Bezerra M, Jai B. L. II.Gentini, Alfredo G. M. orien. III. Título.

CDU334:504
CDD 334.6

Bibliotecária: Viviane Vahl Bohrer CRB10/1648

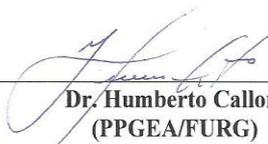
JAI BEZERRA MASSAUT

***A ECOSOFIA COMO SUSTENTAÇÃO DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA: A EXPERIÊNCIA DE SÃO LOURENÇO DO SUL***

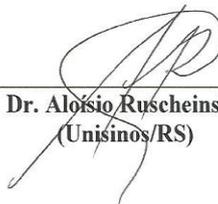
Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini
(Orientador/FURG)



Dr. Humberto Calloni
(PPGEA/FURG)



Dr. Aloisio Ruscheinsky
(Unisinos/RS)

Aos meus pais, irmãos, demais familiares e a todos aqueles que, por um momento, foram tão importantes na minha vida.

À Eleana, minha esposa, pelo apoio recebido e pela cumplicidade neste Projeto.

Aos meus filhos Jai Segundo, Hajji e Yasmin que mesmo sem perceber, se constituem na verdadeira razão da minha existência. Perdão pela ausência, tantas vezes em suas vidas, para fazer a minha cruzada.

AGRADECIMENTOS

Esta Dissertação representa muito mais do que uma pesquisa ou um relato de experiências e vivências provocadas. É a consagração de um projeto de vida há muito tempo idealizado. Foram ideais que conduziram e regerem a minha formação e a minha própria existência. Hoje eu posso partilhar de uma forma mais intensa com todos; com aqueles a quem devo tudo e com aqueles que ocasionalmente deveram-me algo, sem precisar fazer qualquer ajuste de contas, pois o que vem do coração não tem preço, logo, não é pagável.

Em primeiro lugar, a DEUS, pois sem Ele, eu não estaria aqui.

Da mesma forma agradeço à minha esposa, meus filhos e demais familiares, o meu porto seguro; por eles, com eles e para eles percorri este caminho.

Aos Professores de todos os tempos, que moldaram a minha constituição.

Também, aos amigos e colegas de trabalho que, de uma maneira ou de outra, sempre estiveram presentes na minha caminhada.

Ao gestor Claudio Nei Basgalupe de Almeida, Secretário Substituto e Diretor do Departamento de Economia Solidária da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de São Lourenço do Sul, pela amizade e pelo apoio incondicional nessa construção.

Igualmente, aos senhores Loreci Silva, Teresinha Gonçalves, Marcilda Bartz e Silvia Tessmann, pelo carinho, respeito e amizade, sem vocês não teria realizado este estudo.

Aos trabalhadores solidários, especialmente de São Lourenço do Sul, cujo convívio representou um conhecimento jamais obtido na Academia, o da SOLidarietà, sentimento tão nobre e tão ausente na sociedade.

Agradeço, especialmente, ao meu orientador, à banca examinadora e ao PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, pela oportunidade e aprendizado adquirido.

Recebam todos a minha mais profunda gratidão.

**Próprio si inteligente quando podem
palavras organizadas por-nos, maneira
promover, valor só de não, mas tem as
felicidade.**

As palavras, por si só, não tem um valor próprio, mas quando organizadas de maneira inteligente, podem promover-nos a felicidade.

RESUMO

Esta Dissertação se constitui no ápice de um estudo planejado há muito tempo atrás e tem a finalidade inicial de comprovar, ser a Economia Solidária, uma alternativa viável de geração de trabalho e renda, para populações carentes, com a possibilidade, inclusive, da obtenção da autonomia econômica. Por outro lado, pretende constatar, também, ser a Ecosofia, a Filosofia Ecológica de Felix Guattari, base de sustentação para os empreendimentos solidários. Nesta ótica, tem o objetivo de investigar como acontecem as relações de respeito, desses trabalhadores, com o meio ambiente e a possibilidade de convivência em harmonia com a natureza, bem como a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos, preceitos básicos da Educação Ambiental Não Formal. A metodologia utilizada foi uma pesquisa quantitativa, com a aplicação de um questionário com respostas objetivas e questões discursivas, aplicadas diretamente, em diversos eventos, visando construir e identificar o perfil social destes trabalhadores; e a pesquisa qualitativa, realizada com líderes de associações de empreendedores solidários, previamente selecionados, representando diferentes organizações, distribuídas na área urbana e na zona rural do município de São Lourenço do Sul, com a possibilidade de analisar, nos espaços de atuação, as práticas de educação ambiental e de respeito ao meio ambiente, pelos empreendedores pesquisados. Os resultados da pesquisa quantitativa foram tabulados e analisados, de acordo com as respostas recebidas e delinearão o perfil do trabalhador da economia de solidariedade em diferentes contextos e se constituiu como suporte, para a construção da pesquisa qualitativa, da qual, as informações recebidas, expõem a dimensão dos conflitos ambientais existentes, no espaço territorial investigado. A conclusão é de que a Economia Solidária e a Educação Ambiental somam-se, em qualquer circunstância, aos projetos coletivos de desenvolvimento socioambiental com sustentabilidade, pois permitem a participação, com inclusão social, de todos os segmentos da sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Associativismo, Cooperativismo, Economia Doméstica, Educação Ambiental, Qualidade de Vida.

ABSTRACT

This dissertation is the culmination of a long planned study and has the original purpose of proving the Solidarity Economy as a viable alternative source of employment and income for the poor, with the possibility, even the attainment of economic independence. On the other hand, intends, also, work with The Ecosophy, the Philosophy Ecological of Felix Guattari, as a support base for solidarity enterprises. In this perspective, aims to investigate how relationships happen concerning these workers with the environment, and the possibility of harmonious coexistence with nature, as well as improving the quality of life of those involved, the basic precepts of Environmental Education Non-Formal. The methods used were the quantitative research with a questionnaire with answers, discursive and inductive directly applied to various events in order to identify and build the profile of social workers; and qualitative research conducted with leaders of associations of solidarity entrepreneurs previously selected, representing different organizations, distributed in urban and rural areas of São Lourenço do Sul, in order to investigate, in the activities, practices and environmental education respect for the environment. The results of the quantitative survey were tabulated and analyzed according to the responses received and outlined the profile of worker solidarity economy and constituted as to support the construction of qualitative research, which, reportedly expose the extent of existing environmental conflicts. The conclusion is that the Solidarity Economy and Environmental Education Weds, under any circumstances, to collective projects with environmental sustainability of development as they allow the participation, social inclusion of all segments of society.

Keywords: associations; cooperativism; domestic economics; environmental education; quality of life.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	12
1. Introdução	12
1.1. A Dissertação	12
1.2. Minhas implicações com a Educação Ambiental	15
1.3. A problemática e o problema da investigação	23
1.4. Objetivo principal	24
1.5. Outros objetivos	24
CAPÍTULO II	25
2. Base Teórica e Conceitual	25
2.1. A Ecosofia e a Educação Ambiental	27
2.2. A Educação Ambiental	32
2.3. A Legislação Ambiental Brasileira	37
2.4. A Economia Solidária	40
2.5. Associativismo, Cooperativismo e Empreendedorismo	45
CAPÍTULO III	48
3. São Lourenço do Sul: História, Geografia, Etnias, Economia, Solidariedade e Políticas Públicas	48
3.1. Metodologia e aproximação dos Empreendimentos Solidários	50
3.2. A Economia Solidária e as Políticas Públicas	58
3.3. Empreendimentos Solidários observados	62
3.4. Poder Público local e Organizações Parceiras	67
CAPÍTULO IV	71
4. As pesquisas e os resultados	71
4.1. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa	72
4.2. A Pesquisa Quantitativa	73

4.3. Eventos de aplicação da pesquisa	74
4.4. O perfil dos empreendedores e dos empreendimentos	77
4.5. A Tabulação do Questionário	77
CAPÍTULO V	88
5. A Pesquisa Qualitativa	88
5.1. As questões qualitativas da pesquisa empírica	88
5.2. Apresentação comentada das respostas discursivas do questionário	89
CAPÍTULO VI	108
6. A perspectiva sócio-histórica e a caracterização dos sujeitos ...	108
6.1. Os pesquisados e as pesquisas	111
6.2. A entrevista de Sara	112
6.3. A entrevista de Marília	123
6.4. A entrevista de Mariasinha	134
6.5. A entrevista de Lucas	145
6.6. Comentário das entrevistas	160
6.7. Considerações finais	167
Conclusão	179
BIBLIOGRAFIA	181
ANEXOS	185
Anexo I – Questionário da pesquisa quantitativa	186
Anexo II – Questões da pesquisa qualitativa	188
Anexo III – Fotos com Irmã Dulce	190
Anexo IV – Histórico do Projeto Esperança	191
Anexo V – Folder da 19ª FEICOOP	195
Anexo VI – Textos diversos da 19ª FEICOOP	197
Anexo VII – Projeto SUPERAR São Lourenço	202

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

Se um homem não puder ser valorado pela somação de suas realizações, que seja, então, pela simples condição de ser humano.

A construção desta Dissertação de Mestrado é como se fosse o relatório de um projeto de vida, há muito tempo concebido, e seu conteúdo está inserido na Educação Ambiental não Formal.

A pesquisa buscou analisar a importância da Ecosofia, filosofia ecológica criada por Felix Guattari, e constituída pelas três ecologias, conhecidas por: ecologia do meio ambiente, ecologia das relações sociais e ecologia da mente, também conhecida por ecologia da subjetividade humana.

Também pretendeu acompanhar, nas atividades do dia-a-dia, os empreendedores solidários, frente ao desafio de encontrar uma alternativa econômica que garanta a subsistência própria, de sua família e da sua sociedade e, paralelamente, seja capaz de promover um convívio harmonioso e respeitoso com a natureza. Incentivando a todos, trabalhadores e comunidade, para uma tomada de decisão consciente, capaz de fazê-los participar ativamente de um processo sócio-ambiental de mudança de mentalidade, comportamento e de valores.

1.1. A DISSERTAÇÃO

As políticas econômicas adotadas por muitos anos geraram, por conseqüência, o desemprego e com ele, o surgimento de tantos outros problemas sociais, como: saúde, educação, segurança, habitação, saneamento básico e tudo que decorre deles,

principalmente sobre os grupos que se encontram em situação de risco, por sua vulnerabilidade, enfim, essas causas são geralmente de origem política e serão com políticas que deverão ser enfrentadas.

Para efetivar a proposta dessa de pesquisa, foi necessário que tomasse a decisão, sustentada por alguns elementos fundamentais, na obtenção das respostas que desejava, como: a) que o objeto da pesquisa estivesse relacionado com a realidade vivida pelas comunidades que habitam as áreas de periferia das cidades, tanto na zona urbana, como na zona rural; b) que pudesse buscar e comprovar alternativas de geração de trabalho e renda para essas populações; c) qual seria o nível de comprometimento dos indivíduos que exercem atividades solidárias com os problemas relacionados à educação ambiental e ao meio ambiente; e, d) qual o grau da inter-relação existente entre a educação ambiental com o meio ambiente.

Desde muito cedo convivi e presenciei as maiores adversidades possíveis na vida das pessoas, famílias e comunidades. Essas situações me tocavam e eu não conseguia conceber, nem aceitar, como isso acontecia. Essa situação foi determinante na minha vida e este é a problemática que levanto para minha investigação neste PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.

Essas inquietações transformaram-se em provocações, de um passado não muito distante, e tomaram a forma de uma preocupação de natureza teórica, metodológica e empírica, reforçadas pela abordagem da educação ambiental, como base e fundamento da economia de solidariedade, ser alternativa viável da geração de trabalho e renda.

A Dissertação está dividida em cinco capítulos, dedicados à apresentação, às reflexões teóricas e metodológicas e a abordagem dos contextos de economia solidária e de educação ambiental, com a análise das pesquisas e dos seus significados.

E nessa apresentação da Dissertação, faço referência ao meu envolvimento com a economia solidária e com a educação ambiental que suscitaram a problemática e ao problema, propriamente dito, bem como os objetivos, que dão corpo a esta pesquisa e ao processo de investigação.

Iniciando o relato de algumas das experiências vivenciadas, no período de duração do Mestrado em Educação Ambiental, aproveito a oportunidade para inserir, neste primeiro capítulo, os elementos reais que foram determinantes para a escolha da

temática da pesquisa, com as principais relações do estudo, para o desenvolvimento do contexto central e entendimento desse processo investigativo. Este foi o Primeiro Capítulo.

A escolha dos objetos da Dissertação atendeu algumas questões que martelaram minha cabeça por muito tempo, provocando indignações e suscitando atitudes que visassem à reversão de quadro tão degradante vivido por uma sociedade afetada, de forma tão violenta, pela fome, miséria e pobreza extrema, responsáveis pela exclusão social, consequência direta do desemprego que jogou essas pessoas para as faixas mais baixas de pobreza.

O Segundo Capítulo está dedicado ao estudo da base conceitual da educação ambiental não formal, onde busquei analisar, fundamentar e sustentar, através de uma literatura conceitual e definidora e da legislação vigente que esta forma de geração de trabalho e renda se dá sobre os três pilares da Ecosofia: a ecologia do meio ambiente, a ecologia das relações sociais e ecologia da mente, criadas por Felix Guattari e disseminada por diversos estudiosos e a mim foi repassada pelo Professor Doutor Alfredo Guilherme Martín Gentini, meu orientador.

Diante da complexidade que se dá a economia solidária, o Terceiro Capítulo está voltado ao estudo da base teórica e da construção da legislação que orienta e define a economia solidária e a forma como se organiza funcionalmente, bem como dá os conceitos e os significados para associativismo, cooperativismo e empreendedorismo.

O aspecto teórico metodológico é abordado neste Capítulo, onde descrevi todo o processo de desenvolvimento da investigação realizada, desde o envolvimento com os grupos pesquisados, até a análise das informações coletadas e as conclusões finais.

Ainda neste Capítulo apresento a cidade de São Lourenço do Sul, nos aspectos geográficos e históricos, destacando a importância social de suas etnias e organização econômica, bem como os significados da economia solidária para esse Município e os empreendimentos solidários constituídos, fechando com a importância das políticas públicas existentes para essa forma de geração de trabalho e renda para a comunidade.

No Capítulo Quarto, apresento as pesquisas realizadas para a construção desta Dissertação, bem a importância e significados das pesquisas quantitativa e qualitativa.

A decisão de realizar a pesquisa quantitativa realizada no primeiro ano que freqüentei regularmente o Programa de Mestrado em Educação Ambiental, nos diversos eventos que participei a nível local, regional, estadual, nacional e internacional, permitiu a aproximação e o envolvimento necessários, com os trabalhadores solidários e, assim, conhecê-los melhor, suas famílias e suas organizações comunitárias, sejam elas associações ou cooperativas, bem como se constituem e se organizam, na produção e na comercialização, além da forma como praticam a educação ambiental e como se relacionam com o meio ambiente.

Por outro lado, o Capítulo Quinto ficou para a pesquisa qualitativa, realizada e relatada, especificamente, sobre a experiência e a prática dos empreendedores solidários de São Lourenço do Sul, aconteceu sob a influência de dois fatores bastante importantes: primeiro, por encontrar-se, a Economia Solidária, em ótimas condições de organização e funcionamento, pois conta com a ajuda decisiva da Prefeitura Municipal, dando apoio na criação, organização e funcionamento dos grupos estruturados em associações ou cooperativas de produção de bens e de serviços, inclusive, proporcionando assessoria técnica, através de convênios ou parcerias; e, segundo, porque havia sido recentemente, transferido, em meu trabalho, para exercer minhas funções profissionais nessa cidade.

Finalizo com o Sexto Capítulo, onde são relatadas as considerações finais e as conclusões tiradas de todo o processo investigativo.

1.2. MINHAS IMPLICAÇÕES COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Sou o sexto entre dez filhos de uma família de ex-operário bastante humilde.

O pai foi operário, estivador na cidade de Pelotas, e quando o porto foi desativado, em virtude de entrar em funcionamento o “super porto” da cidade de Rio Grande, ficou desempregado, gerando muitas dificuldades econômicas para a família e na criação e educação de seus filhos.

Inobstante todas as dificuldades vivenciadas, alguns destes filhos conseguiram ingressar na Universidade. Eu mesmo, com idade avançada, me formei em Ciências do Primeiro Grau, com Habilitações em Ciências Físicas e Biológicas e em Matemática e, com ela, garantir trabalho para o meu sustento e de minha família e, ainda, desenvolver outros estudos.

As inúmeras barreiras transpostas foram um grande aprendizado, desde cedo tive a consciência de que precisaria de um desempenho maior se quisesse alcançar algum objetivo e reverter aquele quadro que se desenhava como perspectiva de futuro, naquele tempo até a Escola Pública era paga, um valor baixo ou simbólico, mas representativo para quem, com frequência, não tinha o que comer em casa.

Na minha adolescência, gostava de observar as pessoas e as dificuldades por que passavam.

Hoje eu sei que, desde muito cedo, as questões sociais me perturbavam e eu vivia pensando e elaborando alternativas de soluções para esses problemas. Sempre fui muito tímido, introvertido e introspectivo e os problemas sociais que me atingiam, bem como o meio em que vivia, eram o alvo das minhas maiores reflexões, tudo tinha relação com questões humanas bastante profundas. Conheci de perto a fome, a miséria, o abandono e a violência, causados pela desigualdade social. Com bolsa de estudo e trabalhando, consegui estudar à noite. O meu envolvimento com Instituições Sociais foi uma decorrência das condições de vida que levava; ainda na juventude percebi que deveria fazer alguma coisa para que mais gente pudesse ter ou melhorar suas condições e qualidade de vida.

Foi na juventude que comecei a me encontrar.

Desde muito jovem me envolvi movimentos sociais, estudantis e de jovens, conquistando muitos amigos. Foi quando percebi que, se houvessem possibilidades, aquelas mesmas pessoas que vivem na miséria material, seriam abundantes do ponto de vista afetivo e espiritual e descobri que atuar nessa área me fazia feliz.

Durante o Ginásio e o 2º Grau me envolvi em campanhas beneficentes, como as da Liga Feminina de Combate ao Câncer, do Agasalho, Material Escolar, MOBREAL, etc. Sem perceber, estava promovendo as Três Ecologias de Guattari, pois ao me sensibilizar com as necessidades por que passavam diversas pessoas, que sequer

conhecia direito, da minha rua, do meu bairro ou da minha cidade, estava sendo tocado pela ecologia do meio ambiente; a reação contra aquele estado de coisas transportava-me às condições miseráveis de vida de cidadãos iguais a mim, era a construção da subjetividade por mim experimentada, isto é, era a ecologia mental em processo de afirmação; e participar de ações sociais que visavam diminuir o sofrimento daquelas pessoas, me proporcionou exercer a ecologia das relações sociais. Enfim, essa constatação, hoje, me identifica plenamente com esse filósofo de formação tão humanitária.

Certa vez fui convidado a Coordenar a campanha “Vamos pintar a nossa Escola” pela Direção do Colégio Municipal Pelotense, promovida por “Tintas Renner” e “Companhia Jornalística Caldas Júnior”, para Escolas de todo o Estado do Rio Grande do Sul, nas categorias Escolas Municipais, Escolas Estaduais e Escolas Particulares e fomos os vencedores estaduais na categoria das Escolas Municipais, sendo premiado com Portaria de Louvor pelo Secretário Municipal da Educação de Pelotas.

Particpei de diversas ações sociais do extinto MOBREAL e quando da expulsão dos agricultores invasores da Reserva Indígena de Nonoai, fui professor dos filhos daqueles, sempre como voluntário, e em reconhecimento, recebi Portaria de Louvor do Secretário Estadual da Educação.

Durante o período de 1984 a 1986, exerci funções de Coordenador Técnico no CSU/Areal – Centro Social Urbano, do Bairro Areal, em Pelotas, vinculado à Fundação Sul-Riograndense de Assistência Social – FUNDASUL, onde, entre outras atividades, criei o “Grupo de Idosos Recordar é Viver” e participei dos Grupos de Produção de Doces e Artesanatos Variados com pessoas carentes, moradoras do Bairro, orientados por Economistas Domésticas; esses trabalhos, além de gratificantes para mim, permitiu-me o contato com esses profissionais e perceber que suas atuações tinham muita importância para o encaminhamento de soluções na geração de renda, da autonomia econômica e da melhoria da qualidade de vida, através da economia solidária. Essa constatação, mais tarde, viria a mudar definitivamente minha vida.

O ano de 1988 deixou marcas profundas: a crise financeira, decorrente dos resultados desastrosos do Plano Cruzado, o excesso de trabalho, desempenhado para manter os estudos numa Universidade particular, entre outras situações vivenciadas,

levaram-me a um estresse sem precedentes e, com ele, a primeira crise de depressão, assim diagnosticada.

A consequência imediata foi um edema de papila, com hemorragia e processo inflamatório no fundo de olho com sintomas que levaram os médicos a um primeiro diagnóstico, o de suspeita de um tumor cerebral; submeti-me a uma Angiografia Cerebral e tive choque anafilático, era, ou fiquei, alérgico a Iodo, substância base no contraste; nove dias em coma e uma estória de vida repassada diariamente, e por diversas vezes, em questão de segundos.

Este período foi determinante na minha vida.

Outra hemorragia e o aumento do edema. E a perda quase total da visão de um olho. O desespero por pensar na vida acabando e não ter realizado aquilo que tanto sonhara: formar-me na universidade e constituir família. Prometi a mim e a DEUS que se tivesse oportunidade de formar-me e, pelo menos ter um filho, para não dizer que passei pela vida sem ficar, dedicaria um tempo da minha vida para realizar trabalhos sociais e a procurar o caminho da fraternidade e da solidariedade para com as pessoas menos favorecidas e mais necessitadas.

Em 1990, a vitória tão esperada.

A decisão de cursar a Faculdade de Ciências Domésticas aconteceu durante o período de tratamento médico (três anos), nas viagens mensais para Porto Alegre. A vida reorganizada, o casamento, a chegada do “Segundinho” em 1990 trouxeram-me a alegria, a felicidade e a paz desejada. Era a vida em recuperação. No final desse mesmo ano tive alta do tratamento que fazia em Porto Alegre, estava curado. Em janeiro de 1991, devido a greves freqüentes, conclui a Licenciatura em Ciências de Primeiro Grau, com Habilitação para lecionar Matemática.

Chegava a hora, então, de cumprir minha promessa.

Na minha cabeça, o desejo de agradecer, eternamente, os presentes recebidos de DEUS e durante algum tempo amadureci a idéia de fazer a Faculdade de Ciências Domésticas e dedicar parte da minha vida para realizar trabalhos sociais. Uma manifestação consciente e identificada com a proposta de micro-intervenções sociais, sugeridas por Félix Guattari, que inconscientemente pretendia, uma vez que desconhecia este pensador social.

Busquei organizar-me e inserir-me em grupos como voluntário, no início foi difícil, mas aos poucos fui conquistando outros espaços, especialmente no âmbito profissional.

Em 1992, ingressei na Faculdade de Ciências Domésticas, onde obtive Grau de Bacharel em Ciências Domésticas e Licenciatura em Economia Doméstica e em Educação Familiar, adquirindo conhecimentos que me facilitariam e credenciariam ao trabalho junto às populações carentes. Esta me preparou para atuar na organização e planejamento familiar, na administração do lar, na educação e defesa do consumidor, através dos Departamentos de Administração do Lar, de Ciência dos Alimentos, de Habitação e do Vestuário e Têxteis e suas subáreas, todas identificadas e relacionadas com a Educação Ambiental e com o Meio Ambiente.

Esta nova fase da vida trouxe muita satisfação, mas tinha a convicção de que ainda faltava alguma coisa. Algo que me provocasse inquietações e me arremettesse a buscar e enfrentar novos desafios.

Mas faltava algo, ainda não estava satisfeito.

Em 2003, Tomei conhecimento do PPGEA, aprofundi minhas informações e percebi que era nessa área que necessitava aprimorar meus conhecimentos, pois tinha toda identidade comigo, com minha formação acadêmica e com minha história de vida. E comecei a me preparar para mais este desafio.

A Educação Ambiental começa no útero materno e a qualidade de vida é condição essencial. Esta é a proposta e o fundamento da Economia Doméstica. Estou convicto que a minha formação acadêmica, a minha experiência de vida e a minha vocação profissional, serão fundamentais na pesquisa que pretendo desenvolver no PPGEA, pois são complementares.

Assim, ingressei no PPGEA, primeiro como aluno especial e cursei as disciplinas permitidas, fiz seminários e disciplinas como ouvinte, sempre na busca incessante dos meus objetivos. Essas disciplinas cursadas orientaram-me para alguns caminhos, descobertos nas leituras de Bronfenbrenner, Castoriadis, Deleuse, Galiazzi, Genebaldo, Guattari, Loureiro, Morin, Prietto, Reigota, Ruscheinsky, Vygotsky, entre outros, dando-me sustentação teórica para as atividades práticas que desejo desenvolver. Porém, foram as idéias e os conceitos de Guattari quem me seduziram.

No Mestrado, pretendo aprofundar e investigar os conhecimentos sobre as populações de periferia e as dificuldades enfrentadas por famílias de baixa renda para ingressar no mercado de trabalho, bem como propor alternativas de inclusão social para esses indivíduos, nos preceitos da ECOSOFIA.

Com este propósito, em 2010, ingressei regularmente no PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – optando pela EANF, linha de pesquisa da Educação Ambiental Não Formal, e considero-me preparado para atuar e pretendo me qualificar ainda mais, para agir na formação e inclusão de cidadãos, num mercado cada vez mais competitivo.

Estou determinado em minhas pretensões.

O aumento assustador da fome e da miséria, existentes nas populações mais carentes, exigem ações urgentes dos diferentes segmentos da sociedade, incluindo o universo acadêmico.

Este é o foco de minha proposta de pesquisa no PPGEA, isto é, buscar e propor alternativas de renda e da autonomia econômica para populações de baixa renda ou da inexistência dela, através da organização social e da reeducação desses indivíduos, com foco na produção de bens e de serviços, como forma de obtenção das condições necessárias para a sua sobrevivência e da sua família, observando e considerando, sempre, os preceitos de respeito à natureza, conservando-a e defendendo-a em todas as ações pessoais e coletivas.

Bem como, a busca de uma forma alternativa e independente de geração de renda, que proporcione às pessoas dignidade e auto-suficiência econômica, através da economia solidária, com fins de melhoria da qualidade de vida e garantias de inclusão e ascensão social dos cidadãos envolvidos.

Nunca estive acomodado.

A perseguição pela satisfação das necessidades básicas da sociedade, sempre foi minha grande inquietação, por isso a busca incessante de oportunidades e de novos conhecimentos, através do aprendizado formal, das trocas de experiências, da apropriação de novos saberes, foram constantes.

A participação como ouvinte, convidado, apresentador de trabalhos e painéis ou como coordenador de apresentações em Congressos, Cursos, Encontros, Fóruns,

Seminários, Simpósios na área da Educação e/ou Profissional, oportunizaram-me, cada vez mais, um melhor aprendizado.

A experiência adquirida motivou o objeto da pesquisa.

O aprendizado e a experiência acumulada geraram alguns trabalhos, apresentações e suas publicações, alguns deles, voltados para a Educação Ambiental, como o ECOGATO – Grupo de Educação Ambiental dos Gatos-Pelados, na organização anual do ECOEJA – Semana do Meio Ambiente dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, do Sábado Ambiental e do Junho Ambiental, todos no universo da comunidade escolar do realizados no Colégio Municipal Pelotense.

Além desses eventos relatados, outros dois de grande importância devem ser mencionados, como o Curso de Ambientalista Educador, patrocinado pelo MMA – Ministério do Meio Ambiente e realizado pelo CEA – Centro de Estudos Ambientais do Rio Grande do Sul e pelo GAMBA – Grupo de Ambientalistas da Bahia, ambas as Organizações Não Governamentais e os Cursos promovidos pelo Batalhão Ambiental, órgão da Brigada Militar, onde recebi a formação de Patrulheiro Ambiental Mestre, na condição de voluntário.

Colocar meus conhecimentos a serviço do ser humano é o compromisso.

Neste sentido venho trabalhando a mais de uma década, entretanto foi nos últimos anos que resolvi registrar alguns trabalhos, transformados em artigos e filmes apresentados em Congressos e Eventos de natureza educativa, profissional e social. A difusão dessa proposta tem apresentado resultados bastante promissores, que me estimulam a continuar, hajam visto alguns convites para a apresentação dos trabalhos, e para participar e orientar trabalhos voltados para essa área.

Exemplo documentado é o trabalho desenvolvido na EJA – Educação de Jovens e Adultos do Colégio Municipal Pelotense, com a construção da Disciplina Educação para o Consumo e Ambiental, por mim construída e ministrada no Ensino Médio e da construção do Projeto de Economia Doméstica que oferecerá cursos profissionalizantes aos alunos carentes do noturno e a organização para o trabalho associativo e solidário visando à geração de renda.

Este Projeto está em fase de estudos, pois necessita de recursos para a construção de uma cozinha industrial e salas de aula adequadas ao trabalho a ser

desenvolvido. A execução do Projeto tem um custo elevado para sua implantação e necessita de parcerias dos setores público e privado.

Membro da Comunidade Católica São Miguel Arcanjo, da Paróquia Senhor Ressuscitado, desenvolvi com a mesma, um Projeto de Economia Solidária, conhecido e batizado como MÃOS & PÉS – pois ficou projetado como um Movimento de Assistência e Organização Social (MÃOS) que desenvolverá um Projeto de Economia Solidária (PÉS), inicialmente na Comunidade local, por um período de implantação de aproximadamente três anos e depois transformado em Programa e estendido para as outras sete Comunidades pertencentes à Paróquia e quem sabe num futuro, DEUS queira não muito distante, faça parte de Programas Sociais de Outras Paróquias.

Este Projeto irá, primeiramente, reunir membros carentes da Comunidade São Miguel Arcanjo, se estendendo para outras pessoas do entorno, até se consolidar e terá como objeto maior, a produção de doces, artesanato variado, produtos de limpeza e prestação de serviços e contará com o apoio financeiro, inicial, para implantação, da CÁRITAS Arquidiocesana de Pelotas, mas buscará parcerias com o Poder Público e Privado e com o apoio técnico e voluntário de profissionais da Associação Brasileira de Economia Doméstica, da Secretaria Regional do Rio Grande do Sul, Secção de Pelotas, além de membros voluntários da própria Comunidade.

Enfim, a consagração de uma proposta de vida.

Hoje, sinto-me plenamente realizado, apesar alguns problemas de saúde que estão a exigir maiores cuidados e menos euforismos, exerço minhas atividades de magistério, tanto com a Matemática como com a Economia Doméstica, esta como voluntário, e tenho o reconhecimento de meus colegas, uma vez que, por eles, fui ungido, como Membro Efetivo do Conselho Federal de Economia Doméstica e Membro Titular da Associação Brasileira de Economia Doméstica.

Esta é minha história de vida, muitos obstáculos, mas recheada de vitórias.

O relato não é apelativo, apenas entendi que precisava contar que minha trajetória não foi fácil e que vontade, coragem e decisão nunca me faltaram. E será pela perseverança que chegarei lá. Cada indivíduo tem um propósito em sua existência, algo único e singular, que pode ser inserido no âmbito da realidade unicamente por essa

pessoa. Meu desafio foi descobrir qual o meu propósito e minha felicidade será realizá-lo.

Então, até lá!

1.3. A PROBLEMÁTICA E O PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO

A condição de pobreza ou de miserabilidade em que vivem parcela significativa da população brasileira, constituiu-se, para mim, o maior desafio. E durante toda minha construção, incluindo a formação acadêmica, encontrar alternativas de geração de trabalho e renda que pudessem reverter, ou pelo menos minimizar, aquele quadro tão deprimente, tornou-se para mim, verdadeira obsessão.

A Economia Solidária, como dispositivo de pesquisa tem, entre outros, os argumentos de uma experiência de vida, existente há mais de meio século, aliada à preocupação da manutenção de um processo de aprimoramento pessoal e profissional, somados a um ideal de vida estabelecido ao longo de uma existência.

Soma-se a isso, o entendimento de que está na Economia Solidária, a concepção de um espaço ideal para a efetivação da Educação Ambiental.

Por outro lado, a dificuldade de acessar referenciais, teórico e prático, sobre a Economia Solidária, atualmente com uma identidade disseminada, instiga e justifica a necessidade de pesquisas na área e a Educação Ambiental se apresenta como elemento presente e como tema emergente para estudos mais profundos. Bem como a relevância da contribuição científica inserida na experiência cotidiana dos trabalhadores solidários para a ampliação dos referenciais sobre estes assuntos.

Desta forma, a explicitação da Educação Ambiental, como elemento relevante no contexto da Economia Solidária, consolida e ganha força na idéia e na definição do objeto da pesquisa, ou seja:

“Qual a conscientização dos trabalhadores, por meio da organização de seus empreendimentos econômicos solidários, que promove a mudança nas relações sociais entre si e com a natureza?”

1.4. OBJETIVO PRINCIPAL

Investigar junto aos empreendedores solidários, nos seus diferentes espaços de atuação, como acontecem as relações de respeito existentes na comunidade e com o meio ambiente, a qualidade de vida própria, da sua família e da sua comunidade, bem como os significados dessa forma de obtenção de renda, na conquista da autonomia econômica da família, da comunidade e da sociedade como um todo.

1.5. OUTROS OBJETIVOS

- Investigar as formas de organização e de produção de bens e de serviços de pessoas e de grupos que utilizam a Economia Solidária como modo principal de obtenção da renda, bem como conhecer o seu perfil.
- Analisar os resultados obtidos por trabalhadores solidários e suas associações de economia solidária e a viabilidade de obtenção da autonomia econômica.
- Observar atividades que mostrem a preocupação que se deve ter de respeito ao meio ambiente, fauna e flora, e a necessidade de viver em harmonia com a natureza, preceitos básicos da educação ambiental não formal.
- Sistematizar e divulgar os estudos e experiências adquiridas nesta pesquisa, junto aos empreendedores e seus empreendimentos, referente à importância social e econômica de suas atividades, como alternativa de geração de trabalho e renda, numa sociedade cujo modelo econômico é promotor de tanta injustiça social e responsável pela fome e miséria dos indivíduos em situação de exclusão.

CAPÍTULO II

2. BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

“El término economía solidaria designa la subordinación de la economía a su finalidad: proveer, de manera sostenible, las bases materiales para el desarrollo personal, social y ambiental del ser humano. El valor central de la economía solidaria es el trabajo humano. La referencia de la economía solidaria es cada sujeto y, a la vez, toda la sociedad concebida también como sujeto. Por lo tanto, la eficiencia económica no se delimita por los beneficios materiales de una iniciativa, sino que se define en función de la cualidad de vida y de la felicidad de sus miembros y, al mismo tiempo, de toda la sociedad como sistema global. La economía solidaria, como una nueva forma de producir, de consumir y de distribuir, se propone como alternativa viable y sostenible, para la satisfacción de las necesidades individuales y colectivas.” (Galaz y Prieto, 2006, segunda capa).

Na apresentação do tema central da pesquisa, “A Ecosofia como sustentação da Economia Solidária”, tornou-se fundamental e necessário descrever e contextualizar a mudança ocorrida no mundo do trabalho com o advento da Economia Solidária.

Assim, é imprescindível expor alguns conceitos básicos e algumas implicações agregadas a esta mudança, que implicam no trabalho associativo, no cooperativismo, nos empreendimentos solidários e nos significados da economia de solidariedade.

Com a velocidade das transformações nos âmbitos tecnológicos, especialmente nas áreas da comunicação e da informatização, gerou uma mudança de paradigma vigente na economia capitalista, exigindo uma readequação à nova ordem econômica imposta.

As conseqüências destas transformações implicam, diretamente, na redução da mão-de-obra trabalhadora assalariada, na necessidade de uma maior qualificação desta e na capacitação de trabalhadores para funções operacionais e gerenciais.

Estas exigências provocaram desemprego em massa, a essência do modelo capitalista incita mudanças para manter e aumentar, sempre, a taxa de lucro. Estas mudanças incidem de forma decisiva no arranjo do mundo trabalho e dos trabalhadores, por conseqüência.

No decorrer dos anos, grande parcela de trabalhadores foi expulsa do mercado de trabalho, provocando significativo aumento da exclusão social, da pobreza, da marginalização e dos índices de desemprego, por conseguinte, da queda do poder de consumo da população.

Por outro lado, a insuficiência, ou inexistência dos serviços de atendimento às necessidades básicas, das populações mais pobres das cidades grandes e de porte médio, principalmente, são de enorme complexidade.

A fragilidade dos programas, quando existentes, de educação, saúde, segurança, trabalho, moradia, saneamento básico, entre outros, são certamente de origem política e devem ser enfrentados com políticas especificamente construídas no conjunto das instituições públicas e privadas e devem abranger o atendimento das necessidades mais urgente dessas populações.

“Encontra-se a crise da política em todos os escalões. Mais ainda, parece minada, esvaziada, por dentro, a noção de política: a administração, a técnica, a ciência, com suas modalidades de operação e de racionalização, não estariam substituindo, necessariamente, a antiga arte da política ?” [...] “Ao mesmo tempo, tendo avançado seu campo de ação à economia, à saúde, à prosperidade, ao bem-estar, a política parece muito mais tributária que soberana em face desses novos domínios.” [...] “Sim, é evidente que em certo sentido, a política se esmigalhou.” (Morin, 1969, p.10)

Decorrente dessas situações, torna-se urgente, propostas e alternativas de geração de trabalho e renda que contemplem e incluam os trabalhadores desempregados. Esta nova situação decorrente, entendida e permeada por relações mais solidárias e cooperativas, vem se concretizando, em múltiplas iniciativas, e denominada por muitos, como sendo o da economia de solidariedade.

A característica dos inúmeros empreendimentos de economia solidária suscita, potencializa e caracteriza uma racionalidade de identidade própria, tornando-se o rifão de um elo econômico baseado na solidariedade.

Entre os temas que comporão esta pesquisa estão a educação ambiental e a economia solidária, onde, inicialmente, serão expostas concepções acerca da educação ambiental, em seguida, elucida-se a visão da economia solidária, também serão apresentados referenciais teóricos sobre “As Três Ecologias” de Félix Guattari.

A complexidade diz respeito não apenas à família, mas também à sociedade, à ética e à prática, reconhece a importância do pensamento simples, mas busca o conhecimento multidimensional e suas interações processuais, individualmente insuficientes, devem ser consideradas de forma unitária e integral.

Para Morin, et Le Moigne (2000, p.207), “O pensamento complexo é o pensamento capaz de reunir, globalizar, contextualizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual.”

As constantes mudanças das formas de produção, aceleradas pelo processo de globalização, atingem, de forma contundente, os meios produtivos do Brasil, associado às instáveis políticas econômicas que reduziu consideravelmente a oferta de trabalho, trazendo consigo um grande número de desempregados.

A consequência foi o aumento de trabalhadores sem registro, isto é, trabalhadores sem vínculo empregatício e exercendo suas atividades de maneira informal. Paralelo a isso, soma-se a falta de uma formação mais qualificada, da mão de obra disponível, este tem sido o grande problema de parcela significativa da população brasileira. Esses fatos ocorrem, principalmente, pela ausência do Estado na proteção social dos trabalhadores.

2.1. A ECOSOFIA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

A proposta da pesquisa passou a se constituir realidade e ganha forma quando fui aluno do Seminário Transdisciplinar: “As Três Ecologias de Félix Guattari”, Disciplina do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade do Rio Grande – PPGEA/FURG – e está fundamentada na necessidade

detectada junto às populações de periferia, principalmente aos mais carentes, onde são verificadas as maiores necessidades sócio-ambientais.

Oportunizar-lhes um aprendizado alternativo e profissionalizante, de forma que estes se sintam mais estimulado, diante da perspectiva da aquisição de um conhecimento formal de qualidade e um treinamento complementar, de modo que obtenham, com o seu trabalho, individual ou familiar, ou, ainda, de forma cooperativada, uma melhor condição e qualidade de vida.

Félix Guattari (1930-1992) foi um filósofo, psicoterapeuta e militante francês e era dono de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor.

Em “As Três Ecologias”, uma das suas principais obras, Guattari faz uma intensa crítica, ao modo de viver contemporâneo. Analisa o empobrecimento das relações humanas, na diminuição das redes de parentesco, no comportamento padronizado, na ossificação da vida familiar enquanto que a paixão e a dependência pelas máquinas crescem cada vez mais.

Para Guattari, a única forma de superar efetivamente a crise civilizatória é por meio de uma articulação ético-política entre os três eixos da ecologia – o do meio ambiente, o das relações humanas e o da subjetividade humana.

“Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.” (Guattari, 2008, pg. 9)

Diante das evidências da necessidade de mudanças nos paradigmas de pensar o mundo, Guattari chamou a atenção para a urgência de repensar-se os fenômenos na sua origem, sob pena de ficarmos nas explicações das aparências. Certamente que esta visão, sustentada na teoria da Ecosofia, estimula a construção de uma nova ação a favor de todos. Uma ação que resgate valores como a solidariedade, a fraternidade e a cooperação que não podem ser apenas formais.

O pensamento da educação ambiental é herdeira dessa nova visão. Não só não pode ser formal como deve estar em permanente aprofundamento. A educação ambiental, para superar a fragmentação da modernidade, não pode, de forma alguma, contentar-se com a pura e simples transmissão de conhecimentos. É necessário ir além dos conceitos e conhecimentos consensuais.

Ao formular a tese das “três ecologias”: ecologia da mente, ecologia do meio ambiente e ecologia das relações sociais, a que chamou de “ecosofia”, Guattari apresenta sua profunda preocupação com o rumo que o planeta está tomando, acusando principalmente ao capital e ao desenvolvimento técnico-científico pela incontrolável exploração e imensa degradação.

Ecosofia é a junção de **eco** - logia com filo - **sofia** e refere-se a uma filosofia ecológica podendo assim considerar a Filosofia Ecológica de Felix Guattari que leva em consideração as três ecologias como sendo essencial a sua compreensão elevando a condição de que mesmo sendo três são todas ambientes.

Ecosofia também pode ser compreendida como a junção de duas palavras do grego ‘oikos’, ou casa; somado com a palavra do grego ‘sophía’, ou saber; ciência; sagacidade; habilidade manual. Onde ‘casa’ por derivação de ‘ecologia’ passa a ser compreendida como o espaço vital para o homem e a natureza.

Referindo-se à ecologia ambiental, Guattari é categórico no que se compreende a uma tomada de consciência frente aos problemas ambientais e a maneira de como podemos superá-los. Assegura que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis.

“As relações da humanidade com o ‘socius’, com a psique e com a “natureza” tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto” (Guattari, 2008, pg. 23).

Evidencia que a ecologia social consiste no desenvolvimento das práticas específicas que tendam a modificar e reinventar maneiras de ser no meio social, da família, da comunidade, da escola, do trabalho, do contexto urbano, da cidade, etc.

“A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais”, mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis micro-sociais quanto em escalas institucionais maiores” (Guattari, 2008, pg. 16).

No que concerne à ecologia mental, Guattari reinventa a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, referindo-se psicanaliticamente ao fantasma inconsciente, procurando antídotos para a uniformização midiática e telemática.

“O que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade ‘futuristas’ e ‘construtivistas’. O inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro” (Guattari, 2008, pg. 20).

Na ótica da ecosofia, os conceitos filosóficos de Guattari sobre as três ecologias, apontam neste contexto para a necessidade de articulação ético-estética e política desses três registros ecológicos. Suas teses são muito atuais e provocam debates importantes em diversas áreas, deveriam ser concebidas como sendo idéias específicas, ao mesmo tempo que são distintas uma das outras, partem do ponto de vista das práticas que as caracterizam.

Na quarta capa da obra *As Três Ecologias* de Félix Guattari (2008), encontra-se a citação: “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em virtude do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico, redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?”

Esta citação, bem descreve seu pensamento e sua preocupação, no que se refere aos rumos que a sociedade pós-moderna vem tomando. O desenvolvimento tecnológico,

associado com a evolução da informática, cada vez maior, somado com o crescimento demográfico, a aumentar, cada vez mais, o número de trabalhadores, com potencial de produção laboral, desempregados, aumentando, simultaneamente, o número de pessoas e famílias à margem da sociedade.

A consequência, direta, é a multiplicação dos problemas sociais de periferia e, principalmente, os problemas sócio-ambientais.

Então, será através de uma nova consciência ambiental que se orientará aos indivíduos, suas famílias e sua comunidade, incentivando-os a participarem ativamente da resolução dos problemas no contexto das suas realidades específicas, que buscam promover, ao mesmo tempo, uma mudança de mentalidade, comportamento e valores.

A educação ambiental apresenta uma identidade reconhecida na própria denominação, já que diz respeito ao fato de ser proposta como educação, no campo dos conhecimentos transdisciplinares.

Dessa forma, a educação ambiental é um processo educativo tendo em vista que as ações atuais dizem respeito e discorrem sobre a formação de novos valores, sobre a ressignificação da relação sociedade-ambiente e sobre a ressensibilização do ser humano e dos seus modos de viver, estabelecendo, dessa forma, um movimento transformador, isto é, um novo processo de educar.

A palavra ambiental não significa, simplesmente, as concepções meramente voltadas à conservação da natureza e para a recuperação das ações humanas sobre o meio ambiente, revelando apenas um caráter instrumental.

A expressão ambiental é muito mais do que isso, significa o ponto de convergência entre os diversos discursos que procuram romper com a educação consolidada e enraizada na sociedade em que vivemos, é um espaço propício para promover as mudanças necessárias para uma educação libertadora, tornando-se uma questão de compromisso social.

2.2. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os indivíduos que nasceram, principalmente em meados do século vinte, certamente ouviram muito dos seus educadores, os professores, pelos mais velhos e dos mais diversos órgãos de imprensa que o planeta estava sendo degradado de forma muito acelerada e que era preciso ações urgentes para mudar aquele quadro de destruição da natureza, para que, no futuro, as novas gerações não sofressem tantos problemas para garantir sua sobrevivência.

Aquelas advertências parecia obra de ficção, muitas vezes, tinham uma conotação politqueira, não sensibilizavam ninguém, parecia irreal. Já no final do século e no início deste milênio, as atuais gerações estão nascendo ou convivendo com tudo aquilo, antes tratado como ficção.

Então, a preocupação nos tempos atuais, fica na maneira de como preparar essas pessoas para conviverem com tantas e profundas mudanças nos seus hábitos de vida e na maneira de como devem se relacionar, doravante, entre si, com outras pessoas, ou com a sociedade e com o planeta, isto é, com os recursos naturais existentes, exatamente como era anunciado meio século atrás.

Certamente que, todas as respostas possíveis ou ações decorrentes, para solucionar esta questão, passam, obrigatoriamente, pela educação ambiental, formal e não formal ou informal.

Buscar e compreender a necessidade de estabelecer um padrão de viver onde poderíamos nos relacionar com os recursos naturais do planeta sem carregar o peso na consciência de que esta relação é cada vez mais desarmônica e oferecem sérios riscos para a conservação e a preservação dessas riquezas naturais.

Ter, definitivamente, a consciência de que a água que se consome, as mudanças climáticas, a origem dos conceitos ligados à biodiversidade e os serviços ambientais são a melhor maneira de envolver estas pessoas na procura por um modo de vida onde as coisas que dizem respeito à natureza, sejam vistas como parte integrante do cotidiano e não algo dissociado de nossas vidas.

a) EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL

Educação Ambiental é o nome atribuído às práticas educativas relacionadas à questão ambiental, e que se desenvolve na prática cotidiana dos que realizam o processo educativo. É desenvolvida no âmbito dos conteúdos curriculares das instituições de ensino públicas e privadas e que se estende por todos os níveis e modalidades de ensino.

Colocar em prática uma Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades da educação, em conformidade com os resultados de discussões empreendidas em nível internacional e com a atual legislação, constitui-se um imperativo não só diante das exigências legais, mas da necessidade de dar soluções à gravidade dos problemas socioambientais que afetam o planeta.

Porém, a educação ambiental não deverá se constituir em uma disciplina autônoma, ao contrário, deverá ser uma preocupação das diferentes disciplinas, conforme orientação da Organização das Nações Unidas, e que, em seus diferentes conteúdos, deverão vincular entre os diversos assuntos abordados, as suas respectivas repercussões no meio ambiente e esta deve ser uma preocupação presente em todo o processo educativo.

A preocupação com a preservação do meio ambiente é um tema que tem mobilizado nações, governos, a sociedade civil organizada e que está na lista dos assuntos mais debatidos no mundo, atualmente, pois os problemas derivados da degradação do meio ambiente têm tomado proporções planetárias, afetando e dizendo respeito a toda população mundial.

É fato que a ciência e a tecnologia melhoraram muito a vida do homem ao facilitar o trabalho, ao combater doenças, ao elevar padrões de vida. No entanto, tais conquistas têm resultado em crescentes pressões sobre o meio ambiente. Isso se deve ao atual modelo de desenvolvimento, o qual se baseia na desigualdade e não beneficia igualmente a todos desse progresso.

b) EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL

A educação ambiental não formal é aquela que se adquire no cotidiano, a partir das práticas no dia-a-dia, ou seja, não vem de fora para dentro do indivíduo, e está

constituída por um conjunto de comportamentos e ações de natureza educativa cujo objetivo é a sensibilização da coletividade sobre as questões pertinentes ao meio ambiente e à sua organização e participação na defesa da qualidade de vida.

Não existe um curso ou uma espécie de formação. Ocorre na proporção que a pessoa vai se envolvendo, na troca de experiências que realiza, no convívio social e nas ações coletivas, na participação em eventos e é na dimensão desses eventos que acontece um maior comprometimento com as práticas que realiza.

A educação ambiental não formal é um processo integrado e amplo cujo objetivo é a capacitação dos indivíduos para a ampla compreensão das diferentes repercussões ambientais das atividades humanas, tornando-os aptos a agir ativamente em defesa da qualidade de vida ambiental.

Atinge os indivíduos de forma particular, pelos meios de comunicação, podendo induzi-los à assimilação de comportamentos e novas atitudes. Esse processo desenvolve o senso crítico, valorizando o saber popular e facilitando a construção de um saber ambiental.

c) OS SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL

A educação ambiental não formal tornou-se uma ferramenta indispensável, na solução dos grandes problemas ambientais atuais e na necessidade de conscientizar os indivíduos para que se tornem atuantes e participativos na resolução desses problemas.

Representa papel importante na conscientização e sensibilização da sociedade, pois envolve a comunidade com atividades educacionais em defesa do meio ambiente propiciando melhor qualidade de vida. Contempla a comunidade como um todo, desde a população cuja faixa etária deveria estar no processo formal de educação escolar, como também a população não envolvida neste processo.

A educação ambiental que se prioriza neste trabalho é a que busca o encontro com a educação social, é a que possibilita ao ser humano o reencontro consigo mesmo e com o outro, com o mundo vivido, despertando um posicionamento crítico e solidário diante das problemáticas das relações sociais presentes na sociedade contemporânea.

De acordo com Loureiro (2006, p.21) os fundamentos da educação ambiental definem as premissas que orientam a tendência crítica destacada pela educação ambiental “como uma visão paradigmática diferenciada da e na educação e que, pela explicitação do contraditório, torna compreensível os diferentes modelos encontrados em projetos e programas formais, informais e não formais”.

Isto se faz necessário para melhor compreender os fundamentos históricos, antropológicos, sociológicos e filosóficos (éticos e epistemológicos) da educação ambiental, considerando que os mesmos são importantes na definição e na busca da mudança de valores, conhecimentos, habilidades e comportamentos almejados na transformação da crise socioambiental.

Na visão sociológica da Educação Ambiental, é válido ressaltar que a ênfase está no sentido transformador e libertador da educação, alicerçada pelos aspectos culturais, históricos e políticos. Para Loureiro (2006, p.36), é necessário que haja uma relação dialógica entre as ciências sociais e as demais ciências. Para este autor, é imperativo que exista uma compreensão da dinâmica da vida e, “das relações ecossistêmicas, do fluxo e intercâmbio energético e material, da capacidade de suporte ambiental, da especificidade humana histórica e cultural na natureza e do modo como produzimos e nos organizamos em sociedade”.

Dessa forma, é necessário compreender que o ser humano é um ser complexo, visto que existe uma gama de condicionamentos na construção de cada ser humano pelas interações com o meio em que atua. Assim, pode-se dizer que o indivíduo é um “ser construído pelas relações entre o biológico, o cultural, o econômico, o político e o histórico” (LOUREIRO, p.37).

Nesse sentido, para Loureiro a educação ambiental tem o papel de promover a discussão com as diversas visões ecológicas para que sejam compreendidas, problematizadas e reunidas na sociedade de maneira global e um processo de integração, excluindo, assim, a possibilidade de se ter uma única concepção adotada como verdadeira.

Na educação ambiental, de acordo com o Loureiro (2006), têm-se dois grandes blocos filosóficos que, referem-se à compreensão do significado de realidade e até mesmo o que é real e como se concebe a realidade. O primeiro diz respeito a uma

“fundamentação metafísica que acredita na existência de um mundo das formas puras e na possibilidade da construção de um método unificador que possibilita desvelar a essência atemporal da natureza”. O segundo bloco se preocupa com a “busca da essência no próprio mundo natural, no qual a humanidade se insere e a partir da qual a abordagem transformadora e emancipatória da educação ambiental se consolidou.” (LOUREIRO, 2006, p. 39).

De acordo com o pensamento de Loureiro (2006), a sociedade atual vivencia uma crise ambiental decorrente de uma crise civilizatória antecipada por uma crise ética, devido à “ausência de valores entre os seres humanos”. É um ciclo consolidado pelo próprio humano e que exige uma nova conduta para que exista a inversão de paradigmas e visões de mundo, na perspectiva da criação de um saber ambiental, buscando o espaço propício entre os sistemas sociais para se efetuar a discussão aprofundada a respeito das raízes e causas da crise ambiental.

Para Loureiro (2006), a educação ambiental deve ser o elemento de transformação social embasada no diálogo, no exercício de cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de projetos coletivos comunitários, na superação das formas de dominação social e cultural, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

Existe uma semelhança no discurso do autor com o pensamento complexo de Morin (2001, p. 114), pois há a necessidade de empenhar-se para que a “espécie humana, [...] se desenvolva e dê, finalmente, com a participação dos indivíduos e das sociedades, nascimento concreto à Humanidade como consciência comum e solidariedade planetária do gênero humano”.

Na educação ambiental a ação está associada a um processo constante de reflexão crítica, tornando-se essencial para a prática da democracia, alicerce da educação para a conscientização, onde estão evidentes os aspectos políticos das realidades socioambientais. Dessa forma, a educação ambiental é um processo coletivo que tem em sua base o diálogo para atingir o objetivo desejado com alternativas socioambientais, favorecendo a harmonia e o equilíbrio entre sociedade e natureza, entre o ser humano e o seu meio.

A educação ambiental é mais que o ensinamento de comportamentos adequados e de conteúdos científicos. Ela preceitua a urgência de despertar nos homens um olhar sobre si próprio e o reconhecimento na expressão de suas dimensões não conceituais, fundadas no pensamento ético do respeito ao outro e ao mundo.

Ruscheinsky e Costa, (2002, p.82) chamam a atenção para que “a educação ambiental deve lidar com todos os aspectos da vida do cotidiano, como um sujeito em construção, no vir-a-ser consciente de seu tempo e de suas exigências de seu espaço”. Para tanto, é necessário que sejam criadas oportunidades do homem reconhecer-se como cidadão e entender que o mundo é de todos, aceitando conscientemente a responsabilidade das suas ações e as relações ambientais que indiquem a atuação de um sujeito realmente ético, no ambiente em que vive. “Sendo assim, a verdadeira educação ambiental deve pertencer à comunidade, partindo dela e a ela retornando”.

Igualmente Loureiro (2006), cita que a educação ambiental deve ser o caminho da transformação social fundamentada no diálogo, no exercício pleno da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos e das instituições, na superação das formas de dominação social e cultural, na criação de projetos coletivos comunitários, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

2.3. A LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA

A Constituição Brasileira estabelece que seja obrigação do Estado à promoção da educação ambiental como condição à preservação ambiental e de evitar que sejam causados danos ao meio ambiente.

a) A CONSTITUIÇÃO FEDERAL

A Lei maior do Brasil, a Constituição Federal, abarca, no Capítulo VI, e faz referência às questões do Meio Ambiente, no Art. 225. Este artigo diz, no caput, que: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.”

Complementam esse artigo seis parágrafos e inúmeros incisos, cada um com suas Leis Regulamentares, acrescidas por Decretos-Lei e Medidas Provisórias.

A Constituição Brasileira estabelece, especialmente, no primeiro parágrafo do caput: “Para assegurar a efetividade desse direito, Incumbe ao Poder Público: [...] inciso VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.” Isto significa que é uma obrigação do Estado à promoção da educação ambiental em todas as formas que possa acontecer como condição à preservação ambiental e de evitar que sejam causados danos ao meio ambiente.

A educação ambiental consiste ser o instrumento mais eficaz para a verdadeira aplicação de iniciativas importantes de prevenção, de conservação e de preservação do meio ambiente, mas não se limita a ser um instrumento poderoso para a efetivação do princípio da prevenção, mas consiste, igualmente, numa ferramenta absolutamente imprescindível para a sua objetivação.

Por isso, é considerada como um processo educativo, como um elemento capaz de fazer com que o ser humano possa conviver e compreender os riscos, benefícios e vantagens que determinados empreendimentos nas suas interfaces possam trazer para uma determinada comunidade.

A educação ambiental, nos termos da lei, é considerada “um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

b) A LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999

De acordo com o Artigo 13 da Lei nº 9.795, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, define-se por Educação Ambiental Não Formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

A educação ambiental, nos termos da lei, é considerada “um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma

articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Uma implementação adequada de amplos processos de educação ambiental é a maneira mais eficiente de evitar que sejam causados mais danos ao meio ambiente. É salutar que a educação ambiental esteja presente no processo de escolarização e que as repercussões ambientais da atividade humana estejam sempre em evidência. Aliás, isto é mais do que salutar, é altamente desejável.

A educação ambiental não formal representa papel importante na conscientização e sensibilização dos indivíduos, pois envolve a comunidade com atividades educacionais em defesa do meio ambiente propiciando melhor qualidade de vida para todos.

Além de ser abordada na escola, dentro do chamado ensino formal, é necessário que a educação ambiental seja praticada na chamada educação não-formal, fora da sala de aula, pois ela é um processo que não se apresenta em formato de curso, mas que valoriza o saber popular e facilita a construção de um saber ambiental.

Um dos campos de ação da educação ambiental não formal abrange a aprendizagem que ocorre no âmbito da participação social e em ações coletivas, nisso demanda um processo de aprendizagem de conteúdos não escolares, mas que acontece em espaços associativos e nos movimentos sociais organizados.

A Educação Ambiental seja ela Formal ou Não Formal, posto que é única e que esta distinção é feita apenas para diferenciar, onde ela é realizada, se acontece num ambiente formal de ensino ou ultrapassando os limites dessa fronteira. Deve apresentar caráter contínuo e permanente, cujas ações sejam sustentáveis e que envolvam a participação da comunidade e tenha como prioridade a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, comprometidos com a formação de uma sociedade socialmente justa.

Cada comunidade possui diferentes necessidades, isso reflete diretamente no meio ambiente, dessa forma, a educação ambiental não formal deve começar pela realidade da comunidade, levando em conta seus aspectos sociais, culturais, econômicos e ecológicos, despertando seu enfoque multidisciplinar e sistêmico para que realmente seja consistente.

Deve sensibilizar os indivíduos, disseminando e socializando conhecimentos e valores entre todos os grupos sociais, introduzindo e promovendo a construção de novos valores, novas atitudes em relação ao meio ambiente, novas condutas perante a sociedade, viabilizando uma nova interpretação do mundo e de sua realidade, de forma a perceber a dinâmica sócio-ambiental que relaciona o local com o global.

2.4. A ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária trata o tema da ecologia como base do desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade e a solidariedade são temas emergentes, convergentes e muito atuais que precisam ser assumidos por todos. Diálogos com Irmã Lourdes.

O nascimento do sistema capitalista trouxe consigo a exploração do trabalho humano, levando os trabalhadores a organizarem-se, inicialmente, em sindicatos, mais tarde, em empreendimentos sob a forma de cooperativas.

Os sindicatos tinham o objetivo de fazer a defesa e lutas por conquistas de vantagens e direitos dos trabalhadores assalariados, enquanto que os empreendimentos cooperados tinham a auto-gestão como forma alternativa ao trabalho assalariado. Surge, então, a economia solidária.

Hoje, a economia solidária representa o resgate e a defesa da luta histórica dos trabalhadores contra a exploração do trabalho humano e a maneira de organização das relações entre os próprios trabalhadores e destes com a natureza.

Num estudo mais amplo, a economia solidária ressurge sob diversos outros títulos, tais como: economia social, socioeconomia solidária, humanoeconomia, economia popular e solidária, economia de proximidade, economia de comunhão entre outras, neste contexto, independente da diversidade cultural e de origem, surgem práticas econômicas e sociais, que promovem o convívio e a melhora da qualidade de vida para milhões de pessoas em todo o planeta.

No Brasil, de acordo com a Carta de Princípios (2003), aprovada pela III Plenária Nacional da Economia Solidária, encontramos: “Embora a economia solidária tenha começado a se constituir de forma mais representativa na década de 80, com o surgimento de várias cooperativas, empresas de autogestão e outros empreendimentos congêneres, o espaço de discussão e articulação nacional começou a ser formado durante as atividades de economia solidária, no I Fórum Social Mundial.”

Com o apoio do Governo do Rio Grande do Sul, entidades de representação nacional, decidiram constituir um Grupo de Trabalho Brasileiro de Economia Solidária – GTBS – para organizar as atividades dessa área no II e III Fóruns Social Mundial, que reuniu várias iniciativas e entidades nacionais e organizações e redes internacionais vinculadas à temática. O GTBS tornou-se a referência nacional e internacional para as atividades do Fórum Social Mundial e outras iniciativas.

Com a eleição do Presidente da República do Partido dos Trabalhadores, o GTBS programou uma reunião nacional ampliada para discutir a economia solidária no futuro governo, essa reunião aconteceu em novembro de 2002 e teve como demanda, uma Carta ao Presidente eleito, sugerindo a criação de uma Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES – também nessa reunião foi decidida a realização, já em dezembro, da 1ª Plenária Nacional de Economia Solidária.

A 1ª Plenária Nacional referendou a Carta produzida em novembro e deliberou realizar a 2ª Plenária Nacional, durante o III Fórum Social Mundial, para discutir a criação de um Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES.

A 2ª Plenária Nacional foi realizada durante o III Fórum Social Mundial, em janeiro de 2003 e nela foi deliberado a criar o FBES em outra Plenária Nacional, pois teria que ser precedida de encontro estadual em quais seriam construídas as discussões para o nacional e seriam eleitos os seus delegados.

O FBES foi criado na 3ª Plenária, em junho de 2003, na ocasião foi criado a SENAES no Ministério do Trabalho e, ambos, apresentam demandas, sugerem políticas e acompanham a execução das políticas públicas de economia solidária.

Da Carta de Princípios da Economia Solidária (2003), no item dos Princípios Gerais, encontra-se e destaca-se que:

“A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo e isto requer a solidariedade entre cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.”

“A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana.”

Nos itens, acima mencionados, referentes aos Princípios Gerais, encontram-se muito bem definidos a importância social da Economia Solidária. São pontos de destaque a busca de uma melhor qualidade de vida, através do consumo consciente e equilibrado para todos, decorrentes de uma proposta que inclui a geração de trabalho e renda e a capacidade de resgatar a dignidade dos indivíduos, com a eliminação das desigualdades materiais e a construção de valores fundamentados na solidariedade.

Em outros parágrafos selecionados e descritos logo abaixo, destacam-se a preocupação com a obtenção do desenvolvimento sustentável, dos indivíduos e da própria natureza. Nessa ótica, a Economia Solidária se constitui numa proposta economicamente viável, promotora da justiça social e da qualidade de vida de todos os envolvidos, que além da satisfação material, posto que cumpre um papel social, garante, com eficiência, a qualidade de vida Planetária, com o desenvolvimento sustentável.

“A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida.”

“Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.”

Ainda na Carta de Princípios, nos itens voltados para o Desenvolvimento de Cadeias Produtivas Solidárias, destacam-se tópicos que justificam a preferência por esta forma de economia possível, já que permite a articulação os diversos elos de cada

cadeia produtiva em redes de agentes que se apóiam e se complementam, vejamos alguns tópicos:

“Articulando o consumo solidário com a produção, a comercialização e as finanças, de modo orgânico e dinâmico e nível local até o global, a economia solidária amplia as oportunidades de trabalho e intercâmbio para cada agente sem afastar a atividade econômica do seu fim primeiro, que é responder às necessidades produtivas e reprodutivas da sociedade.”

“Consciente de fazer parte de um sistema orgânico e abrangente, cada agente econômico busca contribuir para o progresso próprio e do conjunto, valorizando as vantagens cooperativas e a eficiência sistêmica que resultam em melhor qualidade de vida e trabalho para cada um e para todos.”

“A partir da decisão com representantes da comunidade sobre a eficiência social e o uso dos excedentes, permite que se façam investimentos nas condições gerais de vida de todos e na criação de outras empresas solidárias, outorgando um caráter dinâmico à reprodução social.”

“A economia solidária propõe a atividade econômica e social enraizada no seu contexto mais imediato e tem a territorialidade e o desenvolvimento local como marcos de referência, mantendo vínculos de fortalecimento com redes da cadeia produtiva (produção, comercialização e consumo) espalhadas por diversos países, com base em princípios éticos, solidários e sustentáveis.”

A economia solidária trás, na sua essência, a possibilidade de garantir a auto-sustentação dos indivíduos que ficaram à margem do sistema econômico, oficialmente instituído e, na seqüência, é capaz de promover a organização dessas pessoas, em torno da oportunidade de recuperação dos valores perdidos, numa concorrência fria e desumana, que deixa marcas profundas naqueles que não possuem condições próprias de acompanhar o ritmo, ou de suportar toda a carga que lhe é jogada por cima, quando não reúne as condições necessárias para competir em situação de igualdade.

A organização das pessoas que se encontram excluídas do mercado de trabalho, em torno de um projeto de Economia Solidária, poderá ser o caminho para a sua viabilização sócio-econômica, tanto na geração do trabalho e da renda, como para, inclusive a obtenção da autonomia econômica.

E finalmente, temos: “A economia solidária, nas suas diversas formas, é um projeto de desenvolvimento destinado a promover as pessoas e coletividades sociais a sujeito dos meios, recursos e ferramentas de produzir e distribuir as riquezas, visando à suficiência em resposta às necessidades de todos e o desenvolvimento genuinamente sustentável.”

Concluindo este comentário sobre a economia solidária, sua origem, princípios e conceitos norteadores, enfim sua história e afirmação em um Estado democrático, baseados na Carta de Princípios aprovada em junho de 2003, no Brasil, podemos, ainda, afirmar que: a economia solidária constitui-se no setor econômico alternativo para a sociedade dos excluídos, diferente da economia estatal e economia capitalista, mas que, por certo, fortalece o Estado democrático com a eclosão de um novo agente social, capaz de alavancar, de forma evolutiva e constante, através das novas regras de direito e de regulação social, em seu próprio benefício.

Assim, a economia solidária torna-se o contraponto dos modelos vigentes e seus conceitos de riqueza e dos seus indicadores da sua avaliação que se restringem às estatísticas de valor produtivo e mercantil, desconsiderando os aspectos humanitários e solidários que consideram outros valores fundamentais, como de justiça social, cultural e ambiental numa atividade econômica.

Por fim, a economia solidária não pode ser confundida com o chamado “Terceiro Setor” que substitui o Estado nas suas obrigações e inibe a emancipação dos trabalhadores enquanto sujeitos protagonistas de direitos.

Nesta ótica, a economia solidária afirma a emergência de um novo ator social e transforma o trabalhador solidário, num novo sujeito no contexto histórico atual.

O homem, na sua imensa necessidade de sobrevivência e adaptabilidade, vem a cada dia buscando meios compatíveis para crescer e manter a sua família. Nessa busca ele inclui a sua comunidade, o meio em que vive e se relaciona diuturnamente.

Mas, para viver dignamente, ele necessita de associação em todos os sentidos; na família, no trabalho, no lazer, na formação educacional, no amor, na fé e nas relações harmônicas com o meio ambiente. O homem é um ser sociável e ele sempre irá buscar associar-se para que sua vida tenha sentido.

Toda a ação de inclusão social, por maior e melhor elaborada que seja, será insuficiente para um País de tantas carências como o Brasil. Por outro lado, o governo não pode ser o pai de todos os carentes e necessitados. É importante e indispensável o apoio da estrutura governamental, mas, não pode ser encarada e considerada como a muleta de sustentação para o resto da vida dessas pessoas, daí a necessidade da aprendizagem da autogestão.

Todo ser humano é dotado de capacidade de sobrevivência; uns com maiores potenciais e outros com menores, mas ninguém é totalmente desprovido dessa virtude. É dentro deste contexto que o homem busca suas próprias alternativas de vida.

Fica claro que ninguém pode viver isoladamente, sem recursos suficientes, com a falta de oportunidade numa sociedade excludente, então só resta uma alternativa ao homem: associar-se.

Existem outras maneiras de organização dos trabalhadores solidários que, embora tenham funções jurídicas diferenciadas, possuem uma característica comum: para existir, todas precisam que seus componentes se associem. E este se tornou um dos referenciais de estudo desta pesquisa.

A compreensão do significado das diferentes formas de relações sociais, na organização dos trabalhadores em economia solidária na cidade de São Lourenço do Sul e os significados da Educação Ambiental, bem como o zelo pelas questões relativas ao Meio Ambiente, será o meu trabalho de campo.

2.5. ASSOCIATIVISMO, COOPERATIVISMO E EMPREENDEDORISMO

Muitos trabalhadores, hoje, optam por este tipo de trabalho no campo e na cidade. No campo pela produção orgânica, cuidado com a Mãe Terra e o resgate da semente crioula, levando na mesa do consumidor produtos de saúde e de vida. Na cidade surgem às formas mais criativas de trabalho cooperativado são práticas interativas, atraentes e autogestionário, levando em conta o Meio Ambiente. Diálogos com Irmã Lourdes.

O conceito de associativismo está relacionado à adoção de métodos de trabalho que estimulem a confiança, a ajuda mútua e o fortalecimento do capital humano, enquanto que o cooperativismo está ligado à união de pessoas para o atendimento de aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de sociedade coletiva.

Já o empreendedorismo é o processo de criar ou fazer algo diferente e com valor, dedicando tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação econômica e pessoal, por conseguinte, o papel do empreendedor é de identificar oportunidades, agarrá-las e buscar os recursos para transformá-las em negócio lucrativo.

a) ASSOCIATIVISMO

Associar-se é unir-se a outros. É uma forma alternativa para buscar soluções coletivas, isto é, o papel principal da associação é a união de pessoas em busca de resolver aquilo que, individualmente, na maioria das vezes torna-se inalcançável. Uma associação de trabalhadores legalmente constituída tem força laboral para mudar a realidade excludente de qualquer sociedade carente e necessitada, em conseqüência disto as suas comunidades serão transformadas.

b) COOPERATIVISMO

Deriva da palavra cooperação. É uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos.

A cultura cooperativista busca desenvolver a capacidade intelectual das pessoas de forma criativa, inteligente, justa e harmônica, visando à melhoria contínua. Os seus

princípios se fundamentam na busca pelo resultado econômico e o desenvolvimento social, ou seja, a melhoria de qualidade devida.

As cooperativas são baseadas em valores de auto-ajuda, auto-responsabilidade, igualdade, equidade e solidariedade. Somam-se a estes, os valores éticos da honestidade, abertura, responsabilidade social, cuidado com o próximo e cuidado com o meio ambiente.

E seus princípios fundamentais, são: a adesão livre e voluntaria, gestão democrática, participação econômica dos associados, autonomia e independência, educação, formação e informação, cooperação entre cooperativas e preocupação com a comunidade e o meio ambiente.

Pode-se afirmar, sem nenhuma dificuldade, que o cooperativismo é o braço de sustentabilidade do associativismo com uma função a mais: o econômico.

c) EMPREENDEDORISMO

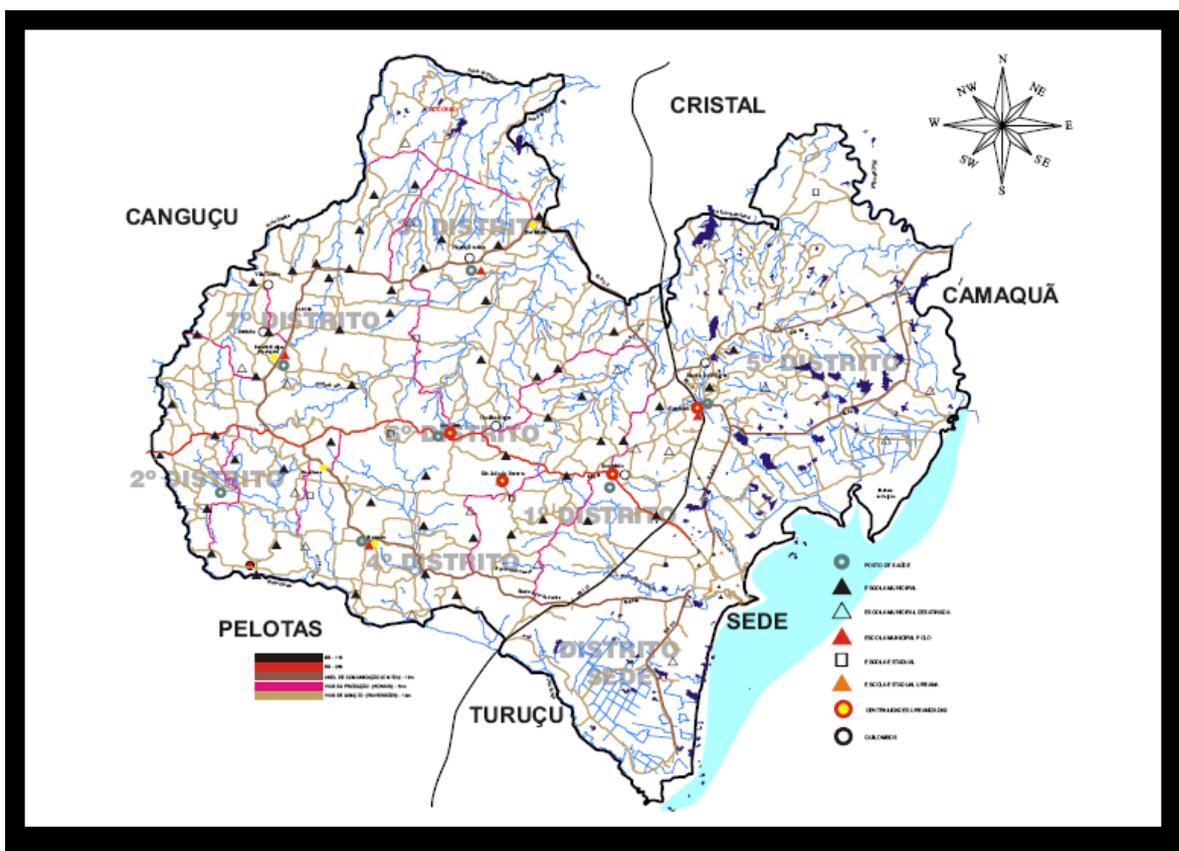
É identificado como um fenômeno individual. A expressão empreendedora se constrói em torno do que é valorizado numa sociedade. Da mesma forma que os fenômenos religiosos, o empreendedorismo desenvolve-se onde existe um conjunto de atores sociais capazes de arregaçar as mangas e apostar numa idéia.

É nesse momento que o cooperativismo alia-se ao empreendedorismo, pois a empresa cooperativa tem por objetivos estimular o desenvolvimento progressivo e a defesa das atividades econômicas e sociais de seus associados, por meio da ajuda mútua ou coletiva.

As ferramentas estão disponíveis: A Associação agrupa, organiza e protege politicamente. O Cooperativismo estrutura, organiza e estabelece normas de conduta, valores, princípios e responde economicamente. O Empreendedorismo dinamiza e abre novas perspectivas na geração de trabalho e renda, dentro do mercado competitivo.

CAPÍTULO III

3. SÃO LOURENÇO DO SUL: HISTÓRIA, GEOGRAFIA, ETNIAS, ECONOMIA, SOLIDARIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS



A história de São Lourenço do Sul começa no final do século XVIII, situada entre Lagoa dos Patos, Turuçu, Pelotas, Cristal, Camaquã e Canguçu, formada por uma extensa planície de campos e serra. Na vasta planície de campos, estabeleceram-se as estâncias de gado para a produção do charque. Essa produção cabia aos escravos africanos, com grande presença na região.

A cidade de São Lourenço do Sul, cortada pelo rio que recebeu o mesmo nome, tem significado histórico, na região, bem como o rio que, por sua localização estratégica, foi utilizado para operações militares durante a Revolução Farroupilha.

Finda a Revolução, estimulado pela navegabilidade do Rio São Lourenço, José Antonio de Oliveira Guimarães estabeleceu sua fazenda na margem esquerda do rio e doou parte de sua propriedade para que fosse estabelecida, ali, uma vila.

A concentração humana existente, na região, ficava na encosta da Serra dos Tapes, desde o erguimento de uma capela nos primeiros anos do século XIX, mais tarde foi erguida uma igreja que recebeu o nome de Imaculada Conceição do Boqueirão, cuja povoação era composta principalmente por escravos alforriados, ex-agregados das fazendas, pequenos mercadores e soldados dispensados do exército.

A partir da segunda metade do século XIX, com a formação de uma sociedade colonizadora entre o fazendeiro José Antonio de Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz é que se iniciou a imigração alemã para a região. Ambos fundaram a colônia de São Lourenço, na Serra dos Tapes, com limites a 25 km do porto local.

Foi por esse porto que começou a chegar centenas de alemães, principalmente os nativos da região da Pomerania, para ocupar as matas daquela Serra, as transformaram em terras aráveis e escoaram pelo porto, a maior produção de batata inglesa da América Latina, durante décadas.

Os pomeranos formam uma etnia composta por descendentes eslavos e germânicos que habitam uma região entre a Alemanha e a Polônia, onde está a maior parte do seu território atual, denominado, atualmente, por Pomerânia Oriental.

Essa região foi devastada durante a Segunda Guerra Mundial e ao final da Guerra, uma pequena parte ficou na Alemanha Oriental, controlada pela União Soviética e a maior parte do território foi anexado à Polônia. Muitos se refugiaram na Alemanha ocidental, outros emigraram para os Estados Unidos da América, para a Austrália e para o Brasil.

No Brasil, sua maior concentração está no Estado de Santa Catarina, depois, no Espírito Santo, primeiro Estado Brasileiro onde aportaram e no Estado do Rio Grande do Sul, onde se estabeleceram, principalmente, nas cidades de Pelotas, Arroio do Padre, Morro Redondo e São Lourenço do Sul. Nessas cidades, está presente e é muito forte e

marcante sua cultura e tradição. A origem desse povo, historicamente, é marcada pela busca de um espaço para viverem.

Em 1890 fica estabelecida, definitivamente, a sede do município de São Lourenço do Sul, às margens do Rio São Lourenço e, somente em 1938, eleva-se à condição de cidade.

É evidente que a economia de São Lourenço do Sul ficou caracterizada pela força laboral escrava, inicialmente pela pecuária e agricultura de subsistência, mais tarde, com a chegada dos colonizadores alemães, a agricultura ganhou maior impulso.

Hoje, destacam-se, além da agricultura e da pecuária, um comércio pujante, representado por comerciantes locais e diversas empresas com grandes lojas do Estado e do País e outro modelo de economia, diferente do modelo colonialista e escravagista da sua fundação, capaz de resgatar e dar dignidade às pessoas em condição de exclusão social e oferecer oportunidade de recuperação e promoção social, política e econômica aos pequenos empreendedores, tanto da zona rural como da região urbana da cidade: a economia solidária.

3.1. METODOLOGIA E APROXIMAÇÃO AOS EMPREENDEMENTOS SOLIDÁRIOS

Obtida a aprovação no processo seletivo de 2009, como aluno regular no PPGEA, deu-se prosseguimento, de imediato, a linha e a temática da pesquisa para a construção da dissertação, cuja proposta ficou definida como: A busca de alternativas de renda para populações de periferia e as trilhas da educação ambiental.

Para organização e desenvolvimento da pesquisa comecei escolhendo a economia solidária como objeto de observação e análise empíricas, tomando como ponto de partida o período de duração do próprio Mestrado, ou seja, os anos de 2010 e 2011, sendo posteriormente prorrogado até 2012.

Ao dar início no estudo da maneira, sobre a qual se desenvolve a economia solidária no município de São Lourenço do Sul, no começo foi necessário fazer uma

reflexão sobre os conceitos e práticas existentes neste modelo de organização econômica, tendo em vista que as iniciativas e experiências vivenciadas, junto a outros empreendimentos, com empreendedores e gestores, nos diversos eventos visitados e questionados, anteriormente, que estes se restringem, meramente, à comercialização solidária.

Nesta prática, cada produtor, organizado sob forma de associação ou cooperativa, participa, de forma coletiva, em feiras, eventos em geral e de espaços concedidos para comercializar seus produtos e o ganho é próprio e pessoal, isto é, o que é produzido pelo trabalhador, dito solidário, após sua comercialização, tem o retorno integral da renda, gerada por seu produto, para si próprio.

Por conseguinte, quem produziu e vendeu, ganhou e quem produziu e não conseguiu comercializar, não só não obteve ganho, como arcou sozinho com o prejuízo do investimento da sua produção.

Os princípios que norteiam as diferentes práticas tidas como solidárias, pelas organizações existentes, são pouco convincentes ou elucidativas nesse aspecto e, invariavelmente, sustentam-se, apesar dos múltiplos e complexos contextos, unicamente à comercialização como elemento solidário. Isso se deu porque, inicialmente, precisava-se de um referencial, e tinha-se a idéia de que para ser solidária, bastava existir o produtor, ou o empreendedor.

Por outro lado, entendia-se que a solidariedade deveria ser uma prática já no ponto de partida, ou seja, tinha que começar pela estruturação de um núcleo de produtores, pela organização dessa produção e terminar com ações, também coletivas dos grupos existentes, na comercialização, com a partilha do ganho obtido, associativamente.

a) A APROXIMAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOLIDÁRIAS

A aproximação gradativa dos diversos grupos foi uma consequência lógica, para conhecer as pessoas que atuam na economia solidária. Isto foi oportunizado nos

diversos encontros, que foram possibilitados durante viagens, eventos gastronômicos, festivais, feiras, conferências e outros eventos sociais e culturais, de trabalho ou de comercialização que amenizaram qualquer dificuldade decorrente a essa aproximação.

Foi nesses encontros formais, com convivência bastante informal que selecionei as pessoas que pretendia acompanhar nas atividades de produção e comercialização, as contribuições dos sujeitos, as contribuições teóricas, as considerações práticas de produção de dados e a análise destes elementos.

O acompanhamento de um pequeno grupo selecionado tem por objetivo maior a descoberta de como ocorre o processo de construção de uma unidade ou mesmo de um núcleo de produção na ótica ambientalista e na área não-formal. A escolha da temática é diferente de outras pesquisas pela ênfase que dará a um processo de evolução social e na concretização de uma proposta de melhoria da renda, da qualidade de vida e da inserção social, através da possibilidade da autonomia econômica e dos seus agentes, tendo como princípio o respeito ao meio ambiente.

A observação, que pretendi realizar, aconteceu de forma bastante cuidadosa, respeitando a sensibilidade dos sujeitos escolhidos e seus grupos e a pesquisa se deu pela observação direta das suas atividades, com as conversações ocasionais, nas reuniões do grande e dos pequenos grupos, nas conversas intencionais e da forma participante, ou seja, as informações vieram das fontes pesquisadas, mas o observador se envolveu, integrando-se, vivenciando e participando das atividades desenvolvidas pelos pesquisados, nas reuniões e até o momento da elaboração de seus produtos.

Para evitar um desencontro do pesquisador com os grupos observados nos encontros do grande grupo, formado pelos coordenadores ou líderes das Associações e Cooperativas e os sujeitos pesquisados, pretendi, desde o início dos encontros que aconteceram a partir de março de 2010, até a conclusão, prevista para o ano de 2012, manter um permanente contato, onde pode, a cada momento, acontecer fatos ou descobrir situações que melhorem e qualifiquem a pesquisa desenvolvida.

A pesquisa se dará enfocando os pressupostos da “ecosofia”, ou seja, dando-se ênfase às três ecologias: a ecologia ambiental, a ecologia da mente e a ecologia das relações sociais, assim, toda a experiência vivenciada não será apenas mais uma história

de vida, representará uma singularidade, mas virá com o pressuposto de uma realidade social carregada de significados.

A convivência, paralelo com as observações, junto a esses grupos de Economia Solidária de São Lourenço do Sul tem como base as características da pesquisa qualitativa, quer pelos relatos das experiências vivenciadas, quer pela observação sustentada por uma bibliografia específica que terá como autor principal Félix Guattari e sua obra principal: “As Três Ecologias”.

Esta perspectiva foi um ponto de partida para a pesquisa que pretendia iniciar.

b) A CONSOLIDAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A preocupação, então, ficou na delimitação e precisão do objeto da pesquisa e a orientação se deu na questão de poder e de identificar, entre os pesquisados, quais tipos de práticas se enquadram neste modelo de economia, e a importância dada às questões que envolvem o convívio harmônico, a defesa e a proteção do meio ambiente, bem como o respeito que se deve ter com os recursos naturais, especialmente com aqueles que estão em situação de risco.

Assim estabelecido, ficou esclarecido para cada empreendedor, às principais características que definem e identificam os empreendimentos e o tipo de dificuldades que enfrentam e impedem seu melhor desempenho, seus conflitos no que se referem às questões ambientais, bem como a situação que se encontram no espaço e no tempo, desde sua formação e desenvolvimento na cidade de São Lourenço do Sul.

Certamente que não seria possível que a proposta de pesquisa atingisse todos os empreendimentos e todos os trabalhadores solidários que já são aproximadamente 500 pessoas, situadas no interior, no balneário e na região urbana do Município, isto é, na zona rural, na periferia, na área central e na praia ou orla da Lagoa dos Patos em São Lourenço do Sul.

c) A SELEÇÃO DOS PESQUISADOS

Com este critério, definiu-se, como elemento do estudo, dentre os trabalhadores solidários, aqueles empreendedores que foram considerados mais envolvidos com a proposta de trabalho existente, quer pela representatividade que detêm, quer pela influência que exercem em suas comunidades, quer pela condição de evolução e sucesso de seus empreendimentos, que os colocou em situação de liderança em seus grupos, associações ou cooperativas.

Geralmente estes líderes apresentam grande identidade com a proposta de trabalho e com o modelo de organização do trabalho proposto, alguns com atuação estritamente local e outros com amplitude, que atuam em âmbito micro e até macrorregional dado a estrutura de produção e a qualidade de seus produtos.

d) PLANO DE AMOSTRAGEM

No estudo realizado, além das questões aplicadas aos empreendedores solidários e aos gestores que se propuseram a respondê-los, efetuou-se intensa observação do trabalho desenvolvido por estes, bem como os diálogos realizados, incluindo-se, também, aqueles que desejaram não respondê-lo.

Decidiu-se fazer a amostragem dos resultados obtidos, na aplicação dos questionários, utilizando-se a análise percentual das tabulações, questão por questão com resposta objetiva.

Para tanto, serão construídas tabelas com a amostragem para facilitar a interpretação, item por item, através da visualização das informações prestadas por alguns dos empreendedores e gestores que responderam à pesquisa.

Entende-se que, desta forma, se obtém uma visão aproximada do perfil dos trabalhadores solidários sejam eles empreendedores ou gestores, e com estes dados,

poder-se-á concluir sobre a importância e os significados da Economia de Solidariedade para trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

Por conseguinte, poder-se-á concluir, ser a Economia Solidária, capaz ou não, de se tornar um mecanismo gerador de trabalho e renda e possibilitar aos empreendedores e seus empreendimentos solidários, virem a tornarem-se auto-suficientes economicamente.

e) AS PESQUISAS

Na sequência do que ficou proposto, pretendeu-se observar e analisar as práticas dos trabalhadores em seus empreendimentos, procurando compreender todas as motivações que os levam a uma organização associativa para buscar solução dos problemas de comercialização de seus produtos e de resolver suas questões de subsistência e de satisfação das necessidades básicas.

Inquiri-los sobre a forma como organizam o seu trabalho; como este funciona e como atuam nas suas organizações sociais; como se dá a comercialização dos seus produtos; e, também, investigar se essa forma de trabalho solidário e geração de renda se configuram como alternativo ou é apenas uma solução transitória em decorrência à crise do trabalho.

Nesse caminho da construção de saberes, quanto ao aspecto sócio-econômico, político e cultural, levando-se em consideração o espaço e o tempo em que se situam os trabalhadores solidários, no município de São Lourenço do Sul, conformando-se com a natureza e o objeto da pesquisa qualitativa que se pretende realizar, ratifica-se a formulação da questão presente nos objetivos desta pesquisa, ou seja:

No contexto atual, sob a sustentação da Educação Ambiental Não Formal, sob os preceitos da ECOSOFIA, definida pelas Três Ecologias de Félix Guattari e o Programa de Economia Solidária, da cidade de São Lourenço do Sul, estado do Rio Grande do Sul, no aspecto de criação, estruturação, organização e comercialização, pode a economia solidária ser alternativa de renda e, inclusive, possibilitar a viabilidade da

autonomia econômica e promover a melhoria da qualidade de vida dos empreendedores, de forma solidária e da sociedade como um todo?

Esta foi a questão implícita que pretendi responder na Dissertação de Mestrado cujo objetivo é o de identificar e apresentar indícios de que existem, de fato, iniciativas e experiências variadas de economia solidária onde, os pré-requisitos de criação, estruturação, organização e comercialização desta forma de geração de trabalho e renda se manifestem, de maneira concreta, na realidade de São Lourenço do Sul, como ponto de partida para abordagens, como introdução dos preceitos da educação ambiental não formal nos empreendimentos organizados.

Fundamentando e sistematizando o objeto de estudo, acima mencionado, se faz importante enfatizar que todo o empreendimento solidário é uma associação comunitária e os que ingressam nele, não firmam um contrato de trabalho, se incorporam numa união em que o seu trabalho individual se soma com o de seus companheiros e dessa maneira, o processo de evolução coletiva é que vai tornar possível o empreendimento.

São estes elementos que fazem acreditar que a organização do trabalho solidário pode significar algo mais do que geração de renda, qualidade de vida e inserção social dos indivíduos representando um espaço potencial de construção de um programa efetivo de consolidação da educação ambiental.

Após este começo, preocupei-me com o problema da definição, da delimitação e da construção do objeto de pesquisa. No cumprimento dessas etapas, fui pesquisando informações, e documentação existente, relacionadas com a temática, estabelecendo as seguintes tarefas:

- Seleção de um número razoável de leituras pertinentes que conferissem inteligibilidade à análise, interpretação e compreensão do objeto a ser estudado;
- Organização e construção de um questionário de auto-preenchimento e a realização das leituras desses documentos, de modo a tirar o máximo de informações a respeito dos trabalhadores solidários, com o objetivo de identificar e traçar um perfil destes;

- A construção da problemática da pesquisa, para definição da forma de abordagem ou perspectiva teórica que se adotou para tratar o problema levantado na questão inicial e pelo objeto de pesquisa; e,
- Construção de um modelo de análise, formulado entre a problemática, as possibilidades e a perspectiva teórica que lhe dá sustentação.

A metodologia que será utilizada nas entrevistas estará fundamentada, principalmente, na perspectiva sócio-histórica, no contexto da educação ambiental e buscará compreender os acontecimentos investigados, descrevendo-os e procurando as possíveis relações, inter-relacionando os indivíduos com o seu meio socioambiental.

A construção do modelo de análise deu-se a partir dos objetos de pesquisa que foram traduzidos numa hipótese de trabalho (apoiada sobre uma reflexão teórica e algum conhecimento anterior do objeto) dentre os vários dados disponíveis sobre o mesmo, definiu-se os critérios de seleção dos dados considerados relevantes e úteis para testá-la.

Consiste a construção de conceitos, na determinação das dimensões que os constituem e pelas quais elas darão conta do concreto e definirão os indicadores permitindo que essas dimensões sejam medidas.

O aspecto concreto dessa pesquisa consistirá em determinar o perfil e as dimensões dos significados ligados às práticas cotidianas dos empreendedores e seus empreendimentos, paralelo às questões que envolvem cuidados de proteção, conservação e, inclusive recuperação do meio ambiente, objeto do estudo, com atenção especial para as condições de estruturação, organização, orientação e funcionamento das mesmas, fundamentadas nos preceitos que envolvem a educação ambiental.

Ciente de que o objetivo é observar e identificar os aspectos característicos desta forma de geração de trabalho e renda, entre alguns dos principais empreendedores e seus empreendimentos, familiar ou associativo, na cidade de São Lourenço do Sul, que se caracterizam e se enquadram nas iniciativas e experiências de economia solidária, centrar-se-á a observação na prática desses trabalhadores, sem perder o foco nas atividades de educação ambiental junto do seu grupo de atuação.

3.2. A ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O programa de Economia Solidária da cidade de São Lourenço do Sul foi instituído e constitui-se numa proposta da Administração Municipal e tem como finalidade maior, estimular, orientar e apoiar iniciativas que oportunizem a geração de trabalho e renda, através da organização de unidades de trabalho individual, familiar e coletiva, buscando a inserção desses indivíduos, alguns excluídos do mercado de trabalho, em um novo modelo de economia possível.

Este programa está articulado com a estratégia de desenvolvimento econômico do Município e prevê a criação de instrumentos de fomento à organização de associações e cooperativas com o princípio norteador de auto-gestão administrativa e funcional.

Os grandes beneficiários dessa nova maneira de organização econômica são os empreendedores solidários e a grande quantidade de consumidores envolvidos nesse processo, tanto a nível local quanto a nível regional, uma vez que os produtos são comercializados também em feiras e eventos da região e não apenas no âmbito do Município.

a) O EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO NO MUNICÍPIO

O Programa de Economia Solidária de São Lourenço do Sul vem, desde o seu nascedouro, desenvolvendo uma luta constante na defesa dos empreendimentos solidários e dos trabalhadores dessa nova forma de geração de trabalho e renda.

A crença, o ideal e a perseverança aliados à participação dos trabalhadores em reuniões, debates, feiras, eventos e outros espaços de Economia Solidária, fizeram do Programa dessa cidade, uma ferramenta importante na consolidação da Economia Solidária no Município, no Estado e a nível Nacional.

São Lourenço do Sul é, hoje, uma referência nessa luta e uma realidade positiva por seus muitos empreendimentos geradores de trabalho e renda que colocaram o Município numa projeção nacional muito grande. Tornando-se um exemplo em organização, apoio e investimento público adequado, eficiente e responsável, com retorno imediato nos aspectos econômico, político e social. Deixando os cidadãos e a administração pública orgulhosos do trabalho realizado pelos empreendedores.

Entretanto, os empreendedores solidários estão conscientes de que isto não é suficiente ou motivo para acomodação, todos tem certeza de que há muito a fazer e que o trabalho não se esgotará nunca, se muito foi feito, muito ainda precisa ser feito e, para isso, a participação de todos se faz imprescindível.

A condição de miserabilidade de parcela significativa da população brasileira fez com que os governos criassem programas meramente assistencialistas, entre outros, destacam-se, o vale leite, vale gás, vale alimentação, vale refeição, vale rancho, vale transporte, bolsa escola, bolsa família, auxílio defeso, seguro estiagem, etc, comprometendo valores significativos do orçamento que poderiam ser utilizado em outros programas com retorno menos duvidoso.

Esses programas, embora necessários, não solucionam, não reeducam, não recuperam e não estimulam ninguém a sair da situação em que se encontram, isto é, não garantem ou não proporcionam as condições necessárias de trabalharem, produzirem seu sustento ou alguma coisa rentável e, para agravar ainda mais, acomodam-nas às esmolas recebidas que somadas, podem ser maiores a outras rendas que obteriam, se fizessem algum tipo de trabalho informal ou mesmo profissional.

Para o Conselho da Comunidade Solidária (2000), a transferência direta de recursos, como uma medida compensatória, sem exigir contrapartida de capital humano e social, não terá condições de erradicar a pobreza. A transferência direta de recursos infunde no imaginário social a crença de que pobreza é falta de renda, isso mascarará a sua verdadeira natureza que vêm de um complexo sistema carregado de desvantagens, discriminações, vulnerabilidades e exclusões.

O que reduz a pobreza, certamente, são programas de geração de renda, do aumento sistemático dela e de programas de incentivo que propicie uma melhor educação, ou a reeducação voltada para atividades que fomente a produção de bens e de

serviços, tirando da informalidade o trabalho de pessoas com capacidade de produzir o seu sustento, da sua família e da comunidade, através da elaboração de estratégias eficientes nas ações de ajuda coletiva, geração de renda através do trabalho e a economia solidária apresenta-se como a alternativa viável para qualquer programa, ou política pública com este objetivo.

A expressão economia solidária, indica, num primeiro momento, a união de duas noções historicamente dissociadas, iniciativa e solidariedade, e sugere a inclusão da solidariedade no centro da elaboração coletiva de atividades econômicas.

Para Singer (2003): “A extraordinária variedade de organização que compõem o campo da economia solidária permite formular a hipótese de que ela poderá estender-se a muitos campos de atividade econômica, englobando diversas formas de cooperativas de produção, de serviços, de crédito e de consumo, associações de produtores, empresas em regime de autogestão, bancos comunitários e organizações populares, no campo e na cidade. A economia solidária é o projeto, que em inúmeros países, há dois séculos, trabalhadores vêm ensaiando na prática e pensadores socialistas vêm estudando, sistematizando e propagando.”

Diante da evidente necessidade de mudanças nos paradigmas de pensar o mundo, Guattari chama a atenção para a urgência de repensar-se os fenômenos na sua origem, sob pena de ficarmos nas explicações das aparências. Certamente que esta visão, alicerçada na teoria da Ecosofia, estimula a construção de uma nova ação, em que todos sejam, de alguma forma, contemplados.

Uma ação que resgate valores como a solidariedade, a fraternidade e a cooperação que não podem ser apenas formais. A educação ambiental é o caminho viável dessa nova concepção. A educação ambiental, para superar a fragmentação da modernidade, não pode, de forma alguma, contentar-se com a pura e simples transmissão de conhecimentos. É necessário ir além dos conceitos e conhecimentos consensuais estabelecidos.

Para muitas pessoas, o conceito de pobreza está relacionado a impossibilidade de acesso dos indivíduos ou coletividade, a bens materiais ou de serviços. Demo (2003), dá outra visão do fenômeno da pobreza e sugere outras concepções para a definição e

operacionalização de uma estratégia mais adequada aos objetivos da luta para sua erradicação.

Demo procura mostrar que para estas situações se faz necessário acrescentar outras e exemplifica com a política, ressaltando que o problema de maior relevância e mais rigoroso para pobreza é de origem política, ou seja, o pior do problema social não é simplesmente não dispor de bens essenciais e sim, e acima de tudo, a não obtenção da condição de sujeito capaz de comandar seu próprio destino. É não poder ter acesso aos bens materiais, além de não poder conquistar, também, a autonomia emancipatória.

Para Demo (2003:41-42): “[...] mais que não ter, trata-se de ser impedido de ser. Pobreza política revela, ao lado da materialidade sempre implicada, a depredação qualitativa da sociedade, impedida de tornar-se sujeito consciente e organizado de seu destino. Pobreza mais dura, humilhante é a do pobre que sequer sabe que é coibido de saber que é pobre, não atinando para a injustiça de sua condição histórica. Existe aí, irrecusavelmente, o lado da destituição material, indicado por tudo que os pobres não têm, mas o problema mais agudo e essencial é a dilapidação do ser humano, reduzido a massa de manobra.”

O destaque dado à pobreza política, não exclui a importância de suprir, de imediato, a carência material e a necessidade do assistencialismo. Mas primeiro é necessário a concepção de que o pobre deve ser sujeito da sua própria história. Não é possível confundir o mais importante com o mais imediato. Não se pode conceber o combate à pobreza sem um olhar integral, isto é, entendendo-o, apenas, como um objeto de esmolas ou um simples beneficiário. A fome mata mais rápido que a falta de escolaridade, mas o atendimento de ambas é essencial para a qualidade de vida humana.

A Economia Solidária é um conceito de política pública e em São Lourenço do Sul compõe o projeto municipal de governo e compete à Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio – SMTIC – por intermédio do Departamento Municipal de Economia Solidária, a função de fomento e apoio.

Nessa ótica, o poder público municipal, na condição de gestor principal, não pretende direcionar ou tomar o controle, nem no momento da formação, da organização ou da direção dos empreendimentos, nem dos trabalhadores solidários, em qualquer momento do processo, posto que reconhece, nos trabalhadores solidários, uma força de

trabalho muito valiosa, apesar de que, em alguns casos, se encontrarem numa situação de risco e de vulnerabilidade econômica e social, mas sim, apoiar e incentivar ações de consumo consciente e sustentável que gere emprego e renda, para os cidadãos e suas famílias, no município de São Lourenço do Sul.

Durante o período de observação e inserção no conjunto dos empreendedores e seus empreendimentos, tive a oportunidade de conviver, fraternalmente, com vários dos trabalhadores solidários, nas reuniões semanais que acontecem com a presença e participação dos principais líderes e o Departamento Municipal de Economia Solidária, onde são articuladas as ações de apoio, na produção e na comercialização dos bens de consumo e da prestação de serviços e na participação em feiras, festas, conferências, congressos, fóruns e eventos em geral, dos quais estivessem presentes e que me tenha sido oportunizado a minha participação.

3.3. EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS OBSERVADOS

Nesse convívio, foi possível conhecer e fazer relações com os diversos grupos que compõem o Programa de Economia Solidária de São Lourenço do Sul, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal do Turismo, Indústria e Comércio, da cidade, no ano de 2011, a conhecer:

a) AGENTES PASTORAIS DO NEGRO

Grupo de afro-descendentes, que se organizaram para buscar direitos de igualdade e gerar trabalho e renda, tanto na gastronomia típica, no artesanato e na expressão de arte, busca a promoção da cultura negra e de suas raízes africanas, comercializam seus produtos no quiosque situado no recanto da Lagoa dos Patos,

conhecido por “Ilha” onde desenvolvem sua tradicional gastronomia, também participam com seus produtos em feiras e eventos variados.

b) ASSOCIAÇÃO ARTES E SABORES DA ILHA

Grupo de mulheres que, com grande produção de artesanato e de gastronomia, exercem a gestão do Centro Público de Economia Solidária, um quiosque situado no Parque Recanto da Ilha, onde são comercializados os produtos de todos os grupos de Economia Solidária de São Lourenço do Sul e onde, também, são efetuadas apresentações de artistas lourencianos.

c) ASSOCIAÇÃO CAMINHO DOS POMERANOS

Uma associação voltada ao desenvolvimento do turismo rural de São Lourenço do Sul, grupo composto por homens e mulheres que trabalham os mais diversos seguimentos, do artesanato à gastronomia, e o turismo rural, onde está vinculada a agricultura familiar, juntamente com as agroindústrias e se constituem numa das principais fontes de geração de trabalho e renda dos membros da associação.

d) ASSOCIAÇÃO DAS PESCADORAS

Grupo de mulheres com vínculo com a pesca que através da Associação comercializam artesanato típico (escamas de Peixe) e são responsáveis pela gastronomia da Cantina do Camping Municipal, bem como da participação em eventos e feiras.

e) ASSOCIAÇÃO DAS PRODUTORAS DE FLORES FORTALEZA

Grupo rural de produtores que através de um projeto da Prefeitura Municipal, em parceria com a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, do Gabinete do Governo Federal, busca recursos para a construção de uma estufa para ampliar e qualificar sua produção de flores. O projeto pretende disponibilizar, em breve, a exposição dos seus produtos para comercialização em eventos, festas e feiras abastecendo o mercado de São Lourenço do Sul e da Região.

f) ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS LOURENCIANOS - AAL

O mais antigo grupo de Economia Solidária de São Lourenço do Sul completou 18 anos, disponibiliza para seus associados, sua sede central para a comercialização de seus produtos, e na praia das Nereidas, onde está localizado o quiosque, seus membros também têm participação em eventos e feiras no município e a nível estadual.

g) ASSOCIAÇÃO DOS AVICULTORES DE SÃO LOURENÇO DO SUL

Grupo formado por mulheres que trabalham com produtos de suas propriedades, como galinhas, ovos, frutas e legumes, todos produzidos de forma ecológica, estão elaborando projeto para construção de um prédio para um aviário coletivo.

h) ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA DE RECICLADORES – ASSER

Grupo de Recicladores que através de convenio com a prefeitura administram a usina de triagem de lixo, reciclando o material recolhido pela coleta seletiva do município e dos catadores autônomos, gerando trabalho e renda.

i) ASSOCIAÇÃO MÃOS DE ARTE DE ARTESÃOS

Grupo de artesãos que está em fase de organização na zona rural da cidade, no Distrito do Boqueirão, também é constituído por voluntários que fazem trabalhos de orientação e treinamento de novos participantes.

j) COOPERATIVA DE PRESTADORES DE SERVIÇO – COOPRES

Tem a finalidade de reunir trabalhadores na produção de serviços e sua atuação acontece na comunidade em geral, mas também na esfera pública, através de concursos nas licitações municipais e seus préstimos são, principalmente, nas áreas de serviços gerais, pintura e segurança. Possui uma área de comercialização de seus serviços no Camping Municipal gerando trabalho e renda a seus cooperados.

l) COOPERATIVA DE PESCADORES ARTESANAIS – COOPESCA

Grupo de pescadores e pescadoras organizados em cooperativa para representar a categoria bem como buscar melhores condições para o desenvolvimento da pesca, não predatória, bem como a comercialização dos produtos derivados e do armazenamento do excedente, durante o período da safra, gerando emprego e renda para seus cooperados.

m) LOKOMOTIVA – GRUPO DE USUÁRIOS DA SAÚDE MENTAL

Grupo informal, que trabalha com artesanato de palha e sabugo de milho, produto de expressão na Região e no Estado por sua originalidade gerando renda, além do processo terapêutico, hoje abrange a saúde mental dos usuários dos CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial: Nossa Casa; SACI – Sistema de Atenção à Criança pela Inclusão; CARETA – Centro de Atenção e Reabilitação em Toxicodependência e Alcoolismo; e, o Projeto LOKOMOTIVA – Centro Integrado de Reabilitação Laboral da Saúde Mental. E que tem objetivo principal a inclusão de seus usuários na sociedade para que os mesmos possam vir a trabalhar na busca de seus ideais.

n) PASTORAL DA CARIDADE SOCIAL

Grupo apoiado pela Igreja Católica, que busca o resgate da dignidade de pessoas em vulnerabilidade social, que através da costura, artesanato e gastronomia buscam a geração de trabalho e renda.

o) TEMPERME

Grupo familiar, com práticas totalmente ecológicas, planta colhe e industrializa seus produtos, transformando-os em temperos, molhos, doces, compotas e licores, beneficiando uma família com a geração de trabalho e renda e a milhares de consumidores com o fornecimento de produtos saudáveis e recomendados ao consumo de todos.

3.4. PODER PÚBLICO LOCAL E ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS

Com o propósito de apoiar, programar e desenvolver um trabalho voltado ao fortalecimento dos produtores solidários, o Departamento de Economia Solidária da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio delineou um conjunto de metas que está em andamento e pretende atingir, como forma de promover e alavancar, ainda mais, a economia solidária no Município.

a) A POLÍTICA PÚBLICA

Estas metas estão assim definidas:

- A promoção e o desenvolvimento econômico e social dos trabalhadores solidários e de seus empreendimentos;
- A criação de oportunidades e atividades para grupos excluídos do mercado formal de trabalho, com a geração de trabalho e renda;
- A organização e a potencialização de arranjos produtivos locais;
- O estímulo à organização de grupos solidários com a inclusão social;
- A obtenção de um local central para a comercialização dos produtos dos diversos empreendimentos solidários;
- A melhoria da infra-estrutura e do atendimento no quiosque da “Ponta da Ilha”;
- A concretização do funcionamento do abatedouro de aves, na propriedade do empreendedor Cunimberto;
- A execução da ampliação da reforma da nova Usina de Reciclagem;
- A execução da ampliação e reforma da nova indústria do pescado da COOPESCA;
- A compra do caminhão baú, da ASSER, para a coleta seletiva do lixo; e,
- A compra de duas pirâmides para a comercialização dos trabalhadores nas feiras e eventos da Economia Solidária.

O plano de ação para a execução dessas metas, que o Departamento de Economia Solidária pretende executar de imediato, ficou assim definido:

- Acompanhar o coletivo da Associação dos Catadores de Lixo de São Lourenço do Sul e exercer uma gestão compartilhada;
- Com esse grupo na nova Usina de Reciclagem;
- Potencializar uma organização coletiva para a produção de flores e a sua comercialização, envolvendo a Associação das Produtoras de Flores da Fortaleza e o Poder Público;
- Apoiar e estimular as ações realizadas no Centro Público, pois abrange todos os empreendimentos;
- Divulgar e promover ações de apoio ao desenvolvimento de iniciativas importantes como a Festa do Peixe, Feira da Páscoa, Feira do Peixe e Jantar dos Sabores Culturais;
- Desenvolver ações de apoio a formação, à organização e ao fomento de todos os empreendimentos de economia solidária;
- Auxiliar no acesso ao crédito; promover ações de apoio a comercialização e ao consumo;
- Estimular a criação de redes de trocas; apoiar à participação em feiras e eventos;
- Promover o associativismo e o cooperativismo nas áreas rurais e urbanas.

Para tanto, dispõe de uma infra-estrutura bastante invejável, construída no decorrer dos últimos anos, e hoje conta com:

- O Centro Público de Economia Solidária;
- A Cantina do Camping e o Mercado do Camping;
- O prédio da Associação dos Artesãos Lourencianos;
- O Quiosque do Largo Laura Abreu;
- A Usina de Reciclagem; e,
- A sala do Departamento de Economia Solidária, localizada junto ao prédio da Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio.

Mas a participação no apoio do Poder Público ainda é maior, pois arca com as despesas de manutenção dos imóveis cedidos aos empreendimentos de Economia Solidária com o pagamento de água e luz, bem como no pagamento de diárias aos servidores envolvidos e, ainda, na concessão do transporte e do combustível gasto nos deslocamentos para participação em feiras e eventos de Economia Solidária.

b) AS ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS

Toda esta estrutura hoje disponibilizada aos empreendedores pelo Departamento de Economia Solidária da Secretaria Municipal de Turismo, indústria e Comércio, foi possível, graças ao modelo de gestão do Município e a parceiros como:

- A Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul;
- A EMATER;
- O SENAR;
- O Sindicato Rural;
- O SEBRAE;
- O CRESOL;
- A ACI – Associação Comercial e Industrial;
- O Banco do Povo;
- O CAPA;
- O COOPAR;
- A COOPESCA;
- O Projeto Brasil Local; e,
- As Universidades.

Mas o processo não é estático, está em permanente evolução e o Departamento de Economia Solidária continua readequando-se a novos desafios que aos poucos vão tomando corpo. Compreendendo a necessidade dos empreendedores evoluírem ainda mais no aspecto da profissionalização vem elaborando novas estratégias de ação e formação dos trabalhadores e seus grupos solidários.

Com esta finalidade, a SMTIC, contratou um técnico, com especialização em consultoria, para assessoramento e apoio aos empreendedores e seus empreendimentos, que está propondo o desenvolvimento de um estudo detalhado das necessidades básicas de cada empreendedor.

A partir dos resultados obtidos, foi possível diagnosticar dificuldades e criar alternativas de solução que beneficiem os empreendedores solidários e suas associações de cooperação.

A nova metodologia de assessoramento, aos empreendimentos solidários, que foi implementada com a capacitação e treinamento dos trabalhadores e suas organizações comunitárias, consistiu na realização de encontros e reuniões com o conjunto dos produtores em seus ambientes de trabalho.

Para colocar em prática essa proposta de trabalho, o Consultor elaborou um plano de ação, junto aos empreendedores e seus empreendimentos, através de suas organizações. Essa proposta foi dividida em três etapas, de maneira que, no final, todos os segmentos envolvidos com a economia solidária sejam contemplados.

Na primeira etapa, foram realizadas visitas aos trabalhadores em seus grupos, ou ambiente de trabalho, pelo consultor recentemente contratado, para prestar-lhes assessoria. Nesses encontros, serão avaliadas as necessidades emergenciais dos produtores e de seus grupos, bem como a importância e as potencialidades dos trabalhadores e de seus produtos para o Município.

Na implementação desse trabalho de assessoria, foram realizados contatos com as Instituições parceiras para renovar ou construir novas parcerias para melhor atender e qualificar o empreendimento dos trabalhadores e dos seus grupos, associações ou cooperativas, nas atividades de nas iniciativas solidária.

A segunda etapa foi dedicada para a articulação dessas parcerias e a motivação para a participação efetiva de todos, bem como a construção de um plano de ação, com um calendário específico para cada empreendimento e seus empreendedores solidários.

Na terceira fase, estão sendo construídos projetos para encaminhamento ao Poder Público, o Municipal em especial, com o propósito de busca e de captação de recursos que apoiem e promovam a produção e a comercialização solidária dos trabalhadores e seus grupos.

CAPÍTULO IV

4. AS PESQUISAS E A ANÁLISE DOS RESULTADOS

O delineamento do Projeto de Pesquisa, após a aprovação no processo seletivo do PPGEA, gerou muita ansiedade e, é óbvio, o desejo imensurável da realização de um trabalho com qualidade e de utilidade social.

Dessa preocupação, onde pairavam dúvidas e incertezas, associada a uma insegurança natural, diante do que estava por acontecer e com a ausência momentânea de uma melhor orientação ao Projeto de Pesquisa, decidi pela construção de um questionário com questões diretas, de respostas objetivas e discursivas, que seriam aplicados em diversos eventos de economia solidária e que estariam por acontecer no primeiro ano de frequência oficial ao Programa.

É salutar esclarecer que este questionário seria aplicado em variados eventos, sem a sem a preocupação maior da definição de território, gênero, raça, etnia, condição sócio-econômica, etc, de onde seria aplicado, porém deveria ser o mais amplo possível. E teria um importante objetivo: o de definir o perfil dos trabalhadores da economia de solidariedade, cujas características de formação e organização, teoricamente são similares em todos os lugares que acontecem.

Por outro lado, sendo o questionário composto de treze questões de respostas objetivas e cinco questões de respostas discursivas, foram significativas nessa pesquisa de característica quantitativa preliminar, de espectro mais abrangente, diferente da pesquisa qualitativa realizada com os trabalhadores e empreendedores solidários de São Lourenço do Sul, onde pude acompanhá-los durante todo o tempo, promovendo diversos encontros coletivos e individuais, especialmente, com os trabalhadores selecionados para esta pesquisa.

4.1. PESQUISA QUANTITATIVA E PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa quantitativa é amplamente utilizada para medir opiniões, atitudes e preferências. Ela é idealmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística.

Através de técnicas estatísticas inferenciais, as pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos estruturados (questionários).

As questões devem ser diretas e facilmente quantificáveis e a amostra deve ser grande o suficiente para possibilitar uma análise estatística confiável. Em muitos casos geram índices que podem ser comparados ao longo do tempo, permitindo traçar um histórico da informação.

A razão para se aplicar uma pesquisa quantitativa é descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características.

Esta técnica de pesquisa também deve ser usada quando se quer determinar o perfil de um grupo de pessoas, baseando-se em características que elas têm em comum.

A pesquisa qualitativa ajuda a identificar situações e entender porque elas são importantes. É útil como ferramenta para determinar o que é importante para o pesquisado e porque é importante.

As pesquisas qualitativas são exploratórias e estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, fazendo emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea.

São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a amplitude da natureza de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Geralmente, esse tipo de pesquisa fornece um processo a partir do qual questões-chave são identificadas e perguntas são formuladas, descobrindo o que importa para o entrevistado e por que.

Deve ser usada quando se deseja entender detalhadamente porque um indivíduo faz determinada coisa. Com esse objetivo em mente, também é importante trabalhar com uma amostra heterogênea de pessoas enquanto se conduz uma pesquisa qualitativa.

Não é recomendável usar a pesquisa qualitativa quando o que se deseja é saber quantas pessoas irão responder de uma determinada forma ou quantas terão a mesma opinião. A pesquisa qualitativa não é projetada para coletar resultados quantificáveis. Mas a pesquisa qualitativa pode ser a continuidade de um estudo quantitativo.

4.2. A PESQUISA QUANTITATIVA

A opção pela construção de um questionário com questões de auto-preenchimento tem significado importante na medida em que se esboçou uma estratégia de relação com o objeto da pesquisa, que busca compreender o fenômeno estudado com a realidade dos fatos.

Segundo Minayo (2003, p.18): “Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores mas que também podem demandar a criação de novos referenciais.”

“Esse conhecimento anterior, construído por outros estudiosos e que lançam luz sobre a questão de nossa pesquisa, é chamado teoria.” [...] “A teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Esse conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato.”

E Minayo afirma que “nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e todos os processos” na medida em que todo “este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato.”

Resumindo, Minayo (2003, p.19) referindo-se à teoria, argumenta que esta: “é um conhecimento de que nos servimos no processo de investigação como um sistema

organizado de proposições, que orientam a obtenção de dados e a análise dos mesmos, e de conceitos, que veiculam seu sentido”.

Segundo Minayo (2003, p.20): “No processo de pesquisa trabalhamos com a linguagem científica das proposições que são construções lógicas; e conceitos que são construções de sentido. As funções dos conceitos podem ser classificadas em cognitivas, pragmáticas e comunicativas. [...] Em seu aspecto cognitivo, o conceito é delimitador. [...] Na função pragmática, o conceito tem que ser operativo, ou seja, ser capaz de permitir ao investigador trabalhar com ele no campo. [...] Por fim, no seu caráter comunicativo, o conceito deve ser de tal forma, claro, específico e abrangente que permita sua compreensão pelos interlocutores participantes da mesma área de interesse.”

Na comparação elucidativa da pesquisa quantitativa com a pesquisa qualitativa, Minayo (2003, p.21), afirma que: “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Não deixa dúvidas, quando afirma categoricamente que: “O conjunto dos dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.” Minayo (2003, p.22).

E foi nesta ótica que elaborei o questionário, que foi aplicado nos diversos eventos de Economia Solidária que participei, desde janeiro de 2010, totalizando em 254 respostas, na busca dos elementos informativos para a elaboração deste Projeto de Pesquisa.

4.3. EVENTOS DE APLICAÇÃO DA PESQUISA

É importante salientar que no ano de 2010, no mês de janeiro ocorreu o 10º FORUM SOCIAL MUNDIAL, na grande Porto Alegre/RS, e teve como eixo principal a “Economia Solidária – Uma Outra Economia Acontece”. Num universo de mais de 1000 expositores, durante uma semana convivi com pessoas de várias etnias, credos, gênero e de vários lugares do Estado, do País e do Planeta. O convívio foi muito profícuo pelas informações colhidas e pela certeza de que podemos buscar “uma outra forma” de economia, especialmente a solidária, capaz de devolver a dignidade e o respeito e de fomentar sonhos a pessoas que não possuem outra maneira de subsistência.

Em fevereiro do mesmo ano, comecei a atuar junto aos grupos de Economia Solidária da cidade de São Lourenço do Sul, referência no Estado e no País em organização e produção, de maneira solidária, de bens e de serviços variados. Esta atuação se dá na condição de observador, que acontece nas reuniões semanais, bem como nos locais de produção e comercialização, além da participação em feiras, festivais e eventos e promoções diversas.

Ainda com esses grupos, participei da Conferência Municipal, da Conferência Regional e da Conferência Estadual de Economia Solidária, sempre na condição de observador, o que me aproximou mais daquelas pessoas, criando um clima amistoso e de confiança que muito contribui para a coleta das informações que necessito para minha dissertação. Esta participação foi facilitada com o apoio desses grupos que são subsidiados pela Prefeitura Municipal.

No mês de junho de 2010, aconteceu em Brasília/DF, a Conferência Nacional de Economia Solidária, de onde saiu demandas que poderão favorecer, ainda mais, a adesão, os apoios, a organização e o desenvolvimento maior dessa alternativa de renda aos trabalhadores envolvidos e novos trabalhadores que ampliarão a geração dessa nova forma de economia. Por motivos acadêmicos, econômicos e profissionais não pude participar, pois não tinha suporte financeiro algum, na condição de observador, diferentemente do que aconteceu nas fases anteriores.

E no mês de julho, na cidade de Santa Maria/RS, aconteceu a 17ª FEICOOP – Feira Estadual do Cooperativismo e a 6ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL que teve a participação dos grupos observados de São Lourenço do Sul e novamente pude estar presente, também neste evento, onde pretendia encerrar minha pesquisa preliminar, com a obtenção de respostas de exatos 254 questionários que de alguma

forma contribuirão para uma melhor orientação aos rumos da minha pesquisa qualitativa junto a membros participantes desses grupos.

A opção pela realização de um questionário visou à obtenção de testemunhos privilegiados junto a individualidades que se constituem especialistas ou pelo menos interessadas na problemática da economia solidária, pois a pesquisa foi aplicada a gestores, dirigentes, empreendedores, líderes e profissionais diretamente implicados com o cotidiano dessas organizações.

a) A TABULAÇÃO DA PESQUISA QUANTITATIVA

O questionário de auto-preenchimento foi constituído de treze questões com alternativas de respostas objetivas e outras cinco questões de respostas discursivas, onde foram emitidas opiniões estritamente pessoais.

O questionário ficou constituído de treze questões com alternativa de resposta objetiva e outras cinco questões para respostas discursivas, onde foram respondidas as questões com opiniões estritamente pessoais.

Vale ratificar que todas as questões foram respondidas livremente, sem nenhum tipo de interferência, mesmo quando solicitada. Inclusive, ficou esclarecido, ao questionado, a importância de responder com fidedignidade, como fosse compreendida cada questão e que, se fosse do entendimento poderiam deixá-la em branco, ou não informar o que fosse solicitado.

Igualmente, procurou-se deixar claro, a desnecessariedade da identificação do entrevistado, mas que se quisesse poderia deixar seu nome real ou fictício, ou do grupo ao qual pertencia, ou seja, a identificação era opcional.

b) A DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO

A população estudada constituiu-se, na sua grande maioria, de empreendedores presentes nos eventos mencionados e alguns gestores que os acompanhavam, bem como por aqueles acompanhantes que apresentavam outros interesses pelos eventos.

A aplicação dos questionários aconteceu, geralmente, durante o período de comercialização dos produtos por seus produtores, excetuando-se os questionários aplicados nos encontros das Conferências Municipal, Regional e Estadual de Economia Solidária.

4.4. O PERFIL DOS EMPREENDEDORES E DOS EMPREENDIMENTOS

De posse das informações contidas nos questionários aplicados, foi realizada a tabulação dos resultados colhidos, junto a diversos empreendedores e gestores, presentes nos eventos mencionados. Com as informações conhecidas, fez-se a análise das respostas obtidas de forma indutiva, referente à definição e identificação do perfil da clientela envolvida com a economia solidária.

Em seguida, foram analisadas as respostas constantes nas questões discursivas e de manifestação livre que definirão o sentimento, o que buscam e o que esperam desta forma de trabalho, bem como os motivos que os levou, empreendedores e gestores a procurarem esta modalidade de geração de renda, como se constituíram e a opinião que formaram a respeito da economia de solidariedade.

4.5. A TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Na seqüência, faz-se a amostragem dos resultados obtidos, pelas questões de respostas objetivas, obtidas junto aos trabalhadores solidários, nos eventos já mencionados e apresentados sob a forma de tabelas. A seguir apresentadas:

Tabela I. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o sexo, no período de janeiro a agosto de 2010.

Sexo	Número Incidente	Percentual %
Masculino	101	39,76
Feminino	149	58,66
Não Informou	4	1,58
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

De acordo com a amostragem da tabela acima, há uma significativa predominância do sexo feminino entre os empreendedores e gestores que trabalham com a economia de solidariedade.

Embora o universo de pessoas envolvidas com a economia solidária seja muito maior e que envolve muitos outros indivíduos, geralmente membros da própria família, percebe-se a predominância da mulher nesta forma de trabalho, principalmente no que se refere a atividades manufaturadas e de artesanato.

Inclui-se nessa referência, o fato da divisão de tarefas, principalmente familiar, onde em várias atividades, o sexo masculino geralmente atua mais na produção, já o sexo feminino, além de atuar na produção, é mais efetivo na comercialização.

A questão número 2, buscou informações, junto ao público alvo, referente à mobilidade dos trabalhadores solidários.

Nesse item, tentou-se descobrir a evidência de transferência, de cidade ou de região, dos indivíduos estudados e percebeu-se uma grande tendência, dos gestores e dos empreendedores, em geral, de manterem-se próximos de seu habitat, quando não na mesma localidade, em outra cidade ou região de características similares, especialmente os moradores e trabalhadores da zona rural.

Quanto aos moradores das zonas urbanas, especialmente os moradores da periferia das cidades, estes possuem uma tendência maior de mudarem de bairro, ou mesmo de cidade ou região, à procura de espaços e novas oportunidades de trabalho.

Devido as dificuldade de localizar e tabular essas mudanças e suas causas optou-se pela não construção da tabela e registrar as informações obtidas nas entrevistas e nos questionários realizados.

TABELA II. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo a localização da moradia, no período de janeiro a agosto de 2010.

Localização da Moradia	Número Incidente	Percentual %
Centro	7	2,76
Bairro/Periferia	175	68,89
Rural	65	25,59
Não Informou	7	2,76
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Esta distribuição nos mostra um quadro bastante peculiar, como já era de se esperar, os trabalhadores solidários se concentram, na sua expressiva maioria, na área da periferia, ou nos bairros, das cidades, porém o significativo número de empreendedores solidários rurais é fato que merece atenção.

Entende-se esta realidade, devido a programas existentes de incentivo aos pequenos trabalhadores rurais, organizados por representações, algumas conhecidas, como os trabalhadores rurais assentados, a via campesina, a agricultura familiar as reservas indígenas, os quilombolas, entre outros.

Por fim, notou-se um mínimo de trabalhadores da zona central das cidades, isto talvez, porque alguns confundem o seu local de trabalho, geralmente nas comunidades de periferia, com o seu domicílio.

TABELA III. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo a faixa etária, no período de janeiro a agosto de 2010.

Faixa Etária	Número Incidente	Percentual %
Até 20 Anos	5	1,97
De 21 a 30 Anos	33	12,99
De 31 a 40 Anos	33	12,99
De 41 a 50 Anos	111	43,70
Mais de 50 Anos	60	23,62
Não Informou	12	4,73
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

A tabela quatro nos apresenta uma situação muito interessante, no objetivo de traçar o perfil do trabalhador solidário, que exige uma atenção mais detalhada.

Constatou-se a expressiva incidência de empreendedores com idade superior a 40 anos. Isto deixa explícita uma realidade existente, confirmada pelas questões subseqüentes.

A realidade é que muitos trabalhadores, excluídos do mercado de trabalho, encontrou na economia solidária, o espaço necessário para a obtenção de renda e com ela, a possibilidade de sustentar a si próprio e a sua família, posto que, a sua grande maioria é ou foi casado, ou seja, já constituiu família, possui filhos para dar o sustento, mesmo àqueles que apresentam uma idade considerada avançada.

Devem-se registrar, neste quadro, que algumas pessoas entrevistadas eram crianças com idade escolar, que auxiliavam seus pais na obtenção da renda familiar.

TABELA IV. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o estado civil, no período de janeiro a agosto de 2010.

Estado Civil	Número Incidente	Percentual %
Solteiro	70	27,56
Casado	129	50,79
Viúvo	9	3,54
Divorciado/Separado	43	16,93
Não Informou	3	1,18
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Na tabulação do referente ao estado civil dos empreendedores e gestores que responderam ao questionário, verifica-se que a maioria dos questionados é casado, ou já constituiu família com uma representativa incidência, onde mais de 70% dos entrevistados, encontra-se nessa situação, reforçando a condição de excluídos em busca da oportunidade de trabalho e a garantia da renda para sustento seu e de sua família.

Por outro lado, não se pode deixar de mencionar, outro dado muito significativo: se voltarmos para a tabela IV, a que se refere à faixa etária, onde mais de 80% dos empreendedores e gestores entrevistados, respondeu possuir mais de trinta anos de idade.

Essas informações nos levam a concluir os significados para os trabalhadores da economia solidária, considerando-se esses elementos mencionados, idade e estado civil, ou seja, as grandes dificuldades de encontrarem dentro do modelo econômico existente, condições de trabalho e renda, as pessoas, especialmente os chefes de família, depois de atingirem certa idade.

TABELA V. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o número de filhos, no período de janeiro a agosto de 2010.

Número de Filhos	Número Incidente	Percentual %
Nenhum	38	14,96
Um Filho	70	27,55
Dois Filhos	48	18,9
Três Filhos	50	19,68
Quatro Filhos	34	13,39
Mais de Quatro Filhos	14	5,52
Não Informou	0	0
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Nesta questão, firma-se a constatação da importância da economia solidária para a qualidade de vida das pessoas envolvidas.

Aqui, verifica-se que mais de 85% dos entrevistados possui filhos, isto é, tem ou teve família constituída e que a necessidade de trabalho e renda é uma consequência decorrente.

Neste caso a economia solidária apresenta-se como solução, quando o objetivo é a inclusão social, no caso dos trabalhadores desempregados, torna-se a alternativa viável de geração de trabalho e renda e até da autonomia econômica para quem se dedica a esta modalidade de trabalho.

Outro fator importante a destacar, é a possibilidade que têm os empreendedores ao trabalharem inseridos no contexto da economia de solidariedade, ou seja, de realizar, junto com sua família, suas atividades. Isto representa uma maneira consciente de promoção da força de trabalho familiar em benefício da obtenção de renda, facilitando, inclusive, a evolução e a qualidade dos produtos gerados, culminando com a inserção destes no mercado consumidor.

TABELA VI. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o grau de instrução, no período de janeiro a agosto de 2010.

Grau de Instrução	Número Incidente	Percentual %
Analfabeto	0	0
Fundamental Incompleto	75	29,53
Fundamental Completo	20	7,87
Ensino Médio Incompleto	28	11,02
Ensino Médio Completo	45	17,72
Ensino Técnico	42	16,53
Ensino Superior Incompleto	18	7,09
Ensino Superior Completo	18	7,09
Pós-Graduação	7	2,76
Outros/Não Informou	1	0,39
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Esta questão, trás implícita, outro fato bastante importante, aproximadamente 50% dos entrevistados apresentou um índice escolar bastante apreciável, ou seja, Nível Médio Completo, passando pelo Ensino Técnico e pela Graduação, completa ou não, até a Pós-Graduação.

Isto pode representar outros significados, por exemplo: é possível que os detentores dos maiores níveis de escolaridade, sejam os gestores, ou os empreendedores que nessas condições, promovam uma melhor administração de seus negócios ou façam uma melhor elaboração dos seus produtos, mas o desempenho da sua atividade econômica deve estar sustentada dentro dos preceitos da economia de solidariedade.

Por outro lado, é muito significativo o número de empreendedores solidários com baixo nível de escolaridade, estes representam mais de 20% e, certamente, encontrariam dificuldades de competir com os trabalhadores formais, caso não tenham algum tipo de apoio ou ofício definido. Estes estariam condenados a trabalhos diferenciados, cuja compensação salarial não lhes possibilitaria oferecer melhor qualidade de vida a seus familiares.

TABELA VII. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo se é a ocupação principal, no período de janeiro a agosto de 2010.

É a Ocupação Principal	Número Incidente	Percentual %
Sim	146	57,48
Não	108	42,52
Não Informou	0	0
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Esta questão deixou muito clara os significados, na vida dos empreendedores e gestores, da economia solidária, quanto à ocupação principal. Aqui, aproximadamente 60% dos empreendedores e gestores solidários responderam que a economia solidária é a sua ocupação principal, isto é, tem no seu empreendimento solidário, a sua principal fonte de renda.

Por outro lado, os demais trabalhadores responderam que possuem outra fonte de renda, assumindo, nesse caso, a economia solidária como complemento da sua renda. Isso não exime os primeiros, de possuírem outra fonte de renda, é que naquele caso, a economia solidária tem uma representação mais significativa na composição da renda familiar.

TABELA VIII. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo a renda mensal, no período de janeiro a agosto de 2010.

Renda Mensal	Número Incidente	Percentual %
Até Um Salário Mínimo	86	33,86
De Um a Três Salários Mínimos	86	33,86
De Três a Cinco Salários Mínimos	29	11,41
De Cinco a Dez Salários Mínimos	8	3,15
Acima de Dez Salários Mínimos	0	0
Bolsa Família	14	5,52
Outros	5	1,97
Não Informou	26	10,23
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Outra informação importante obtida pela pesquisa indutiva foi a questão que se referiu à renda mensal, percebeu-se em alguns trabalhadores, um constrangimento, ou uma incerteza de informar o real ganho com o seu empreendimento solidário.

Mesmo assim, confirmou-se a importância na vida desses trabalhadores, das oportunidades de melhoria da qualidade de vida, com a geração de trabalho e renda, através da economia solidária.

Menos de 35% dos trabalhadores solidários respondeu que ganha menos de um salário mínimo por mês com seu empreendimento solidário, mas não foi possível levantar se esta era a única renda ou se ela era o complemento da renda familiar.

Alguns destes declararam que recebiam o Bolsa Família, verba instituída pelo Governo Federal como auxílio às famílias de baixa renda, entretanto vários (5,52%) dos entrevistados declararam que recebiam apenas esta modalidade de renda. Onde está inserida, então, a declaração do produto referente ao trabalho solidário?

Por outro lado, mais de 30% dos empreendedores e gestores respondeu que recebe de um a três salários mínimos que já representa um ganho significativo, enquanto que mais de 5% respondeu que recebe de três a dez salários mínimos e, é claro, mais de 10% dos empreendedores e gestores que responderam à pesquisa, não quis declarar o ganho mensal que tem com a sua participação na economia solidária ou no seu empreendimento solidário.

TABELA IX. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo a característica da renda, no período de janeiro a agosto de 2010.

Característica da Renda	Número Incidente	Percentual %
Mensal	134	52,76
Semanal	26	10,24
Eventual/Outros	71	27,95
Não Informou	23	9,05
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

No que se refere à característica da forma de obtenção de renda, temos outras significativas informações: primeiro, mais da metade dos empreendedores e gestores têm este ganho da forma mensal; segundo, mais de 10% recebem seus ganhos semanalmente; terceiro, quase 30% dos pesquisados garantem que tem seus ganhos de forma eventual ou outras formas de ganho, isto é, são trabalhadores que ganham conforme comercializam seus produtos, ou seja, em feiras, encontros promovidos ou eventos diversos; e, finalmente, quase 10% dos entrevistados não quiseram informar a forma como obtêm seus ganhos.

As próximas questões do questionário que foi aplicado tiveram como objetivo, buscar informações da maneira, sob a qual os empreendedores e gestores se organizam e organizam seus empreendimentos, bem como optaram por esta forma de geração de trabalho e renda.

TABELA X. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo como soube do trabalho, no período de janeiro a agosto de 2010.

Como Soube do Trabalho	Número Incidente	Percentual %
Amigos	119	46,85
Comunidade	88	34,64
Imprensa	7	2,76
Não Informou	40	15,75
Total		

Fonte: Pesquisa Direta

Esta tabulação apresenta resultados que merecem uma melhor reflexão. Num universo de 254 entrevistados mais de 45%, isto representa quase a metade dos empreendedores e gestores entrevistados, descobriu a economia de solidariedade, através de amigos. Soma-se a isto, quase 35% de trabalhadores solidários que descobriu esta modalidade de trabalho e obtenção de renda, junto à comunidade onde está inserido, representam mais de 80% dos entrevistados.

Considerando-se que pouco mais de 15% dos trabalhadores não informou a maneira como descobriu e se inseriu no trabalho de economia solidária, esses números representam muito em relação aos insignificantes 2,76% de trabalhadores que descobriu esta modalidade de trabalho através da imprensa.

TABELA XI. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o motivo da procura do trabalho, no período de agosto a janeiro de 2010.

Motivo da Procura do Trabalho	Número Incidente	Percentual %
Necessidade de Melhoria da Renda	156	61,42
Ação Comunitária	55	21,65
Outros	26	10,24
Não Informou	17	6,69
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Para uma melhor compreensão da importância da economia solidária aos empreendedores e gestores solidários, esta questão trás grandes significados.

Para aproximadamente 60% dos entrevistados, a economia solidária representa e compensa a necessidade de melhoria da renda.

Não podem ser esquecidos aqueles, em geral os gestores e voluntários de comunidades, que afirmaram ser o seu envolvimento, uma ação comunitária, nem poderá ser desprezada, a incógnita existente entre aqueles pesquisados que responderam como sendo outros os motivos pelo qual se envolveram com a economia solidária; da mesma forma para aquelas pessoas que simplesmente não informaram os seus reais motivos pela procura do trabalho.

TABELA XII. Distribuição de alguns trabalhadores que atuam na Economia Solidária, segundo o número de reuniões semanal, no período de janeiro a agosto de 2010.

Número de Reuniões Semanal	Número Incidente	Percentual %
Uma Reunião	67	26,38
Duas Reuniões	12	4,73
Três Reuniões	17	6,69
Mais de Três Reuniões	55	21,65
Uma Reunião por Mês	74	29,13
Não Informou	29	11,42
Total	254	100

Fonte: Pesquisa Direta

Esta é a última questão de resposta fechada. E ela se refere à importância efetiva que os empreendedores, com seus empreendimentos, dão à organização de seus grupos de economia solidária. Isto se reflete no número de encontros realizados.

Cerca de 60% dos trabalhadores solidários realizam de um a vários encontros semanais, onde, por dedução, planejam, organizam e executam sua produção e comercialização.

Entretanto, é significativo o número de empreendedores e gestores que realizam apenas uma reunião por mês, se considerarmos aqueles que não informaram o número de vezes que se encontra com os demais trabalhadores, chega-se ao expressivo índice de 40% dos trabalhadores.

Esta situação gerou uma desconfiança: se estes empreendedores e gestores estão preocupados com esta modalidade de trabalho e geração de renda de forma coletiva, ou apenas em beneficiar-se com a possibilidade da obtenção de renda, utilizando um caminho mais econômico, como a participação em eventos sociais, previamente organizados e subsidiados pelo poder público?

CAPÍTULO V

5. A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa busca se aprofundar nas questões e não em resultados estatísticos, por isso, a metodologia é mais complexa. Por ser mais participativa é, portanto, menos controlável. Os participantes da pesquisa podem direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o pesquisador.

Pesquisa qualitativa é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações.

Normalmente quando as perguntas são mais abertas, as respostas também tendem a ser mais longas e difíceis de interpretar. Fazer questões que dêem liberdade para os entrevistados ajuda a formar o cenário da pesquisa.

A metodologia de pesquisa qualitativa é aquela na qual o pesquisador busca obter resultados aprofundados através da averiguação com certo número de pessoas. Por se tratar de uma pesquisa exploratória, que busca definir como é um cenário, ela é recomendada para quem deseja fazer uma pesquisa mais geral e depois definir pontos mais específicos. Ou seja, o público que vai responder a pesquisa qualitativa, é que vai ajudar a definir como é o cenário de determinada situação.

As dificuldades de se fazer uma pesquisa qualitativa, em relação à quantitativa, não ficam apenas na hora de apuração dos dados. Conseguir um público alvo disposto a responder muitas perguntas não é uma tarefa fácil.

Como dito antes, a pesquisa qualitativa permite ter uma visão mais ampla de um cenário. Ou seja, só com perguntas feitas com profundidade que é possível chegar mais próximo do que pensa o pesquisado. Quando se dá a opção das pessoas falarem o que desejam a respeito de uma situação, é provável que se consiga novas respostas. E novas respostas significam chances de novos saberes.

5.1. AS QUESTÕES QUALITATIVAS DA PESQUISA EMPÍRICA

Apresentadas as treze questões de respostas fechadas, sob forma de tabelas, temos as cinco questões restantes, também objetivas e de manifestação livre, mas que deram uma visão, mesmo que muito ampla, do sentimento e apreço que os trabalhadores solidários possuem sobre a importância do trabalho que é realizado, seus significados pessoais e repercussões sócio-econômicas, somados aos reflexos e resultados de ordem política que o sistema representa.

Na seqüência, faço a amostragem dos resultados obtidos, nas questões de resposta discursiva, apresentadas sob a forma de comentários espontâneos e referentes ao desenvolvimento do trabalho desenvolvido de forma solidária.

5.2. APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS DISCURSIVAS DO QUESTIONÁRIO

Feito uma a seleção entre alguns dos entrevistados, cujas respostas dadas foram consideradas mais significativas, por sua contextualização, levei em conta, buscar, no conjunto, um expressivo e representativo número de entrevistados, que incluiu diferentes etnias, gênero, raças, nacionalidades, situação sócio-econômica e faixas etárias, mostrando claramente a dimensão do trabalho que realizam e a diversidade desses trabalhadores, na construção do seu perfil.

Para possibilitar uma análise mais conclusiva, optei pela exposição do sentimento de diversos pesquisados, selecionando as frases consideradas com melhores significados, para, em seguida, comentar o conjunto das respostas.

QUESTÃO 14 – QUAL A OPINIÃO SOBRE O TRABALHO EXECUTADO?

“Creo que es importante que los jovens encontremos formas de sustento alternativas. No solo como empleados de empresas grandes y corporaciones.”
Emprendedor peruano.

“Faço o trabalho para resgatar e valorizar a auto-estima da comunidade negra e sugerir, à comunidade em geral, o reconhecimento da cultura negra, seus costumes.”
Voluntária da Pastoral Negra.

“El intercambio de culturas es lo mas importante em este tipo de encuentros.”
Empreendedora uruguaia.

“O trabalho socioambiental que a RETS – Rede Estadual Trocas Solidárias – vem desenvolvendo, de forma voluntária, é a base para a verdadeira economia solidária, porque sensibiliza, integra, forma os grupos de forma coletiva para a auto-gestão. Os clubes de trocas são um espaço de formação onde todo o cidadão tem espaço para colocar seu nome e seu saber na roda.” Gestora.

“É um trabalho que amplia os horizontes e de fato leva a acreditar que: ‘muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, transformarão a face da Terra’. Freira e gestora voluntária.

“Além de dar uma ocupação às pessoas que dele participam, nos desperta mesmo um conhecimento e uma educação para uma outra forma de vida.”
Empreendedora.

“Um trabalho de suma importância no resgate da vida e da dignidade das pessoas envolvidas, através da arte e da reflexão.” Estudante empreendedor.

“Como aposentada que sou, acho maravilhoso me ocupar com trabalhos manuais, participar em grupos de convivência, participar de feiras, vender meus trabalhos, ensinar a outras pessoas.” Empreendedora da terceira idade.

“Um pouco nos divertimos, outro porque estamos trabalhando entre amigos.”
Adolescente.

“A importância é sentirmos ser parte da sociedade de forma digna e contribuindo de uma forma solidária.” Empreendedora.

“Meu trabalho tem um cunho social que é o cuidado do meio ambiente e do indivíduo, enquanto gestor do seu espaço social. Trabalhamos com a reciclagem, pois acreditamos que ela tem esse papel fundamental de reconstruir vidas.” Empreendedora.

“Gosto do que faço, além de sustentar minha família, estou ajudando a proteger a natureza.” Recicladora.

“Um trabalho ótimo. Porque cuidamos do meio ambiente.” Adolescente de Viamão/RS.

“Me orgulho muito, pois além de complementar minha renda tenho oportunidade de ajudar os outros a complementar a renda deles, além de incluir os excluídos.” Gestora e empreendedora.

“É trabalho importante; por que é baseado em princípios e responsabilidade social e ambiental.” Reciclador.

“É importante para beneficiar as pessoas necessitadas. Poder fazer alguma coisa boa para as pessoas como caridade e fraternidade.” Empreendedora plantas medicinais.

“No contamina medio ambiente prendas naturales.” Indígena uruguaio.

“Oportunidade para mostrar que todos podem executar um bom trabalho e que a oportunidade é a solução para muitos problemas. Foi uma porta que se abriu quando eu mais precisava e me mostrando que eu sou capaz.” Empreendedora.

Como se pode observar, as opiniões são muitas e os significados são maiores. As frases selecionadas dão a dimensão da importância na vida dessas pessoas da economia de solidariedade. Suas manifestações, por mais simples e incompletas que sejam, representam um sentimento de felicidade, pela satisfação e realização, nelas demonstradas, isso aconteceu com a grande maioria dos trabalhadores que respondeu ao questionário, posto que, quase todos, expressaram que encontraram a razão de suas existências na forma de trabalho que executam.

Embora existam pessoas que, por não serem proprietários dos empreendimentos, ainda não tenham uma opinião consolidada. Nestes casos, ficou expressado que estão aproveitando a oportunidade para buscar alternativas de trabalho para garantir e reforçar a renda familiar, enquanto estão definindo a maneira de como pretendem viver, no mundo do trabalho, daí para frente.

Provocados a responderem: Qual a opinião formada sobre o trabalho que executam? Obtivemos diversas e esclarecedoras respostas, cujas informações dão a dimensão da importância e significados para aqueles que estão diretamente envolvidos.

Considerando que, o questionário foi distribuído para empreendedores e gestores solidários, presentes em eventos locais, de menor dimensão, como conferências, feiras,

congressos e festivais e, também em eventos de maior dimensão, como feiras internacionais, e latino-americanas, como a feira internacional do cooperativismo e o fórum social mundial, as respostas tiveram uma dimensão muito grande, levando-se em conta o público atingido, pois obtivemos opiniões que representam diversas etnias, raças, gênero e faixas etárias que enriqueceram, ainda mais, a idéia que se construiu a respeito da economia solidária e seus significados sociais.

A investigação realizada tinha a pretensão de constatar a possibilidade de haver uma outra economia possível, junto aos trabalhadores solidários, bem como ser, a educação ambiental, o elemento base de sustentação dessa nova alternativa de trabalho e geração de renda. Foram de grande importância as informações obtidas com os empreendedores da economia de solidariedade.

Conforme se pode constatar, esses trabalhadores demonstram uma consciência muito grande sobre suas atividades, quer pelo aspecto emancipacionista, com a independência econômica pessoal, de seus familiares e de suas organizações comunitárias, quer pelo desejo da consagração de um modelo de economia incluyente, capaz de resgatar a dignidade dos indivíduos, expresso no conjunto das respostas obtidas.

Mas outro elemento deve ser levado em consideração, a consciência das responsabilidades demonstradas, principalmente no respeito ao próximo, ao consumidor e ao meio ambiente. Preocupações permanentes, como a devolução daquilo que lhe foi retirado, de maneira que possa garantir a sua renovação e a sua recuperação, promovendo, assim, a sustentabilidade.

Enfim, já nesta primeira questão, entre as cinco formuladas, ficou evidente, de acordo com as respostas obtidas junto aos entrevistados, dos quais foram selecionadas algumas respostas acima, que melhor expressam a importância do trabalho que desenvolvem, tanto no aspecto da sua auto-satisfação e realização pessoal, como para garantir o sustento, com dignidade, de suas famílias. Isto trás reflexos em suas comunidades, posto que, por sua característica de solidariedade, acaba envolvendo outras pessoas nessa forma de trabalho e pelo imenso cuidado e consciência com que desenvolvem suas atividades, no que diz respeito à preservação dos recursos naturais e ao meio ambiente.

Concluimos a análise desta questão, destacando e repetindo uma das frases selecionadas de uma empreendedora que muito bem reflete a consciência e o sentimento dos trabalhadores da economia de solidariedade:

“Meu trabalho tem um cunho social que é o cuidado do meio ambiente e do indivíduo, enquanto gestor do seu espaço social. Trabalhamos com a reciclagem, pois acreditamos que ela tem esse papel fundamental de reconstruir vidas.”

QUESTÃO 15 – QUE IMPORTÂNCIA TEM NA SUA VIDA, NA SUA FAMÍLIA E NA COMUNIDADE, O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO GRUPO?

“A importância que tem aqui em Lomba Grande, é que já trabalho com reciclagem a três anos e já ensinei as pessoas a separarem o lixo.” Recicladora.

“Poder reunir pessoas, confraternizar, comemorar e tenho apoio da família. Muitos benefícios próprios e para passar para as pessoas que precisam.” Empreendedora em plantas medicinais.

“É um trabalho que além de gerar renda, é um trabalho que nos envolve para distrair. Principalmente nessa era que tem problemas com depressão, é uma terapia.” Adolescente de Viamão/RS.

“É importante porque une, fortalece e abre caminho para uma outra economia, uma outra alternativa de vida e uma troca de experiência que o trabalho formal não proporciona.” Empreendedora.

“Bem importante, principalmente para grupos mais carentes, a união faz a força, fica mais fácil. Mais pessoal a inclusão social, convivência, crescimento pessoal e social.” Empreendedora.

Trouxe-nos novos conhecimentos e a gratificação de fazer um bom trabalho reconhecido por muitas pessoas de todos os lugares. “Que sempre voltam, valorizando ainda mais nossa dedicação com tudo que fazemos.” Empreendedora.

“No es muy importante para my familia, elles prefieren que trabaje para uma empresa com salário fijo.” Artesão peruano.

“Relações com muitas pessoas; a troca de saberes em cada atividade. Todas as feiras e rodadas de trocas, pude trocar produtos para o uso da família.” Gestora.

“Muita importância, pois me sinto útil e importante, faço o que gosto e o que sei fazer. E posso mostrar a todos o meu trabalho, através de eventos, é gratificante ouvir das pessoas que meu trabalho é bonito, bem feito. Dá orgulho!” Empreendedora.

Tem muito valor porque é um trabalho associativo, com compromisso entre os membros, isto se reflete na família pelos resultados que alcança.” Reciclador.

“Enquanto organização, a economia solidária oportuniza o resgate dos costumes da comunidade negra e a elevar sua auto-estima.” Voluntária da Pastoral Negra.

“Desarrollo general y beneficio colectivo.” Empreendedora argentina.

“É de fundamental importância, pois é realmente uma forma de envolver o grupo, cria comunhão, reforça a solidariedade, é um espaço de verdadeiros encontros, de partilha, de vida e troca de saberes.” Freira, gestora voluntária.

“Tudo na vida da gente tem novo e renovado sentido quando é partilhado, nesses grupos nos conhecemos, fazemos amizade e somos apoio uma para outra nos diferentes momentos da vida.” Estudante empreendedora.

“Serve como ajuda na economia da família, bem como de incentivo aos netos para que também aprendam a trabalhar e reciclar.” Empreendedora da terceira idade.

“Ajuda na renda da família, reúne a família, podemos dialogar sobre os problemas e melhorias.” Empreendedora.

“Trás união e tira as pessoas da monotonia em que vivem e trás renda para todos com as feiras que realizamos.” Empreendedora da terceira idade.

“Eu acho bom, pois em vez de estar nas ruas, sem fazer nada, estamos ganhando dinheiro para nos sustentar.” Adolescente.

“Sinto que este trabalho contribui e muito para uma melhoria da renda de muitas famílias e também para fortalecer a troca de saberes.” Empreendedora.

“É uma alternativa de renda que trás o sustento para a minha família há mais de dez anos.” Empreendedora.

“O trabalho executado trás ao grupo mais auto-estima, gerando trabalho e renda para a comunidade e aumento da renda familiar.” Empreendedor.

“É de total importância. Depois dos laços afetivos, o artesanato é o eixo central da minha família.” Empreendedora.

“É um trabalho com qualidade de vida e saúde, com renda familiar e venda direta. É um trabalho que alegra o produtor e o consumidor.” Empreendedora ecológica.

Pelo que se pôde observar, as opiniões são diversas, mas muito positivas, no que se refere aos significados do trabalho desenvolvido, tanto se a atividade é realizada individualmente, como se for feito em associações ou cooperativas pelo entrevistado.

Como a questão tem três enfoques: o pessoal, o familiar e o comunitário, algumas respostas ficaram centradas em apenas um dos enfoques, mas nem por isso deixaram de apontar a importância, em significados, do trabalho que realizam, especialmente pela humanização dos indivíduos que atuam na economia de solidariedade.

Manifestações puderam ser destacadas, que demonstram uma auto-realização dos trabalhadores solidários, pela possibilidade de comunhão de pessoas socialmente iguais. Porém, o que mais é levado em consideração, é a possibilidade de sustento de suas famílias com dignidade e plena satisfação, por saberem estar realizando atividades que sabem e gostam de fazer, sobretudo atendem aos interesses de outras pessoas, cujas necessidades, nem sempre são atendidas pela economia de mercado.

Porém, o que mais impressiona, é a certeza que essas pessoas têm de que, o seu trabalho, é de grande importância social, pois são desenvolvidos dentro de suas organizações comunitárias, associações ou cooperativas e mesmo sendo uma produção individual, apresenta todo um envolvimento coletivo, já que todos se envolvem por um crescimento integral, dividindo responsabilidades entre si e apoiando-se mutuamente, socializando saberes e adquirindo mais conhecimentos, consolidando, assim, uma evolução social de âmbito comunitário.

Entretanto, se pode perceber, que ainda existem resistências de pessoas quanto a essa forma de atividade econômica. Algumas pessoas que estão envolvidas com a economia solidária foi por falta de oportunidade no mercado formal de trabalho. Estão desempenhando algumas atividades, temporariamente, enquanto esperam por alguma

outra possibilidade de trabalho, pois acreditam que, servindo a uma empresa de grande capital, estarão garantindo sua sobrevivência com maior segurança. É uma questão de opinião.

Ainda existe outro fator negativo, sobre a economia solidária, que é a pressão familiar e até da sociedade, contra esta modalidade de trabalho. De acordo com o artesão peruano, conforme comentou, em diálogo pessoal, sua renda decorre do seu trabalho e das possibilidades de comercialização. Neste aspecto, reclama de poucas oportunidades, que lhe obrigam a andar pelo mundo, como se expressou, para vender o seu produto.

No contraponto, ele próprio apresentou outras vantagens: primeiro, que sua opção de trabalho, lhe oportuniza viajar por diversas cidades e regiões, sem restrições e sem compromissos maiores, podendo chegar e sair quando melhor lhe convier; segundo, por não necessitar prestar contas do seu trabalho, é dono do seu tempo e pode decidir o quê e onde fazer e quando melhor lhe interessar, afirmou ser um andarilho por opção.

Porém concorda que um dia terá de parar e fixar-se em algum lugar, então irá se estabelecer, onde tenha a possibilidade de fazer o seu trabalho, com garantias e os direitos legais, mas não sabe quando, isso vai acontecer, por enquanto prefere a liberdade de escolher o quê fazer!

Com esse depoimento, dado de forma muito descontraída, o artesão mostrou, claramente, ter consciência dos seus atos e da sua opção de vida, não deixou dúvidas de que é um andarilho e que não deseja se prender ou se fixar, por enquanto, em algum lugar específico, também nesse aspecto, a economia solidária lhe é bastante importante, pois nela encontra espaço e apoio de outras pessoas que, sem conhecê-lo, lhe favorecem com condições de comercializar seus produtos e, assim, garantir sua sobrevivência.

A esta questão, concluímos com o destaque para uma frase selecionada, escrita por uma das pessoas que atuam na economia solidária, como gestora voluntária:

“É de fundamental importância, pois é realmente uma forma de envolver o grupo, cria comunhão, reforça a solidariedade, é um espaço de verdadeiros encontros, de partilha, de vida e troca de saberes.” Freira e gestora voluntária.

QUESTÃO 16 – RECOMENDARIA ESTA ALTERNATIVA ECONÔMICA PARA OUTRAS PESSOAS E/OU OUTRAS COMUNIDADES?

“Sim. Pois em nosso trabalho realizamos oficinas em diversas comunidades, desde o produto até a informação do que é economia solidária.” Gestora.

“Recomendo por ser um meio de vida muito honesto e está respeitado por muitos.” Recicladora.

“Sim. Faço voluntariado e o meu retorno é através de divulgação do trabalho e o reconhecimento humano.” Artista plástica e voluntária.

“É um trabalho de desenvolvimento e transformação, de resgate à cidadania que realizamos na comunidade onde moramos.” Empreendedora.

“Funciona. Não só para os carentes. É uma realização. Um ajuda o outro.” Artesão.

“Sempre. Porque é uma saída econômica local. Esta alternativa resgata saberes culturais antigos, como a roda de trocas indígenas, rodada da agricultura.” Gestora.

“Sim. Recomendaria com certeza, pois ser independente é maravilhoso e uma outra economia, é sim possível, basta acreditar.” Empreendedora.

“Sim, pois todos temos capacidade de fazer algo. Se temos oportunidade e dedicação, não tem como não dar certo.” Empreendedora.

“Recomendo. Acho muito importante, porque resgata a cidadania das pessoas, aumenta a auto-estima e ajuda a gerar renda para a família.” Empreendedora.

“Com certeza absoluta que recomendo. Com olhar de negro que não tem emprego, nem outra alternativo de trabalho e renda.” Voluntária da Pastoral do Negro.

“Seguramente, de hecho lo hacemos, capacitamos y logramos que otros se integren. En grupo es más fácil.” Empreendedora argentina.

“Com certeza. Este trabalho nos traz muita satisfação, unido com a renda proporcionada, sem falar na contribuição que dá ao meio ambiente.” Artesão com PET.

“Com certeza que sim, quem faz artesanato não tem depressão. É ótimo, me faz sentir como é bom produzir e vender meus próprios trabalhos.” Artesã.

“Sim, pois é um papel muito importante porque a partir daí aprendemos a trabalhar e pensar coletivamente.” Empreendedor.

“Sim. Há uma troca de cultura, de experiência e de sustentabilidade.” Empreendedor.

“Si. Que estas ferias sean mas frecuentes.” Indígena charrua uruguaio.

“Sim, sou grande incentivadora para organizar novos grupos e sonho com muitas pessoas nesse projeto. Ele vai crescer, se fortalecer e está sendo alternativa de economia.” Freira, gestora voluntária.

“Sim. Pois talvez essa seja a única forma para nós, as pequenas comunidades, sobreviverem nestes tempos tão capitalista.” Empreendedora.

“Antes de começar a participar deste grupo, tinha um objetivo que era me mudar com minha família para Uberlândia/MG. Depois do grupo, tudo mudou, pois hoje acredito que possa viver e viver bem em minha pequenina comunidade, Morrinhos, em Serra Dourada/BA.” Empreendedora.

“Com certeza, precisamos continuar acreditando e fazendo acontecer um outro mundo possível, mais humano, solidário e ecológico. Pois: ‘Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos fazendo coisas pequenas, mudam a face da Terra.’ Provérbio africano.” Estudante empreendedora.

“Sim. Fonte de renda existe para quem quer trabalhar. Não fique dependendo somente dos governos.” Empreendedor.

“Sim, com certeza. Quero dizer que procuro sempre ouvir, participar e realizar atividades que me tragam prazer e ao mesmo tempo sejam de alguma valia para mim e outras pessoas.” Empreendedora da terceira idade.

“Sim. Aqui você está sempre aprendendo, conhecendo novas pessoas, trocando idéias e conhecimentos.” Empreendedora.

“Certamente, pois é uma boa maneira de se destacar no trabalho e estamos dando exemplos para outras pessoas.” Adolescente.

“Sim. Além da renda que é muito importante, é um trabalho que dá muito prazer.” Voluntária empreendedora.

“Sim, por ser um trabalho justo e solidário, ajuda no meio ambiente, ajuda a não estragar a terra e a nossa água e a saúde do povo. Pensar que todos têm o mesmo direito. Querem que se faça uma agroindústria, mas a família não consegue fazer sozinha.” Empreendedora familiar.

“Sem dúvida alguma, é bom para nós, por certo para um grupo maior será esplêndido. **SOL**idarietàade, como a palavra diz. O sol nasceu para a humanidade, devemos espalhar esta idéia, como sementes a serem germinadas. ” Empreendedor.

As respostas obtidas nesta questão dão uma noção exata do enorme grau de conscientização dos empreendedores solidários. Questionados se recomendam esta alternativa de trabalho e geração de renda para outras pessoas e até mesmo para outras comunidades, as respostas, além de serem afirmativas, expressam a alegria e o entusiasmo dessas pessoas com relação ao retorno que recebem.

A satisfação não se refere à lucratividade, simplesmente, ela está presente em todos os momentos e em todas as ações que desenvolvem junto às suas comunidades e nos eventos que participam e deixam bem claro a necessidade da participação de mais trabalhadores, nessa modalidade de geração de trabalho e renda.

Referente às respostas recebidas, junto aos entrevistados, os trabalhadores se unem na organização e promoção das suas atividades, solidariamente, e os resultados são: a estruturação dos grupos de trabalho, das atividades que são desenvolvidas, das formas de comercialização e, sobretudo, na construção dos espaços e locais de comercialização.

Porém, o que mais lhes inspira e dá prazer na opção que fizeram pela economia da solidariedade, é saber que estão trabalhando de forma autônoma, que seu trabalho é honesto e, por isso, de respeito mútuo, isto é, respeito pelo consumidor ao fornecer-lhes um produto limpo, saudável e de qualidade e obter a reciprocidade do consumidor, reconhecendo os produtores e o produto ao recomendar o consumo para outras pessoas.

Mas, na economia solidária, encontram-se outros valores de real importância, como o resgate da cidadania e da dignidade humana, onde a promoção das individualidades se dá na forma como atuam coletivamente, ou seja, “um ajuda o outro”, como disse um artesão e esta situação afirma e garante as condições necessárias de evolução e ascensão sócio-econômica dos participantes do processo. Além da

segurança que a união das forças de trabalho promove aos trabalhadores, há a satisfação do retorno econômico, proporcionado pela comercialização dos produtos.

Este processo de geração de trabalho e renda permite, também, um grande crescimento pessoal dos envolvidos, nas trocas realizadas, que não são apenas do gênero produzido, essas transcendem o elemento material, e se estabelecem no campo das idéias, na aquisição dos novos conhecimentos e dos novos saberes, que acontecem durante os encontros realizados, no convívio com as diversidades culturais e na socialização das experiências de cada um.

Todas essas situações promovem, como já foi citado, a evolução social, econômica e cultural dos empreendedores solidários que se reflete em seus atos e comportamentos, gerando uma tomada de consciência, especialmente no que se refere e reflete no respeito às coisas da natureza e nos cuidados que se deve ter com o meio ambiente, garantindo, assim, uma economia de sustentabilidade.

Ao contrário do modelo econômico construído em cima do capital, da exploração do trabalho e na super valorização daquilo que é material, em detrimento da valorização do ser humano, a economia solidária está fundamentada, justamente, no reconhecimento dos indivíduos e isto pode ser facilmente comprovado, nas diversas manifestações de socialização da idéia da economia de solidariedade, no incentivo à participação de mais pessoas e na criação de mais grupos, associações e cooperativas solidárias, conforme expresso, principalmente pela frase de um empreendedor solidário, especialmente selecionada para ser reproduzida, logo abaixo:

“Sem dúvida alguma, é bom para nós, por certo para um grupo maior será esplêndido. SOLidarieidade, como a palavra diz. O sol nasceu para a humanidade, devemos espalhar esta idéia, como sementes a serem germinadas.” Empreendedor.

QUESTÃO 17 – QUAL A RECOMENDAÇÃO PARA AS AUTORIDADES?

“Investir mais nesses trabalhos solidários, para tirar jovens das ruas até pessoas terem um sentido na vida.” Adolescente de Viamão/RS.

“Que brindem facilidades para realizar este trabajo y apoyo de infraestructura.” Empreendedor peruano.

“Recomendo que possam ter um olhar mais qualificado para a economia solidária, visando potencializar e estruturar grupos dentro do princípio básico da economia solidária.” Empreendedora.

“Que as autoridades deixem de olhar para o seu próprio bolso e olhem para o coletivo. Um outro mundo é possível. Funciona, não só para os carentes. É uma realidade, um ajuda outro.” Empreendedora.

“Que valorizem e dêem mais atenção a essa alternativa de geração de trabalho e renda. Que não exclui ninguém faz a inclusão, e não tem contra indicação nenhuma. É uma forma de dar uma chance da sociedade mostrar que também é capaz de muita coisa mesmo sem a instrução necessária.” Empreendedora.

“Várias: 1. Mais apoio aos grupos de trabalho. 2. Agentes locais para a pesquisa e divulgação. 3. Políticas Públicas para a Economia Solidária. 4. Reconhecer as trocas solidárias como um processo educativo de base da Economia Solidária.” Gestora.

“Ter mais respeito com a comunidade negra, oferecer mais alternativas, oportunizar a auto-estima, a independência, sem bolsas famílias. Independência! Das pessoas! Das famílias negras!” Voluntária da Pastoral do Negro.

“Prestar atención a las necesidades de La gente, sin preguntar inclinación política, solo las ganas de crecer y desarrollo próprio y comunitario.” Empreendedor argentino.

“Só pedir aos nossos governantes um pouco mais de atenção ao nosso trabalho, que dessem mais valor ao trabalho comunitário.” Empreendedor

“Dar mais oportunidades para expormos nossos trabalhos com mais freqüência, um espaço como este (em Santa Maria), deveria haver com mais freqüência.” Empreendedor.

“Que as autoridades incentivem os grupos existentes, favoreçam com apoio e naquilo que os grupos precisam para crescer e de fato se tornar uma economia que possa circular na comunidade, no Município.” Freira, gestora voluntária.

“Que aproveem os projetos dos pequenos e informações para que possamos nos manter em nossas próprias regiões, sem que haja migração.” Empreendedora.

“Precisamos acreditar num outro jeito de fazer acontecer economia. Não só acreditar, mas vivê-la, apoiá-la, pois só assim todos poderão ter acesso aos bem necessários para a sobrevivência, tendo condições dignas para a vida. Isso acontece e é possível.” Estudante empreendedora.

“Que dêem mais oportunidades de trabalho, incentivo para a Economia Solidária que seja aprovado leis sobre Economia Solidária, mecanismos para melhoria de produção e isenção de impostos.” Empreendedor.

“Que tragam incentivos às comunidades para que cuidem do meio ambiente e ao mesmo tempo se realizem como pessoas, trabalhando e convivendo com atividades do bem.” Empreendedora da terceira idade.

“Que as autoridades possam olhar com carinho para os grupos e projetos de geração de trabalho e renda ou Economia Solidária, pois é uma alternativa de várias pessoas terem uma vida digna e com isso sustentar sua família.” Gestor.

“Para que discutam uma forma de melhorar a contribuição política para esses eventos, para desenvolver uma economia solidária e fazer com que muitas pessoas sejam valorizadas pelo seu trabalho importantíssimo em nossa sociedade.” Empreendedor.

“Que invistam mais nas políticas públicas, economia solidária, agroindústria familiar fomentando as pequenas propriedades rurais.”

“Que olhem com mais carinho e respeito o trabalho do artesão que é uma porta importante para a inclusão social.” Artesão empreendedor.

“Que enxergue a agricultura familiar no seu lugar, não impedindo as vendas dos produtos que vem da colônia para a cidade, direto dos produtores para os consumidores, todos têm o mesmo direito, o mercado é de todos.” Empreendedora rural.

A questão acima, trás importantes significados, nas repostas colhidas nos questionários respondidos pelos entrevistados, talvez um dos principais tenha ficado explicito, já na primeira frase selecionada e descrita no topo das respostas dadas por uma adolescente da cidade de Viamão/RS:

“Investir mais nesses trabalhos solidários, para tirar jovens das ruas até pessoas terem um sentido na vida.”

No diálogo informal realizado com a entrevistada, esta confidenciou que tinha um amigo muito próximo que já tinha vivido na rua e que retornou ao mundo do trabalho, graças à economia solidária, reconquistando a sua cidadania com dignidade.

Embora a grande maioria das manifestações, expressadas nos questionários aplicados, tenham sido no sentido de sugestão e até mesmo de apelo às autoridades por oportunidades de trabalho, na promoção de eventos e na construção de espaços adequados para a comercialização dos produtos elaborados pelos empreendedores solidários, percebe-se a grande aflição da maioria desses trabalhadores na falta de apoio e oportunidades para desenvolverem suas atividades econômicas.

Mesmo com os exemplos bastante representativos, de sucesso econômico, os empreendedores solidários ainda encontram muitas dificuldades de organização, principalmente na hora da comercialização dos seus produtos, tornando-se bastante evidente, a falta de políticas públicas eficientes voltadas para este modelo alternativo de economia com solidariedade.

É necessário, a organização de projetos e programas que organizem, estimulem e promovam a formação de núcleos ou grupos de produção solidária, pois muitas pessoas que estão em situação de exclusão do mercado do trabalho, se tivessem oportunidades, recebessem algum tipo de apoio e treinamento, certamente estariam em condições de recuperação e de voltar a exercer alguma outra atividade, evitando o que se tornou um grande problema social. Isto é de competência do poder público. É preciso que os governantes entendam que isto não são despesa e sim, um investimento.

Um indivíduo em situação de exclusão, além de não gerar riqueza, com sua força laboral, acaba se tornando um promotor de despesas, correndo o risco de transformar-se um grande e grave problema social. A prevenção contra este risco é de responsabilidade do poder público. Se esta pessoa for recuperada e reinserida no mundo do trabalho, não só começará a produzir riqueza com o seu trabalho, como deixará de gerar despesas, por encontrar-se em condição de desvio e à margem do convívio social.

Todo este sentimento esta presente entre os empreendedores solidários e ficou muito bem expresso na frase que buscamos entre as selecionadas:

“Que valorizem e dêem mais atenção a essa alternativa de geração de trabalho e renda. Que não exclui ninguém faz a inclusão, e não tem contra

indicação nenhuma. É uma forma de dar uma chance da sociedade mostrar que também é capaz de muita coisa mesmo sem a instrução necessária.” Empreendedora.

QUESTÃO 18 – DESEJA FAZER ALGUMA MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA

“Além de aumentar a renda familiar, nos sentimos úteis na sociedade, este trabalho tirou meu esposo da depressão que estava entrando, após a aposentadoria e levamos material de pouco custo para as pessoas com baixa renda.” Empreendedora.

“La economía solidaria o alternativa es una buena opción para combatir el sistema económico capitalista que oprime la mente del obrero y humilla su mente.” Empreendedor peruano.

“Gostaria que todos que tem a oportunidade de estarem inclusos, nos programas de economia solidária, que aproveitassem e acreditassem que é possível sim se auto sustentar com seu próprio trabalho, sem depender da iniciativa privada.” Gestora e empreendedora.

“Trabalhar com o que a gente gosta é gratificante! Poder mostrar nosso trabalho e ainda vender é muito bom! Eu me sinto muito feliz com meu trabalho e agradeço a DEUS sempre!” Empreendedora.

“Trabalhamos pensando no próximo.” Voluntária.

“Fazer com que outras pessoas aprendam algo que ainda não fizeram e procurem ter uma melhor qualidade de vida, porque merecem.” Voluntária.

“É importante os estudiosos devolver a pesquisa para os empreendimentos.” Reciclador.

“Nosotros como Sabor y Arte Argentino nos agrupamos para el desarrollo de la comercialización de nuestros productos. Em este momento somos más de sesenta (60) productores de todo el país. Pagamos una nota de cincuenta pesos y com eso desarrollamos una comercializadora itinerante.” Empreendedora argentina.

“O trabalho é muito importante para divulgar os benefícios da natureza e que podem ajudar as pessoas, através da medicina alternativa.” Plantas medicinais.

“Uma dificuldade grande enfrentada pelo grupo de voluntariado é ter um agente ou entidade que colabore com a construção do projeto anual para captar recursos que garantam o ir e vir (passagens e alimentação), pelo fato de não termos honorários que supram esta necessidade.” Gestora.

“Sou uma pessoa feliz, sou mãe, esposa, filha e acima de tudo, uma pessoa que gosta do que faz e tenta sempre fazer o melhor.” Empreendedora.

“El grupo brinda la posibilidad de conocer puntos de venta, ayuda nuestra creatividad entre otros motivos encuentro.” Empreendedor uruguaio.

“Muito boa sua temática para pesquisa. Certamente será de grande contribuição para esses empreendimentos, essa nova alternativa de obtenção de renda, a economia solidária.” Freira, gestora voluntária.

“Apesar da solidariedade de cada grupo, no meio há muita inveja e ganância de certas pessoas, como a liderança de grupo, se é uma solidariedade, devemos ser mais solidário um com o outro. Nossos eventos solidários deviam ser mais divulgados pela mídia.” Empreendedora.

“Sempre que se aprende algo novo e passamos a outrem, trás satisfação, repartir é sempre o melhor remédio.” Empreendedora da terceira idade.

“Que bom que as pessoas valorizam trabalhos solidários em nosso país, pois só por ser solidário, faz-nos sentir mais humanos.” Empreendedora.

“É um trabalho de grande importância para todos, dando oportunidade de inclusão.” Empreendedor.

Com esta questão, encerramos o processo de análise da pesquisa quantitativa, que assim, como nas questões anteriores, está recheada de significados e surpresas. Talvez, esta seja a pergunta, pela qual possa tirar grandes informações, justamente porque representou o espaço para a manifestação livre dos entrevistados.

Isso pressupõe que cada manifestação expressa o sentimento real e verdadeiro de cada entrevistado e, principalmente, trazem os significados especiais para cada um dos

indivíduos que respondeu a pesquisa. Abaixo, apresentamos uma síntese das expressões e manifestações dos investigados.

Entre outros significados, pode-se constatar a imensa satisfação que a economia solidária representa na vida desses trabalhadores. A garantia do aumento da renda familiar, associada à sensação agradável de saber que estão realizando um trabalho honesto e de custo barato, dá aos trabalhadores, a certeza da auto-realização, afastando qualquer possibilidade de exclusão social.

Na economia de solidariedade, é possível preparar outras pessoas para o exercício de um trabalho que ainda não saibam realizar. Isso proporciona ao orientador, um incomparável sentimento de realização, pelo fato de auxiliar outras pessoas a conquistar uma melhor qualidade de vida e aos trabalhadores, a realização por estar descobrindo novas oportunidades e alternativas de trabalho e renda.

Em algumas manifestações, observa-se a alegria e emoção dos empreendedores, em poder se organizarem para produzir e comercializar seus produtos. Se não houvesse esta alternativa, provavelmente não resistiriam às dificuldades ou teriam que procurar outra forma de obtenção de renda.

Esta modalidade também proporciona a inclusão social, humaniza as pessoas e faz com que percebem a importância do respeito ao meio ambiente. Pelo respeito ao próximo muitos dos empreendedores solidários, repassam seus conhecimentos a outros trabalhadores, isso é a solidariedade promovida pela economia de solidariedade. Existem depoimentos que citam a cura ou que pode prevenir o mal da depressão, decorrente do desemprego ou da aposentadoria.

Porém, entre esses trabalhadores, existem alguns empreendedores que ainda não entenderam a essência dessa forma de geração de trabalho e renda. Enquanto alguns não sabem, exatamente, o que vão produzir, passam a coletar, entre outros trabalhadores, sugestões e a pedir orientação de como produzir, outros não concordam e se ressentem, com a possibilidade da concorrência muito próxima. Isso gera mal estar no grupo.

Certamente falta uma melhor orientação para essas pessoas, pois uns desejam melhorar ou obter algum lucro, outros desejam garantir seus lucros não aceitando a concorrência, isto ocorre na economia capitalista, à preocupação com o lucro e não com

a solidariedade. Para algumas pessoas é muito difícil transpor as barreiras impostas há tanto tempo.

Não restam dúvidas de que o sentimento de solidariedade está acima de tudo para os trabalhadores solidários. E a confirmação desse pensamento está expressa em diversas manifestações, quando mencionam a satisfação de trabalhar pensando no próximo, ou quando desejam passar para outras pessoas que a economia solidária é capaz de promover a auto-suficiência econômica e a libertação do trabalho de natureza capitalista.

Para finalizar, buscamos uma frase, entre as selecionadas, que expressam com fidelidade o sentimento dos empreendedores solidários, numa das manifestações espontâneas sobre a economia solidária.

**“Além de aumentar a renda familiar, nos sentimos úteis na sociedade, este trabalho tirou meu esposo da depressão que estava entrando, após a aposentadoria e levamos material de pouco custo para as pessoas com baixa renda.”
Empreendedora.**

CAPÍTULO VI

6. A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E A CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A perspectiva sócio-histórica procura propiciar meios para (re)pensar o indivíduo em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, considerando a relação do sujeito com o ambiente em que atua.

Segundo Freitas (2002, p.22), a pesquisa qualitativa na ótica sócio-histórica preocupa-se em encontrar métodos de entender e “estudar o homem como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico”.

O homem é um sujeito histórico e caracterizado por uma cultura capaz de produzir e reproduzir a realidade social ao mesmo tempo em que é produzido e reproduzido por ela.

Segundo Freitas (2002, p.21), a pesquisa qualitativa baseada na perspectiva sócio-histórica destaca a compreensão dos “fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo”.

A forma de escolha dos elementos pesquisados teve início na aproximação com os grupos organizados que atuam na economia solidária, na cidade de São Lourenço do Sul. E os sujeitos a serem investigados, foram escolhidos após um período de convívio relativamente suficiente, durante as reuniões semanais que ocorreram no ano de 2010, dos grupos existentes e organizados e durante a participação em diversos eventos, tanto de organização administrativa quanto de comercialização em feiras e eventos festivos, no âmbito municipal e intermunicipal.

Nesse sentido, fez-se necessário uma convivência intensa com os observados, na tentativa de criar o ambiente e construir uma relação de parceria entre o pesquisador

e os sujeitos pesquisados. Ou seja, primeiramente buscou-se conhecer os elementos pelo convívio nos seus grupos de trabalho, posteriormente foram selecionados os indivíduos que constituirão o grupo dos pesquisados e que tratam a economia solidária como um trabalho de sustentação de si e de suas famílias, tanto como alternativa de melhoria da renda, como com a possibilidade de obtenção da autonomia econômica.

Certamente que nestas escolhas, se buscará em cada sujeito, sua trajetória de vida e a riqueza de suas vivências, através de seus testemunhos e das suas atividades. Com este propósito, de analisar as diversas metodologias de trabalho, projetei selecionar um grupo representativo de trabalhadores, para melhor compreender o processo de inserção da economia solidária na vida desses indivíduos, alguns já situados à margem de um modelo econômico caracterizado pela exclusão social.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida por meio de entrevistas semi-estruturadas com sujeitos que estavam desenvolvendo atividades de economia solidária, na ótica da educação ambiental. As entrevistas contribuíram com reflexões significativas a respeito da maneira como os trabalhadores desenvolvem as atividades relacionadas com a educação ambiental e com o respeito dado ao meio ambiente.

Além da entrevista, pretendeu-se observar o desenvolvimento do trabalho dos sujeitos investigados em seu local de produção, da mesma forma, acompanhar as diferentes formas de comercialização desses produtos, mas ganhou importância a forma como se organizam socialmente e as políticas existentes de apoio e amparo a esses trabalhadores.

Os registros aconteceram durante os encontros individuais e coletivos e se deram através das entrevistas semi-estruturadas e atividades por meio de anotações, diário de campo, filmagens e de fotografias nos lugares em que os sujeitos atuam, isto é, nos locais de trabalho e nos espaços de comercialização. Também compôs o cenário da coleta de dados, a busca pela compreensão dos processos históricos desses trabalhadores e de seus vínculos com a educação ambiental nos espaços de atuação.

Os dados coletados aparecerão sob a forma de transcrições das entrevistas e dos registros das atividades, visando à compreensão ampla do fenômeno em estudo.

É válido salientar que esta análise se deu paralelamente à duração do Mestrado, fixando-se nos recortes de um tempo que tende a ser restrito. Também se faz necessário

explicar que ela será histórica, por focalizar um movimento durante seus processos de implementação e no relacionamento das condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeções futuras. Nesse sentido, a análise buscará relacionar os acontecimentos singulares com o todo que compõe a economia solidária e todo o envolvimento existente e relacionado com a educação ambiental.

Entende-se que toda investigação é um processo que se constrói no decorrer da ação, no contato com o objeto de estudo e com os sujeitos diretamente envolvidos.

Espera-se, na análise das informações coletadas, entender e compreender, interpretar e revelar, o que for percebido e diagnosticado durante o período de convívio e de investigação com os grupos de economia solidária existentes e os sujeitos escolhidos para serem pesquisados.

Para isso, é necessário ficar bastante atento, para poder externar as experiências com a maior fidelidade possível, posto que nem sempre o que é visto pode ser percebido. Assim, o pesquisador obterá condições melhores de analisar os dados coletados e capacidade de buscar, de descobrir, de organizar e de sintetizar o que for mais significativo para os objetivos desta pesquisa e conhecer e informar de que maneira os trabalhadores envolvidos com a economia solidária desenvolvem esta prática, atentos às questões e às ações de educação ambiental e seus significados.

A observação é o modo privilegiado de contato que queremos, seja o mais íntimo e profundo possível com a realidade que se está a investigar. Compreende o conjunto das operações pelas quais o modelo de análise, constituído pelas hipóteses e pelos conceitos, é submetido à prova dos fatos.

Atendendo as limitações de recursos materiais, humanos, financeiros e temporal para a coleta das informações e face à natureza e especificidade do objeto da pesquisa, entendeu-se que uma amostra de quatro trabalhadores solidários pertencentes a quatro associações de empreendedores solidários da cidade de São Lourenço do Sul, situados dois na zona rural e dois na zona urbana da cidade, seriam adequadas e corresponderiam aos objetivos pretendidos na pesquisa.

A escolha das pessoas pertencentes a algumas associações, entre o conjunto existente, foi definida depois das observações preliminares, onde se entendeu que seria

mais interessante investigar trabalhadores cujos grupos apresentassem alguma diferenciação em nível das atividades que realizam e dos fins que perseguem.

6.1. OS PESQUISADOS E AS PESQUISAS

Conhecendo-se, mesmo que parcialmente, os problemas sociais que envolvem moradores de periferia urbana, também dos habitantes da zona rural das cidades e das alternativas viáveis de solução, houve a preocupação em elaborar uma relação de questões que serviram de orientação aos diálogos estabelecidos com os empreendedores solidários previamente selecionados.

Foram questões de opinião pessoal, com o intuito de obter informações, voltadas ao conhecimento existente, por parte dos entrevistados, a respeito da educação ambiental formal ou não formal e do meio ambiente propriamente dito, dos indivíduos que atuam diretamente na economia solidária.

A técnica da pesquisa qualitativa teve o propósito de buscar as informações necessárias, no âmago dos sentimentos e das emoções dessas pessoas, promotoras deste mecanismo de geração de renda, que para muitos é o meio de subsistência de si, de sua família e da comunidade social em que estão inseridos.

Os relatos, cada um na sua realidade específica, são carregados de fortes emoções que, de uma forma ou de outra, tiveram importantes significados para os interlocutores e, cada um, teve a liberdade de falar tudo que lhe aprouvesse e, em certas situações, de significados muito pessoais, foram consultados se, realmente, desejavam que constasse na transcrição das entrevistas, cujos resultados divulgados foram de inteira aprovação e concordância, sendo, inclusive, apresentado cópias das transcrições para aprovação final.

Para as entrevistas, foram selecionados os líderes de quatro das associações de empreendedores que ao longo do tempo se destacam pela organização dos seus grupos e pela liderança que exercem, sendo dois representantes de associações da zona urbana da

cidade e outros dois da zona rural, dando uma visão bem ampla da realidade que envolve estes trabalhadores e de suas comunidades.

Em seguida faremos a apresentação das entrevistas, com nomes fictícios para conceder um pouco mais de preservação das individualidades, embora todos tenham dito que não faziam restrições a respeito da divulgação de suas identidades, portanto o critério adotado foi de decisão estritamente pessoal.

6.2. ENTREVISTAS COM SARA

Ao apresentar a primeira das minhas entrevistadas, quero fazer pelo apelido de Sara. Tem 54 anos, é professora aposentada e pertence à Associação Mãos de Arte de empreendedores solidários de São Lourenço do Sul. É oriunda de uma família rural bastante pobre, constituída pelo pai pela mãe que tiveram oito filhos.

Alguns dos seus irmãos estão muito bem de vida, então ajudam muito os irmãos que tiveram menos sorte, isto significa que há uma união muito grande nessa família que costuma se reunir para festejar todas as datas mais significativas na casa de sua mãe. Falando de seu pai, Sara conta que era muito doente, mas era muito querido e respeitado na comunidade. Na família que constituiu, possui um casal de filhos e o rapaz, o mais velho deles, é casado e possui um filhinho pequeno, moram numa casa ao lado da sua.

Dentre os irmãos, Sara foi uma das poucas que estudou. Quando pediu ao pai para estudar, pois precisava de apoio para estudar, já que moravam para fora, este lhe falou que teria de trabalhar, pois não tinha condições de custear-lhe os estudos. Então, para cursar o Ginásio, à noite, lavava roupa para fora.

Sonhava em ser Professora ou Enfermeira e decidiu cursar o Magistério, onde teria melhores oportunidades e começou a correr atrás de emprego, pois não queria mais trabalhar na lavoura. Empregou-se como doméstica, mas seus patrões brigavam muito e isto lhe causava muita apreensão, pois morava no emprego.

Um dia seu patrão agrediu sua esposa com uma cadeira, deixando-lhe de cama por três dias, quando a patroa se recuperou e levantou da cama, começaram nova briga. Não agüentando mais, fugiu da casa. Relata esses fatos, para expor as dificuldades pelas quais passou para atingir seus objetivos. Mas perseverando não desistiu.

Cursou o primeiro ano do Magistério e conseguiu o primeiro emprego de Professora, foi trabalhar numa Escola na Zona Rural da cidade, não muito longe da sua residência, tendo que fazer o trajeto a pé para o trabalho e tinha de cruzar um arroio bem profundo durante o percurso. Fez esse percurso por um mês, até receber o primeiro salário, então comprou uma bicicleta e tudo ficou mais fácil.

Neste período passou por outro problema, era menor de idade e não poderia receber seu salário, muito menos trabalhar, então conseguiu resolver o problema, seu pai receberia por ela, como se fosse o professor.

As dificuldades enfrentadas eram imensas e o cansaço, pelo desgaste físico, começava a lhe atrapalhar, não teve outra saída, pois não poderia estudar sem trabalhar e tomou a decisão, a muito custo, de adiar o sonho de tornar-se professora e parou de estudar. Trabalhou por seis anos nessa Escola e conseguiu transferência dessa Escola, para outra mais próxima da sua casa, na localidade de Boqueirão.

Por fim a sorte começava a lhe sorrir, a Prefeitura pagou-lhe os estudos, no Curso de Magistério, durante as férias, na cidade de Pelotas. Nesse tempo estava namorando e decidiu se casar, aos 23 anos, mas seu esposo não queria que ela trabalhasse fora, pretendia que ela lhe ajudasse nas tarefas diárias de uma propriedade rural que tinha com sua família.

Inicialmente moraram na propriedade da família dele, mais tarde, entraram em concordância e decidiram, finalmente, por morar no Boqueirão. Onde trabalhou até a aposentadoria, chegando à função de Direção da Escola da localidade, enquanto que seu marido, que estava acostumado com as atividades da colônia, trabalhava de pedreiro.

Conta que nas aulas de “educação artística” da Escola em que estudava, já fazia alguns trabalhos artesanais e que desde muito cedo descobrira suas habilidades para as prendas domésticas, como o corte e a costura, bordado, crochê e tricô, tendo sido, nessa área, aluna de Dona Mariasinha. Fez seu próprio enxoval para o casamento.

Durante sua vida, sempre se envolveu com as atividades comunitárias, até hoje participa da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, da localidade onde se criou e da Comunidade Católica Romana do Boqueirão, localidade onde mora há muito tempo. Neste envolvimento, aprendeu muita coisa boa e com satisfação diz que foi daí que pode desenvolver tudo isso que faz, afirmando que hoje não faz mais, por absoluta falta de tempo.

Voltando a comentar sua trajetória, afirma que as coisas não foram nada fáceis, foi tudo muito difícil e era necessário fazer grandes sacrifícios para obter o que conquistaram e conta que precisou pagar uma empregada doméstica para cuidar dos filhos pequenos, enquanto trabalhava na Escola. “Por sorte, os filhos não deram trabalho.” Relata com o orgulho próprio de mãe amorosa.

Mas tudo tem um preço. Foi preciso trabalhar duro para conquistar o maior prêmio que os pais desejam: criar bem e com boa educação seus filhos, lhes indicar o caminho e apoiar-lhes no trajeto, esperando que façam o percurso de maneira correta e íntegra e que chegando ao final, sejam todos vencedores, pois os pais vencem na vitória dos filhos.

O filho estudou em Pelotas, hoje é um técnico agrícola muito bem encaminhado, está bem empregado e começa sua criação de cavalos, mas nem tudo foi tranquilidade, ele não gostava de estudar e foi preciso muita pressão e chantagem emocional para que continuasse seus estudos, em muitos momentos achou-se incapaz e pensou em desistir.

Deu muito trabalho, por não gostar de estudar, chegaram a ficar de mal, sem se falar por que ele queria desistir e ela não aceitava, mas com o apoio dos colegas conseguiu estudar até o final do Curso. Hoje reconhece a importância dos estudos e os significados que a sua formação representa na sua vida.

Sua filha está estudando o Curso Técnico em Química, também em Pelotas, uma paixão que nutre desde o Ensino Médio e que realiza com prazer, apesar do desgaste das viagens diárias que faz diariamente, está concluindo o Curso, mas ainda não sabe o que fazer depois, isto é, continuar os estudos ou lançarem-se no mercado de trabalho, tudo vai depender das oportunidades que aparecerem.

Mas como a vida de um professor, especialmente em comunidades pequenas como as que se encontram na zona rural, é sempre de muito envolvimento comunitário,

não tem como deixar de fazer registros durante quase todos os diálogos, por isso continuamos a comentar algumas de suas atividades escolares, enquanto professora e diretora da Escola da comunidade local.

Sara conta que, como professora, gostava muito de fazer passeios com as crianças, para reconhecimento dos espaços, dos ambientes e das curiosidades existentes, como disse: “reconhecer para amar”. Sentia que as crianças gostavam e isso marcou muito. E ainda hoje, sempre que reencontra algum aluno, ou quando é procurada por eles, não cansam de relatar a simpatia que sentem por ela e pelas aulas que ela dava, num misto de gratidão e de reconhecimento. Isso lhe deixa muito feliz.

Enquanto que, como diretora, desenvolveu várias campanhas, em várias edições e cita algumas delas: a Campanha do Lixo, a Campanha do Agasalho e para a aquisição de um computador.

Com o apoio e a parceria da Prefeitura Municipal desenvolveu a Campanha do Lixo Selecionado. Separando o lixo orgânico, do papel e do papelão, do plástico e do vidro, estes eram recolhidos pelo caminhão da Prefeitura.

Com a Comunidade desenvolveu várias edições da Campanha do agasalho, para beneficiar, principalmente, uma vizinha muito pobre da Escola, que ficara sozinha para cuidar de vários filhos, alguns alunos da Escola. Ocorre que a ajuda era muita e a quantidade de doações muito grande e aconteceu o desperdício. A vizinha começou a botar fora as doações, deixando-as abandonadas em cercas e as pessoas que doavam, viram e começaram a reclamar, teve que desistir da campanha um tempo depois.

Relata, também, a conquista de um computador para a Escola. Feita através de uma carta que escreveu para uma empresa que doava alguns computadores que eram substituídos periodicamente. O que era obsoleto para a empresa, representava uma grande importância para a Escola.

Sara tem o perfil da líder comunitária atuante, em toda sua trajetória, sempre deixou um rastro de ações em benefício de todos, se caracteriza por vencer obstáculos em busca do bem maior para si, para sua família e para sua comunidade. Na localidade onde mora, Boqueirão, sempre teve uma participação muito ativa na comunidade, tanto na Comunidade da Igreja como na Associação de Moradores.

Na Associação dos Moradores, promoveu muitos cursos, juntamente com a Diretoria, com diversas parcerias, foi membro do Conselho Local de Saúde, onde senhoras se reúnem para aprender artesanato, com possibilidades de comercialização e colaborou muito com o Grupo de Danças Gaúchas do CTG – Centro de Tradições Gaúchas, Unidos da Querência, enquanto existiu, fechou por devido à falta de apoio.

Mas Sara está vivendo um momento de conflito interno, apresentou-se uma oportunidade de trabalho, juntamente com outros familiares que envolveria toda a sua família, mas precisariam mudar de endereço, afastando-a das suas atividades locais e do convívio com sua comunidade. “Ainda não resolvemos, mas é impossível recusar, é uma sociedade familiar.” Conclui.

Convidada a comentar os problemas ambientais que tem enfrentado e que conflitos têm gerado, Sara cita, com plena convicção, tratar-se do lixo e, por conseguinte, da sujeira. Teme pelas conseqüências ruins que trazem, citando que a sujeira deixa tudo muito feio, os cães espalham o lixo, as águas da chuva arrastam e acabam entupindo os bueiros e causando alagamentos.

Lamenta muito pela falta de consciência das pessoas com respeito ao lixo, mencionando um comércio existente muito próximo, onde vendem muita bebida alcoólica. As pessoas consomem outros lanches, jogam o lixo no chão e na rua, o vendeiro não faz a limpeza da área e é uma pessoa difícil para se tratar. E questiona: “Se o lixo vale dinheiro, porque deixar atirado?”

Relata que conhece uma pessoa bem simples, que trabalha na Prefeitura Municipal, mas que antes de começar o expediente, recolhe o lixo reciclável que encontra na rua. Recolhe o lixo e vende, com a renda está fazendo uma grande casa de dois pisos e afirma que é com o dinheiro da venda do lixo.

Outro problema que enfrenta, é com o esgoto cloacal. Diz que o seu esgoto é tratado e canalizado para o descarte, mas existe vizinhos, que largam o seu esgoto na rua, como a região e a própria rua possui desnível de terreno, fica em prejuízo, por sua casa ficar em área mais baixa. No inverno, devido à umidade, existente e a ação das chuvas os bueiros ficam cheios, espalhando os dejetos na estrada e infectando a área. No verão, devido ao calor e a incidência do sol, o mau cheiro despreendido fica insuportável.

Já trouxeram representantes da Prefeitura Municipal para orientar os moradores dos riscos causados pelo descarte irregular dos seus esgotos, mas nada conseguiram e a Prefeitura sozinha não consegue bancar a solução do problema, que seria a instalação de uma rede de esgoto ou o saneamento básico na localidade.

O Distrito de Boqueirão tem se organizado e está lutando pela obtenção do saneamento básico, entretanto, na localidade, alguns moradores já providenciaram na construção da canalização de seu esgoto, entre esses moradores, alguns estão se incomodando, pois construíram a rede, mas esta fica muito vulnerável, devido a falta de calçamento, em várias áreas passam ou estacionam caminhões pesados que acabam quebrando-o. As vítimas entendem que todos devem arcar com os consertos.

Outro problema na comunidade é a água de poço, que geralmente é salobra, inviabilizando sua utilização doméstica, por esta razão, poucos moradores têm água dessa fonte em sua propriedade. Este problema dificulta, inclusive, a manutenção de uma horta doméstica, devido ao alto custo da água canalizada.

Sara garante que não possui horta doméstica por esta razão, limitando-se à criação de animais domésticos, outra razão é o excessivo número de caramujos na região, por essa razão, planta e cria na propriedade de uma tia, com um primo casado e sem filhos. Comenta que estes são muito organizados, no trabalho da sua propriedade, conseguem plantar, criar, tirar leite, plantam flores para comercializar e produzem tudo que necessitam para seu consumo e ainda lhe dão um espaço para que ela plante.

Sabe que é muito difícil conscientizar as pessoas, é uma tarefa muito árdua, tem que haver uma dedicação extrema e nenhum deslize, pois tudo que não for bem claro e bem definido serve para descaracterizar um trabalho que é levado a sério, é preciso muito empenho e desprendimento, a cobrança é muito grande, mas não podemos desistir. Nada é impossível e só preciso encontrar o jeitinho.

Sara diz que já foi da Diretoria da Associação de Moradores e sabe que, pela Associação já fizeram muitas campanhas e investidas, na intenção de melhor conscientizar as pessoas para mudanças de hábito e atitudes corretas para a preservação e conservação do meio ambiente e lamenta muito por não terem tido tanto sucesso, como era desejado. Garante que o trabalho foi intenso, com muitas reuniões e várias

distribuições de folhetos, sugeriram e tentaram convencer a fazerem lixeiras, mas poucos aderiram à idéia.

Citando, novamente, do lixo e do esgoto, cita informações que considera muito importante: quanto ao lixo, já houve, em Boqueirão, um ponto de reciclagem do lixo, naquele tempo as pessoas separavam e ajudavam bastante, mas, sem apoio e sem incentivo, acabou; quanto ao esgoto, entende que o caminho é insistir e trabalhar muito junto às autoridades e à consulta popular, pelo saneamento básico.

Lembra que o orçamento participativo, deste ano, prevê infra-estrutura rural, porém o saneamento básico não está previsto, mas é preciso lutar, pois essa é a prioridade dos Distritos do Boqueirão e de São João da Reserva.

Está plenamente convicta de que as pessoas que estão envolvidas com o uso e a exploração dos recursos naturais podem influenciar e participar da construção de políticas públicas ambientais e cita um exemplo de conscientização: a chácara da tia foi propriedade de seus avôs, ela própria chegou a morar um bom tempo nela. Na chácara também houve desmatamento, mas hoje eles têm outra visão, atualmente estão preocupados com a recuperação da área devastada e praticam o replantio de árvores.

Tem conhecimento de que as pessoas desmatam muito e que não se preocupam em recuperar. Os colonos fumicultores continuam desmatando, apesar de estarem proibidos de queimar ou devastar a mata nativa, mas não existe fiscalização. Os vizinhos sabem quem desmata, mas são amigos e, então, não denunciam.

Outra situação que deve ser mencionada e trabalhada em cima, principalmente pelos consumidores, é o uso de veneno na agricultura. Um exemplo é na compra da batata, hortigranjeiro muito produzido na região: “Muitas são graúdas, com a pele lizinha e de bom aspecto, porém estão cheias de veneno, para conservar e para aumentar a produtividade, pois não sofre a ação de doenças. Enquanto que as de boa qualidade possuem um aspecto mais feio, tem a casca crespada e grosseira, mas é orgânica e não apresenta riscos à saúde de ninguém. O consumidor precisa conhecer o que compra.” Afirmando que na chácara da sua tia utilizam somente esterco de animal e resto de material orgânico como adubo.

Sara acredita que a maioria das pessoas está consciente dos riscos ambientais provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais e percebe que hoje as pessoas

estão pensando e discutindo mais o assunto, mas existem outras que não, estas se mantêm alienadas. E ratifica suas conclusões com as seguintes palavras:

“Tenho escutado pessoas conversando e nos diálogos, alguns já se preocupam em fazer uma lavoura orgânica e referirem-se ao mato da sua propriedade como espaço de preservação e que não podem cortar, outros não limpam mais as beiradas da sua sanga para evitar a erosão. Hoje já se tem mais cuidados e tudo por zelo ao meio ambiente. Aqueles que pensam em plantar o eucalipto, para a produção de madeira, já pensam que devem mesclar o plantio e plantar outras árvores nativas.”

Mas está convicta de que as políticas ambientais não são suficientes como instrumentos para a proteção e a conservação do meio ambiente. “É necessário que haja mais ação. Está tudo muito no papel, na prática não se vê quase nada. As coisas que acontecem, não são claras. Essas pessoas, que são responsáveis, possuem elementos para fiscalizar mais, mas não fazem, isso falta muito e fica complicado.”

Provocada a lembrar alguma ação na cidade, Sara responde: “Talvez conheça alguma política ambiental local, mas não sei como seria desenvolvida. Sei que a AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil – realiza muitas reuniões educativas e faz a distribuição de árvores para o plantio. Aqui no Município a SEPLAMA – Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente, também desenvolve ações educativas com distribuição de árvores nativas.”

Admite que existam alguns trabalhos de educação ambiental formal e informal na cidade, mas não sabe como são desenvolvidos, porém se mostra exigente no assunto e diz que: “Sempre pode ser feito mais, sempre é insuficiente. A AFUBRA distribui Revistas Didáticas e desenvolve campanhas nas Escolas, promovendo o replantio de árvores e a produção de mudas nativas nos canteiros das Escolas, realizando concursos com a distribuição de prêmios. Já fora do âmbito da Escola, desconheço o seu trabalho, se existe, é muito pequeno, não há nada público desse trabalho. É uma pena.”

Sara foi professora por trinta e dois anos, a maior parte no Distrito de Boqueirão, no período que era Diretora, desenvolveu um projeto de horta escolar que deu certo. Os alunos produziam na Escola e em suas casas e aqueles que se destacavam na horta escolar, eram visitados, para ver o que faziam em casa, então os alunos se dedicavam na Escola e em porque queriam ser visitados. Assim, conseguiram que algumas casas

tivessem sua horta doméstica. Porém, fora do ambiente escolar, não conhece nenhum projeto comunitário de educação ambiental. Não se lembra de nada. Acha que não existe nada mesmo.

Conta que a educação ambiental também acontece no seu ambiente familiar. Tudo que faz, tem que ser o mais saudável possível, não utiliza veneno em nada. Tudo que produz em casa tem como princípio, a origem orgânica. Igualmente as suas atividades de economia solidária são de origem orgânica e com reaproveitamento de material reciclado. Produz artesanato variado, como bijuterias, arte em porongos e sementes e bruxinhas, uma espécie de palha vegetal, utilizada em processos de higienização, como escova ou esfregão, nos banhos ou na limpeza de ambientes domésticos.

Todas as atividades domésticas têm rotinas e suas práticas estão enquadradas como educação ambiental e isto são hábitos regulares de toda a sua família, incluindo o trabalho efetuado por seu filho, inclusive profissional, como técnico em agropecuária, somente realiza atividades com produção de origem orgânica.

Sara trabalha com muitos retalhos e, como disse: “com o reaproveitamento, dou um fim digno para as sobras e restos de confecção”. Recebe o material que trabalha de uma amiga que tem confecção em Pelotas e de um amigo que tem uma fábrica de tênis em Parobé, utilizando as sobras desses amigos para fazer seu trabalho artesanal, com a produção de fuxico, almofadas e tapetes, basicamente.

Iniciou seu trabalho de economia solidária na Associação Caminho dos Pomeranos, mais tarde, devido à natureza do seu trabalho, veio compor a Associação Mãos e Artes, como esta nova Associação está dando certo, passou a dedicar-se a ele com exclusividade.

Perguntada sobre quais temas ambientais considerava urgente serem trabalhados na sua Cidade ou na sua Região, colocou duas prioridades, uma para o perímetro urbano e outra para a zona rural. Acredita que o lixo seja o maior problema para a área urbana da cidade, pois tem muita gente que joga seu lixo, principalmente, nos terrenos baldios e na área rural, citou sua localidade, o Boqueirão, tendo como prioridade o esgoto cloacal, exigindo uma maior atenção das autoridades, pois está se tornando um grave problema social.

Um terceiro problema que Sara comenta, seria de ordem particular, não diz respeito, especificamente ao poder público e, sim, aos próprios moradores, tanto urbano quanto rural, que é a apresentação da frente de suas casas ou propriedades, mas sabe que isto é um caso complicado.

Deseja que todos cuidem da frente de suas casas e cita um exemplo: “Recentemente tivemos a Festa do Divino, da Igreja Imaculada Conceição do Boqueirão, é uma festa que atrai muitos visitantes e turistas, a Prefeitura fez a limpeza do lugar, passado a festa, muita coisa ficou suja, as pessoas não limpam, nem a mesmo a Prefeitura, pois não tem pessoal disponível para a zona rural.

Relata que foram feitas campanhas em Festas de Natal, com premiação para a casa melhor enfeitada, então se conseguiu que os moradores arrumassem suas casas, mas é muito difícil conseguir que mantenham suas frentes limpas e arrumadas.

Conta que também tem muitas preocupações com os problemas ambientais e argumenta com as queimadas, o desmatamento e o uso excessivo de veneno, que provocam o descontrole climático e como consequência da degradação da natureza, e os resultados são os temporais, as enchentes e outros desastres ambientais.

Alerta que todos esses venenos, que atiram sobre a terra, vão nos atingir, de uma forma ou de outra. O desmatamento que destrói as margens dos rios provoca a erosão e o assoreamento dos rios, a poluição e o lixo provocam a proliferação de insetos e de animais, o ar fica poluído, tudo isso nos atinge e as doenças são inevitáveis.

Lembra que: “Há pouco tempo, as larvas de um vulcão no Chile, chegou até nós, nos atingindo, provocando o fechamento de vários aeroportos no Continente, outros casos aconteceram na Europa e Tsunamis na Ásia, a super população das cidades trazem outros problemas sociais e tudo isso são problemas ambientais.” Argumenta.

Sara coloca que tem consciência de que a educação ambiental é importante para todos nós e que precisamos nos preocupar mais, preservá-la e zelar pelo que recebemos. Chama a atenção para a realidade e afirma que: “As pessoas devem ter em mente que é preciso cuidar, não basta reclamar ou se queixar, é preciso ter em mente que precisamos cuidar, para não precisarmos correr atrás, depois.”

Outro ponto importante para uma boa educação ambiental, segundo Sara, é que todos podem trabalhar com bastante responsabilidade, sabendo que tudo tem serventia,

que nada pode ser desprezado, para tanto é necessário reciclar e reutilizar tudo, pois: “O que não tem serventia, para nós, pode ser material importante para outros. Um exemplo de reciclagem é o material orgânico que utilizo, a escova orgânica e o porongo, se não serve para o trabalho, deixo-os apodrecerem e então servirão de adubo orgânico para a terra, onde cultivo a própria escova e o porongo.”

E continua explicando suas atividades, nos preceitos da educação ambiental e nos cuidados que tem com o meio ambiente: “Os panos utilizados, são restos reciclados que poluiriam o meio ambiente, se não fossem reutilizados. Então, dou-lhes um destino digno com o meu trabalho, que ainda gera uma boa renda. O que não pode ser reaproveitado, o descarte se dá, através de um bom condicionamento do lixo restante.

Sara afirma que busca um relacionamento harmônico com o meio ambiente em todas suas ações, principalmente na produção agrícola, pois está voltada, basicamente, para o consumo doméstico, o adubo, como já foi relatado, é totalmente orgânico, para tanto, possui um minhocário, todo o resto orgânico e limpo, é colocado no minhocário. “Tenho horta e pomar, onde boto o húmus produzido pelo minhocário. No pomar, produzo uma variedade de frutas, inclusive de outras regiões, como a jabuticaba, carambola, entre outras.

Também realiza ações de rotina, voltadas para a educação ambiental, faz limpeza do lixo, quase que diariamente, pois não gosta de ver lixo jogado na rua, mesmo sabendo que riem dela, junta porque sabe que é importante e não gosta de sujeira. Sara gosta de fazer trabalhos voluntários na comunidade onde mora e é muito convidada para participar em vários eventos. Isso ocupa muito do seu tempo, o que lhe dificulta na realização de seu trabalho, tem muitas encomendas em artesanato e já não dá mais vencimento.

Considera muito importante a educação ambiental na promoção da cidadania, pois considera que esta promove o bem estar de todos e principalmente a conscientização das pessoas nos cuidados com o meio ambiente, como com a qualidade do ar, da água, cuidados com a terra, sem veneno, desmatamento e erosão.

Para isso, deveriam acontecer palestras, cursos e treinamentos, para motivar e conscientizar as pessoas a uma atuação mais comprometida. As pessoas parecem que

não tem muita paciência, elas querem respostas imediatas e às vezes, é necessário um longo trabalho para se conseguir um objetivo.

Segundo Sara: “Na promoção da sustentabilidade, a educação ambiental é muito importante para a obtenção de um comprometimento consciente das pessoas. Nesse sentido, é importante cuidar a poluição, não fazer queimadas, cuidar a emissão de gases que poluem o ar, não usarem agrotóxicos e outros venenos, criar áreas verdes e reflorestar, reutilizar tudo o que pode ser reaproveitado.”

Finalizando a entrevista, Sara faz um comentário que vale como denúncia: “Um grande problema ambiental vem acontecendo, as pessoas não se preocupam e as autoridades não fiscalizam o uso, que é a utilização de veneno para limpar a sujeira dos campos e até dos pátios e quintais, ao invés de fazerem capina ou roçado. Se houvesse uma conscientização coletiva, aí sim, teríamos uma mudança social importante.” Finaliza.

6.3. ENTREVISTAS COM MARÍLIA

A senhora Marília, esse será o seu apelido, tem 65 anos, é empreendedora rural e reside na localidade de Boqueirão, zona rural de São Lourenço do Sul. Participa da Associação Caminho dos Pomeranos, que tem por finalidade o resgate e a difusão dos resquícios da cultura pomerana. Um povo sofrido, perseguido e obrigado a espalhar-se por territórios distantes, em busca da paz e da sobrevivência e, associado a isto, o objetivo da geração de trabalho e renda de seus descendentes, que encontraram na economia de solidariedade, um caminho para a sua afirmação.

Marília dedica-se às atividades de economia solidária a mais de 15 anos, realizando um trabalho diversificado, mas dentre suas atividades, destacam-se a produção de alimentos, como cucas, pães, biscoitos, salgadinhos e pizzas.

Além dos alimentos, tradição da cultura pomerana, dedica-se à produção de artesanato variado, sua segunda fonte de renda. Nessa linha de produção, destacam-se a confecção de artigos com o método da decopagem (colagem de figuras em pano) e a

produção de arte em porongos, corte e costura, tricô, crochê, pintura, macramê, entre outros. Marília foi aluna da Dona Mariasinha, também entrevistada nesta pesquisa, nessa área de atividades.

Ao comentar sua história de vida, faz uma viagem carregada de emoções quando relata uma infância cheia de dificuldades. Relata que, ainda criança, como todos que moravam na zona rural, no seu tempo e na sua região, necessitavam cortar o mato para poderem plantar e a lenha era queimada para o consumo e para vender o carvão restante.

Queria, como toda criança sonhadora, estudar mais, “para ser alguém na vida” conta, mas seu pai dizia que filha dele não saía de casa, destruindo-lhe todo o desejo de realização pelos caminhos da educação, seu sonho era ser professora.

Sua infância, ratifica, foi muito difícil, andava de pés descalços, pois qualquer tipo de calçado era artigo de luxo, naquele tempo e naquele lugar. Quando freqüentava as séries iniciais, ganhou um par de tamancos para deslocamento até a Escola, mas tinha vergonha de usá-los, então, tirava-os dos pés, no meio do caminho durante o trajeto de ida e volta, escondendo-os em um saquinho que carregava escondido. Após as aulas, quase chegando a sua casa, calçava-os novamente, pois era obrigada a usá-los.

Após a conclusão das séries iniciais, chorava pela autorização para continuar os estudos, porém seu pai era irredutível e sempre negava.

Um dia o pai autorizou, contava com 26 anos de idade. Matriculou-se numa Escola da cidade, numa turma de 5ª série, com alunos de média de 10 anos de idade. Somente parou de estudar quando concluiu o Curso Técnico em Contabilidade, por falta de condições de freqüentar a Universidade.

Conta orgulhosa que trabalhou, durante sua juventude, no comércio da localidade. A empresa estava enrolada em dificuldades e dívidas, o patrão adoeceu e deixou-lhe a responsabilidade do negócio, enquanto precisava realizar seu tratamento. Assumiu o negócio e em 33 dias, quando o patrão saiu do hospital, as contas estavam pagas, os empregados, com o pagamento em dia e o dinheiro quadruplicou no Banco.

Constituiu família, mas não deu certo, possui um filho que estudou em cidade vizinha e atualmente trabalha longe de casa. Garante que o estudo do filho foi bancado pela economia solidária. Possui uma aposentadoria que reforça a renda familiar.

Hoje, mora com ela, uma sobrinha-neta que também é sua afilhada. Os pais da menina, por questão profissional, foram morar em Porto Alegre, mas a menina não se adaptou, preferindo morar na zona rural, por estar mais acostumada. Além de fazer companhia, a afilhada está aprendendo as habilidades da “Dinda” e desenvolvendo atividades de apoio na elaboração dos produtos do empreendimento solidário.

A pesquisada participa de duas Associações de Economia Solidária, a “Artes e Sabores” e “Caminho dos Pomeranos”, e recebe em sua residência, turistas interessados em conhecer a história da imigração alemã no Sul do Brasil. Conta-lhes histórias das famílias de imigrantes, fala da cultura e da tradição gastronômica, principalmente das cucas, sua especialidade.

Na recepção aos turistas, prepara ao vivo e distribui receitas das cucas, com direito à degustação, e vende todos os artigos por ela elaborados. Nos últimos anos, obtêm uma renda mensal de aproximadamente dois salários mínimos.

Mas continua investindo no seu empreendimento e já pensa na expansão do seu projeto de trabalho. Conta com a orientação do SEBRAE, através de convênio com a SMTIC – Secretaria Municipal do Turismo, Indústria e Comércio e pretende construir um quiosque nos fundos da residência para demonstrar a confecção e degustação e fazer exposição dos seus produtos.

Considera-se tímida e com muita dificuldade de comunicação, desde a infância que possui medo de falar em público, por pensar que se expressa com erros, certamente porque tem um sotaque um pouco carregado pela influência do dialeto pomerano, idioma de origem familiar e da cultura predominante na região onde mora.

Ainda hoje, Marília se surpreende, quando pensa até onde conseguiu chegar, “saindo de onde sai, desbravando mato”, conforme disse; poder plantar e, assim, ter o que comer, para sobreviver. Lembra que passou muito trabalho e muita fome, pois precisava viajar para estudar em São Lourenço do Sul e quando as aulas do dia terminavam, não tinha mais horário do ônibus para voltar para casa. Então, tinha que pagar para dormir e como não possuía recursos suficientes, tinha que escolher, não tinha outra saída e, optando por dormir, não lhe restava dinheiro para comer. “Foi muito duro, mas consegui.” Desabafa muito emocionada.

Por estas situações relatadas, ficou bastante traumatizada e diz que sofre até hoje com o complexo de inferioridade, pois sempre foram muito pobres, mas os outros, seus colegas, não compreendiam as suas dificuldades e a criticavam muito por sua pobreza.

Neste momento, para quebrar um pouco o clima de intensa emoção, mudamos o foco, do relato de sua história de vida, passamos ao diálogo voltado para sua prática, seus conhecimentos e seu pensamento a respeito da educação formal e não formal e do meio ambiente, importantes nesse momento de pesquisa.

Perguntada pelos principais problemas ambientais enfrentados, não pensou duas vezes, respondeu de imediato, que é a contaminação da terra, decorrente do uso indiscriminado de veneno nas plantações.

Comenta que em sua residência, uma pequena propriedade na zona rural de São Lourenço do Sul, chamada de Boqueirão, que inclusive já foi sede do Município, cultiva produtos para o consumo da família e cria alguns animais domésticos, como galinhas, patos, gansos e porcos, também para consumo doméstico.

Além da horta doméstica, Marília cultiva flores ornamentais e foi aí que começou a constatar os efeitos nocivos de venenos e agrotóxicos. Conta que sempre buscou a terra para o cultivo de suas flores em um mato que tem nos fundos da sua propriedade. Ocorre que de uns tempos para cá, tem notado que a terra tem matado suas plantas ou, então, não tem permitido um bom desenvolvimento delas, crescem feias e com doenças.

Logo compreendeu que a terra está contaminada, pois fica em uma baixada, seus vizinhos usam agrotóxicos em suas plantações, a água das chuvas lava a área e correm por um bueiro existente, em direção à mata, carregando o veneno e contaminando o local.

Outra situação que lhe é bastante preocupante é com relação às pessoas que aplicam veneno nas suas plantações, refere-se, especialmente, aos plantadores de fumo da região, que se expõem, perigosamente, quando da manipulação dos venenos, além da contaminação ambiental.

Cita que apesar das advertências e do conhecimento, que os próprios plantadores possuem, a respeito de diversos casos de outros agricultores terem perdido a vida, ou

contraído doenças muito graves, por manusearem inadequadamente o veneno, sem levarem em conta as recomendações de segurança, quando fizeram as aplicações.

As empresas de industrialização do fumo, além de financiar, dão assistência técnica aos produtores, com um instrutor, que faz o acompanhamento e dá orientações corretas para a utilização do veneno. A indústria também fornece todo o material para a manipulação desses produtos, mas os plantadores não se preocupam em observar as instruções para o uso, nem com os cuidados que devem ter, no manuseio dele.

Tem conhecimento de muita gente que, mesmo tendo recebido o material de prevenção, sequer utilizam os equipamentos de segurança, apesar do alerta e inúmeras advertências para o uso de máscaras, luvas e macacões, ficam com seu corpo e roupas impregnados pelo veneno e isso levam para suas casas. “Se não possuem cuidados com sua própria saúde ou com a de suas famílias, vão se preocupar com sua comunidade?”
Questiona.

Para diminuir esses riscos a que estamos expostos, defende que deveriam existir leis mais severas e regras específicas para o licenciamento de quem utiliza esses produtos perigosos, da comercialização à aplicação.

Também considera como grande problema ambiental a poluição do ar. Como sua casa fica muito próxima do asfalto e junto desta possui um pequeno pomar, fica muito evidente a sujeira nas frutas, nas plantas e até nos móveis da residência, decorrentes da fuligem liberada pela descarga dos motores dos automóveis e caminhões que transitam, logo o ar também está poluído e isto é o que respiramos, argumenta.

Mesmo tendo conhecimento dos riscos a que estão expostos, Marília não possui nenhum tipo de conflito com a sua vizinhança, pois entende que isto não é uma saída inteligente, já que de certa forma, todos já utilizaram algum tipo de veneno em suas propriedades, de agrotóxicos ao veneno para formigas, ou para mosquitos, e tudo é veneno. “É tudo uma questão de percepção, de foro íntimo, quando perceberem que os riscos não valem à pena, mudarão de comportamento, a esperança é que não seja tarde demais.”

Acredita que, a melhor forma de conscientizar as pessoas para mudarem seu comportamento, perante os problemas ambientais que vêm prejudicando a vida no Planeta, deve começar na Escola, pois: “lá é o berço de tudo na vida, há entusiasmo das

pessoas, dos pequenos aos adultos, que se engajam nas campanhas e trabalhos desenvolvidos, para ajudar no aprendizado das crianças.” Aponta.

Em segundo lugar, devem acontecer campanhas sistemáticas de conscientização nas comunidades. Porém alerta: “Não me refiro, apenas, às campanhas feitas nos veículos de comunicação, elas são boas e cumprem um papel social; o da informação, mas me refiro às campanhas que envolvem a comunidade em geral, onde todos ou o maior número possível de pessoas se envolvem.”

Nossa entrevistada ainda sugere um programa de informação e orientação para a comunidade em geral e que ele seja descentralizado, pois geralmente ocorre nos centros urbanos das cidades e quem mais participa, colabora e precisa são os moradores da periferia e da zona rural. “Quem sabe invertemos a prática tradicional e trazemos da zona rural para a zona urbana!” Desafia.

Pensa que se deve começar com um programa bem organizado, com a realização de palestras e treinamentos nas Escolas, pois através delas chegamos à comunidade. “Na Escola tem efeito maior, por intermédio dela chegamos às famílias com maior eficiência e os resultados darão muito melhor impactos.” Conclui.

Acredita que as pessoas e as organizações empresariais, das pequenas às grandes, todas, que têm suas atividades baseadas na estratificação dos recursos naturais, devem se engajar nas campanhas de recuperação e de defesa do meio ambiente. Inclusive, apoiar e promover a construção de políticas públicas de educação e proteção ambiental, porque acredita que estes devem ser os maiores interessados, necessitando, talvez, de incentivo ou oportunidades de participação.

Mas tudo deve ter um começo, salienta, e isso deve acontecer em todas as áreas e segmentos da sociedade, inclusive começando pelas coisas mais elementares, como os cuidados que devemos ter com a água. E cita exemplos, como: “Não desperdiçar a água, fazer o controle do consumo, evitar o excesso, principalmente quando lavar calçadas, carros, aguar jardins e plantações, tem que saber aproveitar, sem desperdiçar. Porém o maior cuidado deve ser com a contaminação da água dos rios e dos mananciais, pelo o lixo e pelos venenos.”

E complementa: “Dentro do poder público não há pessoas competentes para prevenir e evitar esses problemas, não há técnicos que possam informar e orientar nesse

sentido, assim é em todos os níveis e não é só com a água, mas serve de exemplo, antes de tudo, é necessário que as pessoas conheçam e saibam respeitar os limites, é preciso, também, que haja boa vontade de todos.”

Perguntada se acreditava que os cidadãos estão conscientes dos riscos ambientais a que estão submetidos, provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais, Marília foi categórica em afirmar que não. Estima que 80% (oitenta por cento) dos indivíduos não estão conscientes do que estão fazendo e as respostas são catástrofes ambientais.

Recorda que: “Há muito pouco tempo, São Lourenço do Sul sofreu com uma enxurrada sem precedentes na sua história e as causas foram ambientais. Cita como causa o assoreamento do rio e seus afluentes, devido ao desmatamento das suas margens e a falta de drenagem, desde muitos anos, a conseqüência foi catastrófica, centenas de casas invadidas pelas águas, pessoas que perderam muito de seus bens, inclusive suas casas e outras que perderam a própria vida. Mas as pessoas não se conscientizam.”

Na sua visão, as políticas ambientais não são eficientes, como instrumento de conservação e proteção do meio ambiente. Pensa que deveriam acontecer mais coisas, que os indivíduos deveriam ter mais responsabilidade com questões tão importantes, mas está otimista, e acredita que no decorrer do tempo, “chegaremos lá”, como disse. Mas afirma que, por enquanto é inexistente e o que existe é insuficiente e ineficaz.

Também são insuficientes e pequenos em significados, os trabalhos de educação ambiental, realizados na Escola da localidade. Não chegam a causar impacto, nem a marcar como uma atividade escolar, é apenas para dizer que fizeram alguma coisa do currículo e na comunidade, então, não acontece coisa alguma. Diz que o costume é de todos ficarem muito na sua.

Conta que antes, nem o lixo era recolhido na localidade, depois de uma campanha que envolveu as lideranças da Associação Comunitária, o lixo passou a ser recolhido, para evitar a contaminação ambiental, mais tarde o lixo passou a ser separado, mas atualmente não, pois mesmo que separem, no recolhimento é juntado novamente, além da coleta acontecer uma vez por quinzena.

Diz que em sua residência procura classificar todo o lixo, separando o orgânico do seco. O orgânico, quando possível, serve de alimento para os animais e aquele que não serve para alimento, é utilizado como adubo orgânico. O lixo seco é condicionado e guardado para ser entregue no dia que o caminhão da coleta passa na localidade.

Tanto no desempenho das atividades caseiras, como nas atividades de economia solidária, Marília garante que tem o maior zelo pelos produtos que elabora. Como sua produção tem como selo principal e está baseada na elaboração caseira de gêneros alimentícios, pois produz para o consumo da família e também para comercializar, os cuidados com a higiene são rigorosos, já que recebem em casa seus clientes, fornecendo-lhes degustação, enquanto realiza suas tarefas de demonstração da produção.

Para manter estes cuidados, precisa desenvolver atividades de educação ambiental com sua família e com as pessoas da comunidade, incluindo colaboradores e fornecedores. Esses cuidados incluem as plantas que cultiva e os animais que cria. Suas atividades extrapolam os limites da sua propriedade e envolve os vizinhos, com quem atua de forma solidária, através de ações de solidariedade. “Muitas vezes me preocupo em resolver o problema dos outros, deixando de resolver os meus próprios.” Admite.

Diante da realidade que vivência na sua localidade, considera ser de grande importância a abordagem urgente de algumas questões que envolvem a educação ambiental não formal. Nesse sentido, acredita que o lixo está a exigir um tratamento diferenciado, antes de tudo, é preciso conscientizar as pessoas, no cuidado que devem ter no tratamento do lixo, para não sobrecarregar o Planeta.

A preocupação com o destino dado ao lixo é muito grande e constante. Sabe que a falta de políticas para o destino do lixo tem provocado muitas tragédias. Dá como exemplo a enxurrada que atingiu São Lourenço do Sul e que ainda não conseguiu apagar as marcas que deixou e comenta que, outras cidades também sofrem com problemas parecidos, doenças pela contaminação ambiental, proliferação de roedores e outras pragas, bueiros entupidos pelo lixo acumulado, rios contaminados, a morte dos peixes e da vida em geral, comprometendo a natureza.

Por habitar na zona rural, cita uma situação local, que pode ser considerado como ambiental, merecendo atenção especial e urgente que é a falta de espaço e

condições para fazer silagem, para garantir o produto no período de entressafra, “eles não existem, é preciso fazer o armazenamento da produção de grãos, bem como o seu beneficiamento, para garantir o alimento e a renda do pequeno produtor”, defende.

Marília acredita que é necessário dar maior importância e trabalhar temas ambientais emergentes, não só na sua cidade, como em toda região, temas como o descarte do lixo, a diminuição do consumo, o uso sem controle dos venenos, a pureza e a qualidade das águas e do ar.

Também pensa que se deve dar mais atenção e ter preocupações com a erosão do solo, todos devem plantar mais árvores frutíferas, em São Lourenço, as pessoas possuem pátios grandes ou extensões de terras, mas não têm árvores frutíferas para a alimentação e para purificar o ar. E este conceito deve ser trabalhado, também nas comunidades.

Marília ratifica que está bastante preocupada com os problemas de natureza ambiental e explica que é por inúmeras razões. Especialmente, pelas boas relações que deve existir entre as pessoas. Também, e principalmente, para com a natureza que esta se enfurecendo com os problemas que o ser humano está lhe causando. E tem muito mais, diz: “a fumaça das indústrias, a descarga dos automóveis e caminhões, estão poluindo o ar, o lixo que polui os rios e mares, matando os peixes, o desmatamento e queimadas criminosas, a camada de ozônio que agride a natureza e as pessoas, provocando doenças e muito mais, isso é apenas o principal.”

Estimulada a comentar mais sobre os significados da educação ambiental para ela, Marília coloca que significa ter mais cuidados com o meio ambiente e garante que com isso, a natureza vai nos agradecer. “Para o meu conhecimento, desde onde eu vim, até agora o meio ambiente só foi destruído. Eu não tinha noção de que, o que eu fazia, destruía o meio ambiente, mas era, também, uma luta pela nossa sobrevivência. Hoje é diferente. Hoje eu sei que tenho que ter mais cuidados, especialmente com o lixo. Esses cuidados devem iniciar na família, isso deve ser tratado desde cedo, os pais devem passar para os seus filhos.”

Questionada sobre suas atividades de trabalho e, nelas, quais eram suas preocupações com a educação ambiental e com o meio ambiente, torna a mencionar, principalmente, os reflexos sobre o lixo e a sujeira, conforme citou: “Hoje eu tenho

muito mais preocupação e faço isso no meu trabalho de demonstração, começando pelo uso do detergente, do sabão em pó e o resto de gorduras. É muito pouco o que utilizo, pois eu sei que o descarte faz mal ao meio ambiente, principalmente na poluição dos rios, somados, as conseqüências podem ser graves, por isso tenho tanto cuidado.”

E diz: “Eu sei que a minha produção gera lixo, mas esse lixo é cuidado para ser descartado. Uma parte serve de alimento para os animais, como a própria casca do ovo, o restante vai para a horta. O lixo que não é orgânico, é bem condicionado para descartar, acontece que ele não é mais selecionado, como era antes, e vai tudo para o lixão. Isso é ruim, pois era fonte de renda para os catadores de lixo, mas agora é tudo misturado.” Lamenta.

Durante a elaboração da sua produção, o que mais lhe preocupa, é não dar chance para a contaminação deles, pois é uma garantia de qualidade e permite maior durabilidade para o consumo, já que não utiliza nenhum tipo de aditivo para conservá-los. Na preparação dos produtos usa toca, máscara, avental e luvas durante todo o preparo e quando saem do forno, coloca em bandejas descartáveis limpas e envolve com plástico, em seguida, pois o calor elimina a presença de microorganismos, existentes no ar e nas embalagens. “Tudo para evitar a transmissão de doenças e a vulnerabilidade do produto.” Explica.

“Ainda para a minha produção de cucas, pães e bolos, eu uso ovos produzidos em casa, então cuido bem dos animais, utilizo a alimentação orgânica, por causa dos hormônios existentes na ração, tudo isso, para ter produtos saudáveis e com eles preparo produtos de qualidade melhor para o consumo.”

Quanto a sua relação com o meio ambiente, afirma que é bastante positiva, mas admite que, pode haver falhas involuntárias, por falta de um melhor conhecimento. E responsabiliza os administradores por não promoverem a educação ambiental de forma mais popular.

Marília é tão consciente, com relação à complexidade dos problemas decorrentes do lixo com danos que causam ao meio ambiente, que parece obsessão, por insistir tanto na temática. “Se eu pegasse o lixo e queimasse, como fazia antigamente, ou jogasse na rua, a céu aberto, estaria também poluindo, mas isso continua acontecendo, em alguns

lugares, por algumas pessoas. Isso não pode acontecer, tem que cuidar e tem que haver fiscalização. Então o melhor é condicionar para fazer o descarte.”

E continua: “Eu entendo que a educação ambiental tem papel importante na promoção da cidadania dos indivíduos, pois promove a conscientização de cada um e, assim, buscar um mundo melhor para passar para os outros. E certamente, nós também vamos viver num lugar bem melhor, em todos os sentidos, sempre respeitando o outro e todos vivendo com muita dignidade.”

Marília percebe muito bem a importância de uma educação ambiental ao alcance e mais presente na sociedade, pois será por intermédio dela que se poderá promover a sustentabilidade do Planeta e ela deverá começar dentro da nossa casa.

Segundo Marília, é necessário combater a degradação com o envolvimento maior da sociedade. “Temos que preparar o Planeta para outras pessoas, devolvendo o que retiramos da natureza. Replantar árvores para produzir frutas e madeira, cuidar da pureza das águas, despoluírem a terra, a vegetação e o ar. Isto quer dizer: protegê-la!”

Marília também considera a educação ambiental fundamental para a promoção da mudança social. Por isso considera uma prioridade as políticas públicas ambientais, para socializar mais o conhecimento sobre este tema. Nesse sentido, faz as seguintes colocações: “A tecnologia está muito desenvolvida e o consumo energético é imenso, é necessário controlar mais, cuidar e poupar o consumo. Então, a vida da sociedade precisa de mudanças em todos os sentidos, para que todos possam viver com segurança e maior qualidade de vida. Isso significa que as pessoas precisam estar mais comprometidas com as necessidades e exigências que o meio ambiente faz, para que possamos viver com mais saúde e bem estar, além de deixar um mundo melhor para os nossos descendentes. E as pessoas precisam se preparar para essa mudança.”

Finalizando a entrevista, coloca, com muita propriedade, seus conceitos e opiniões, causando surpresa bastante positiva, as suas convicções, pois sendo quase leiga nos temas abordados, soube colocar com simplicidade e tanta convicção, suas preocupações com o meio ambiente, firmando a certeza que tem da necessidade de uma melhor educação ambiental para o Município e para a Região, e que haja um maior envolvimento das pessoas em assuntos que merecem tanta atenção.

Concluimos a entrevista, com uma frase que pedi para Dona Marília fazer, que expressasse seu sentimento e preocupações com o meio ambiente e ela foi assim formulada: “A defesa do meio ambiente é dever de todos, pois dele depende a vida de todos os seres vivos do Planeta. Precisamos saber cuidar bem da terra, cultivá-la sem prejudicá-la. Preservar defendendo e protegendo, esse é o compromisso de todos para com o meio ambiente.”

6.4. ENTREVISTAS COM MARIASINHA

Para o início da conversa, vamos conhecer a entrevistada, pelo apelido de Mariasinha. Ela tem 75 anos, faz questão de afirmar que é, antes de tudo, artesã. Depois é que se tornou empreendedora solidária, como se diz atualmente, pela possibilidade de comercializar seus produtos, mas garante que o seu trabalho e de seu grupo, existem a mais de duas décadas.

Comentando sobre sua história de vida, conta que é filha de uma família muito numerosa, constituída pelo pai, a mãe e mais vinte irmãos. O pai era orizicultor e a mãe cuidava das lidas domésticas. Conta que a mãe era muito habilidosa na criação e na confecção de seus trabalhos manuais, mas não tinha paciência e nem gostava de ensinar tudo o que sabia e seu próprio aprendizado, acredita, se deu porque gostava e observava muito os trabalhos da mãe.

Naquela época não existiam cursos ou treinamentos para o desenvolvimento das habilidades manuais, então sua mãe, nos intervalos de seus afazeres domésticos, que não eram poucos para quem deveria cuidar de uma família tão numerosa, criava tudo o que fazia e eram todos trabalhos muito bonitos.

Naquele tempo, não havia essa visão comercial dos dias atuais, tudo que faziam, era por puro prazer e para melhorar a apresentação e decoração do lar, ou para presentear parentes, amigos ou vizinhos. Dava-se muito mais valor para as coisas feitas pessoalmente, do que as adquiridas no comércio era um valor sentimental ou de grande reconhecimento, tanto para quem presenteava como para quem recebia o regalo.

Desde “guria” como diz, se referindo à idade da infância, já fazia seus trabalhos. Foi um tempo muito bom, lembra-se, que tinham empregada doméstica, mas havia, também, as carências da época. Para o cultivo, seu pai fazia empréstimos bancários, quando acontecia algum problema climático, como a seca, por exemplo, perdiam tudo, porque primeiro tinham que pagar as dívidas. Mas conseguiam se recuperar rápido, pois tinham crédito bancário, e quando não havia problemas e a safra dava bem, conseguiam guardar um pouco para prevenir outras dificuldades, o que garantia um bom padrão de vida na maior parte do tempo.

Foi criada e estudou na zona rural, onde casou muito jovem. Conta que esta foi a pior história da sua vida. Namorou e casou ainda muito jovem, “uma criança”, como disse, com apenas treze anos. Foi ruim, por que era muito jovem e teve que tomar uma decisão sem experiência de vida alguma, mas não se arrepende, viveram juntos quase seis décadas de muito amor e felicidade conjugal, de onde resultou filhos muito queridos e muito amorosos.

Porém, nem tudo foi um mar de rosas, seus pais, no início, foram contrários ao namoro, por ela ser muito jovem e por ser de estrutura física pequena, parecia menor ainda, mas ela gostava dele, então decidiram casar. Dessa união nasceram cinco filhos, o primeiro chegou quando ela contava com dezenove anos de idade, mas quis o destino e a carência de recursos do lugar, que ela perdesse três deles, com doenças infecto contagiosas, contraídas, provavelmente, por contaminação do ambiente em que viviam, pois bebiam água de poço, em região de cultivo e engenho de arroz, bastante distante da sede do Município e com poucas alternativas para tratamento médico.

Como seu esposo era um policial militar, trabalhava com o pai, para ajudar na renda familiar. Remendava os sacos para ensacar o arroz beneficiado pelo engenho da família e quando os sacos ficavam velhos, seu pai lhe doava, então lavava, clareava e fazia panos de prato para vender.

Suas atividades profissionais ganharam um novo impulso, quando já residiam em São Lourenço do Sul, numa certa ocasião, seu esposo recebeu uma indenização e ofereceu-lhe um presente e disse-lhe que escolhesse entre uma geladeira ou uma máquina de costura que era seu desejo de consumo há muito tempo, ela não teve dúvidas e disse que entre uma geladeira e uma máquina de costura, ela queria a máquina. Começando, então, a trabalhar com corte e costura, a partir dessa data.

Calcula que a, aproximadamente, quarenta anos fez um curso de corte e costura, para melhor qualificar o seu trabalho e nunca mais parou. Em seguida, passou em um concurso para trabalhar no SESI – Serviço Social da Indústria e foi selecionada. Deu aulas de corte e costura e de bordado, onde o SESI solicitava, mas a cidade base de seu trabalho era mesmo São Lourenço do Sul, onde trabalhou por dez anos.

Com o seu trabalho, ajudou a criar os filhos, pois a renda salarial de um policial militar era muito pequena. Com seu trabalho, conseguiu dar estudos para os seus filhos e, comenta orgulhosa, no tempo de trabalho de seu marido, eles eram os únicos da Corporação Militar que tinham conseguido adquirir a casa própria, como uma evidente demonstração da importância do seu trabalho para a composição da renda familiar.

Além de seu trabalho, costurava muito para fora, chegou a ser contratada para uma confecção de alta costura do Rio de Janeiro e explica: “Havia uma estilista de São Lourenço do Sul que possuía um atelier de alta moda e trabalhava em Porto Alegre, onde seus modelos eram exclusivos e atendia somente por encomenda. Quando criava uma peça para alguma cliente, ela me contratava para fazer as costuras e os bordados, por ser exclusividade, ela pagava muito bem. Certa vez, resolveu mudar para o Rio de Janeiro e estabelecer-se por lá, onde tinha uma clientela já conquistada. Foi quando me convidou para acompanhá-la: eu seria a responsável pela equipe de costureiras que trabalhariam com ela e meu marido seria o motorista da empresa, assim levaria comigo minha família. Não aceitamos, já estávamos estabelecidos e tínhamos nosso trabalho garantido, não valia apenas arriscar por algo que não nos pertencia.”

Quando estava completando dez anos de serviço para o SESI, foi dispensada do trabalho, por questão de segurança trabalhista da entidade, nesse tempo, já estava dando aulas de artesanato variado, para muitas pessoas de São Lourenço do Sul e nas cidades dos arredores. E logo que saiu do SESI, foi contratada pela Prefeitura Municipal, atendendo a um convite para dar aulas de artesanato variado, já que há muito tempo fazia este trabalho, como voluntária na Igreja Matriz da cidade e na LBA – Legião Brasileira de Assistência.

Foi na Prefeitura que se aposentou, mas continuou trabalhando por mais oito anos. Gosta muito do que faz, mas avisou, “não gosto de fazer as lidas domésticas”. Recorda que na Igreja Matriz, era voluntária, principalmente para trabalhos de corte e costura, onde confeccionava vestidos, saias e calções para mães e crianças carentes.

Lembra que quando as freiras e os padres foram liberados de usar seus hábitos e batinas, recebeu grande quantidade deles para cortar e confeccionar roupas que seriam doadas aos carentes.

Na Prefeitura, teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com os profissionais Economistas Domésticos na organização de “Núcleos de Produção”, especialmente nas Colônias Boqueirão e Potreiros, onde faziam doces diversos. No CSU – Centro Social Urbano, do Bairro Lomba, confeccionavam as caixinhas onde seriam colocados os doces, ela dava o toque decorativo, fazendo a pintura e o acabamento final, que davam mais valor ao produto que seria comercializado.

Os doces vendiam muito bem e proporcionavam uma boa renda. Neste serviço, era remunerada pela Prefeitura e não participava do rateio das vendas. Este sim era o verdadeiro modelo de “Economia Solidária”, pois era solidário desde o início: na produção, na comercialização, comercialização e no rateio em partes iguais para todos.

Ainda no CSU – Lomba desempenhou outras atividades, como voluntária, fazendo parte do núcleo de produção, fez curso e aprendeu a fazer vassouras, também fez parte do núcleo de confecção de abrigos de moletom que eram doados para crianças de creche, sem qualquer outra remuneração.

Com o fim do trabalho voluntário da LBA e quando terminou o trabalho no CSU – Lomba, onde desenvolvia este exemplar trabalho social, é que teve a idéia, junto com outros diversos voluntários e profissionais, incluindo suas ex-alunas, de criarem a AAL – Associação dos Artesãos Lourencianos, após apoios e incentivos, fundaram a Associação a mais de dezoito anos. Inicialmente a sede foi na sua residência, por um período aproximado de cinco anos, depois mudou para a residência de outra associada e, por fim, ganharam uma sede do governo municipal.

Há mais ou menos quatro anos, ingressou na “Economia Solidária” na cidade de São Lourenço do Sul, mas afirma que este trabalho sempre existiu, só não tinha esta dimensão toda, não era tão aprimorado no aspecto organizacional, e cita o exemplo do trabalho que era feito no CSU – Centro Social Urbano, do Bairro Lomba.

Registra sua alegria e satisfação na elaboração do trabalho artesanal, “é muito gratificante, antes de tudo, é uma verdadeira terapia, dá ocupação e representa, além do

ganho que se tem um compromisso com as pessoas com quem lidamos”, conclui. E a renda que obtém, permite e garante o seu lazer e as viagens que faz periodicamente.

O ano passado, 2011, ficou marcado por um triste acontecimento, uma grande calamidade para São Lourenço do Sul, ocorreu uma enxurrada que destruiu muita coisa na cidade e também na sua residência. A água subiu mais de dois metros dentro de sua casa que fica localizada na área mais baixa do Município. Foi tudo muito rápido e o medo e o pavor foram muito grandes.

Tudo aconteceu durante a madrugada, foram acordados por um carro equipado com som, avisando a tragédia, mas já era tarde demais, a água já estava dentro de casa, não dava tempo para mais nada, não podiam pensar em salvar nada, tiveram de sair de casa com as roupas íntimas de dormir. Como sua casa é mais baixa e não possui muros e com o nível da água subindo cada vez mais, a alternativa era sair agarrados às grades do muro do vizinho.

Como as dificuldades para se manterem agarrados às grades, eram imensas, devido à altura das águas e à força da correnteza, buscaram apoiar-se e firmarem-se em uns botijões de uma revenda de gás de cozinha que flutuavam próximo, e assim aguardavam por socorro ela, sua nora e seus netos de 12 anos de idade, pois seu filho estava viajando.

Seu medo maior era de perder um dos netos, pois começavam a ficar gelados e estavam ficando arroxeados pelo longo tempo imersos na água, aproximadamente duas horas. Estavam muito assustados e a saída foi passar o tempo, todos juntos, entoando rezas e orações.

Mas o pior ainda estava para lhe acontecer: de estatura baixa a altura da água lhe cobriria facilmente, enquanto, com uma mão segurava-se em um botijão de gás que passava boiando, com a outra mão agarrava-se nas grades do muro do vizinho, mas acabou por segurar-se num dos fios da cerca elétrica, tomando vários choques elétricos, intermitentemente. Junto com ela, agarrado ao botijão, estava o seu neto.

Não sabia o que fazer? Se soltasse o fio, poderia afundar e ser arrastada pela água, por outro lado, os choques estavam acabando com sua resistência, foi, quando finalmente o socorro chegou, um dos vários barcos de voluntários que se arriscavam

para salvar pessoas, chegou e vendo o perigo, chocou o barco contra os fios, até se rompessem e, então, poder resgatar toda a sua família.

Sabe que teve muita sorte, juntamente com seus familiares, mas o mesmo não ocorreu com quatro das suas vizinhas e amigas que perderam suas vidas, muito próximo dela, sem que nada pudesse ser feito.

Quanto ao produto do seu trabalho, o prejuízo foi total, perdeu tudo, pois seu atelier fica na peça da frente, a porta é de vidro e se rompeu com a força da água e tudo saiu flutuando, perdeu suas roupas e quase todos os seus móveis. Mas se considera uma pessoa afortunada, pois o mais importante é que todos da sua família se salvaram, os prejuízos materiais foram imensos, porém a solidariedade de uns e o trabalho próprio garantem a recuperação de tudo, mesmo que lentamente.

Considera-se uma pessoa feliz e realizada, pois possui tudo o que é necessário para viver: casa, alimentação, lazer, passeios, amigos e ainda pode ajudar os netos a estudarem. Por este motivo está pretendendo, num futuro próximo, mudar para Pelotas, juntamente com seus familiares, pois os netos estão chegando próximos de ingressar na Universidade e em Pelotas existem melhores condições.

Nos diálogos referentes à Educação Ambiental e ao Meio Ambiente, Mariasinha demonstrou um bom conhecimento dos problemas que afligem todas as pessoas, mas como trás uma experiência muito negativa e bastante recente, tende a relacionar os temas tratados com os fatos vivenciados, mas nem por isso seus relatos deixaram de ser bastante interessantes.

Convidada a comentar sobre os principais problemas ambientais enfrentados, não titubeou e afirmou de imediato que considera a sujeira, o lixo e a degradação do meio ambiente, os maiores problemas ambientais por que passam as comunidades e as cidades, assim como São Lourenço do Sul. Comenta o aumento, cada vez maior, da produção de lixo, criando problemas para o descarte, que é muito grande e fica se perguntando: “Onde colocar tanto lixo?”

Está muito consciente de que as questões que envolvem o meio ambiente necessitam de maior atenção, da parte de todos, indistintamente, e cita como exemplo os cuidados que tem na produção do seu artesanato, já que faz muitos recortes e utiliza muitos retalhos, pois está baseado na confecção de peças de decoração ambiental,

utilizando suas habilidades maiores que são a costura, o bordado e o crochê, além da confecção e reforma de peças do vestuário.

Em seu atelier, não despreza nada do material que é utilizado, “tudo é aproveitado”, diz. Aproveita os retalhos para a produção dos seus trabalhos e o que não pode ser aproveitado na confecção, serve na montagem das peças, pois é usado para o enchimento delas e entende que esta atitude, além do aspecto econômico, por fazer o reaproveitamento, evita o lançamento de mais sujeira na natureza, isto é, não produz quase nada de lixo.

Ratifica que essa sempre foi sua preocupação e sempre foi a mensagem que passou nos inúmeros cursos que deu, durante décadas de trabalho. Passou a ser a maior preocupação, principalmente depois da terrível experiência pelo qual passou, citando como exemplo a enxurrada que enfrentou, fazendo vítimas fatais vários vizinhos e quase ela própria, junto com seus netos.

Coloca, também, que a produção excessiva de lixo, faz aumentar as doenças transmitidas pela proliferação dos insetos e roedores, lembrando com tristeza, um passado, em que, pela falta de recursos e de informações, perdeu entes muito queridos, justamente pela contaminação ambiental.

Não tem conhecimento de nenhum projeto de educação ambiental em que esteja em andamento no Município, seja ele público ou privado, mas acredita que exista alguma coisa acontecendo, principalmente nas Escolas, pois as crianças se envolvem mais durante sua formação escolar.

Para enfrentar este estado de coisas, acredita que o caminho mais viável seja o da educação. E afirma que: “somente pela educação é que poderemos chegar a um nível melhor de qualidade de vida.” Para outras pessoas, acredita que seja necessário um projeto voltado para a reeducação delas, propiciando-lhes uma melhor conscientização.

Considera importante e fundamental o papel da imprensa e acredita que ela informa muito bem, mas também depende das pessoas a tomada de consciência para fazerem o que é certo. Repetindo que as pessoas precisam ter mais consciência, está convicta de que, muitas vezes, é preciso sentir na própria pele, para entenderem a gravidade do problema e, então, tomarem uma atitude.

Referindo-se, outra vez, ao trabalho da imprensa, reconhece que este tende a ser limitado, pois depende de patrocínios para sobreviver e uma ação mais intensa, pode atingir seus patrocinadores e conclui que, os principais responsáveis por movimentos e campanhas educativas e esclarecedoras deve ser o poder público, através das suas políticas, inclusive na cobrança e na punição dos responsáveis por agressões praticadas contra a natureza.

Nesse sentido, acredita que outro aspecto importante e que deve ser levado em consideração, é uma legislação mais eficiente, que possibilite, com agilidade, o poder público e as autoridades constituídas, intervirem em caso de acidente e agressão ao meio ambiente. Tanto com o propósito de prevenir ou de atenuar os efeitos, como para identificar e punir, se for o caso, comprovado a responsabilidade, a quem comete algum tipo de infração ou de crime ambiental.

Levando em consideração a evolução dos meios de comunicação e a evolução da informática, Mariasinha está convicta de que as pessoas estão conscientes dos riscos ambientais provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais e lamenta o descaso existente, na sociedade e das autoridades. Afirma que o povo é teimoso, inconseqüente e acomodado, que espera as atitudes por parte dos outros, acreditando que, o que fazem, não vai fazer diferença, necessitando ser pressionado, ou obrigado, para tomar uma decisão que seja correta.

Está convicta da necessidade e da importância da participação e da influência das pessoas que, de uma forma ou de outra, estão envolvidas com a exploração dos recursos naturais, para a construção de políticas públicas ambientais. E afirma: “Tem que influenciar, para que haja ações. Todos têm que influenciar, ou então tudo tende a piorar. Os pequenos, devem se preocupar na manutenção, na preservação e na recuperação das reservas naturais e os grandes, devem se preocupar muito mais, além disso, devem investir em estudos e pesquisas, visando uma solução para os problemas existentes e na busca de alternativas que não prejudiquem o meio ambiente.”

Perguntada sobre a importância das políticas ambientais, como instrumentos utilizado na proteção e na conservação do meio ambiente, Mariasinha afirma que são muito importantes, embora confesse que não tem muito conhecimento delas, por não entender muito do assunto, mas que sempre serão importantes. Salienta que, existindo, não são respeitadas, ou não são aplicadas adequadamente, ou ainda não têm divulgação

e fiscalização, já que muitas coisas básicas não são respeitadas e cita como exemplo o Rio São Lourenço que está assoreado e não foi dragado.

“Existem muitas sugestões, mas a solução, mesmo, é limpar os rios”, garante. E comenta uma excelente ação existente na cidade, que considera ser um grande passo, que é a reciclagem e a coleta seletiva do lixo, também comentou o recolhimento das embalagens dos agrotóxicos, já ouviu falar que isso é muito importante, para não causar tantos danos às pessoas e à natureza.

Garante não ter conhecimento de trabalhos voltados para a educação ambiental, formal e informal, mas supõe que as Escolas ensinam, pois dão trabalhos educativos para as crianças. Porém, não tem informações de qualquer iniciativa voltada para a comunidade e afirma que, se algo fosse proposto, com certeza apoiaria como também ajudaria.

Comenta que muitas vezes conversa com as pessoas, principalmente com as colegas da Associação dos Artesãos, em seus encontros, e entre muitos diálogos são discutidos assuntos que dizem respeito à educação ambiental e principalmente sobre o lixo. Entende que deveriam ser promovidas maiores discussões com a comunidade, como palestras e campanhas esclarecedoras, enfim, reunir com alguma finalidade específica, para motivar, caso contrário, as pessoas não participam.

Sabe que ações de educação ambiental devem e podem acontecer em todos os lugares e a qualquer momento, inclusive na própria residência e nos ambientes em que se trabalha, ou freqüentamos, já que atuamos em diversos lugares. Diz que, na medida do possível, faz a sua parte e cita uma ação que pratica diariamente: a separação do lixo e a reciclagem, reaproveitando tudo o que pode. O lixo orgânico utiliza nas suas plantas e nos canteiros da sua casa; os retalhos, são guardados para reaproveitamento nos seus trabalhos e papel e o plástico que não utiliza, os classifica, para a coleta seletiva.

Sendo solicitada a comentar como desenvolve suas atividades, Mariasinha respondeu de imediato que começa pela educação ambiental, primeiro porque gosta de trabalhar em um ambiente sempre muito limpo, iluminado e bem arejado, segundo porque faz sempre a reciclagem do material utilizado, os retalhos e as roupas, para reutilizar, faz oficinas de reformas de roupas e reaproveitam os retalhos para compor a confecção outras peças de roupas ou para o enchimento de trabalhos de artesanato.

Inquirida sobre os temas ambientais que considera urgente serem tratados e mais trabalhados na sua Cidade ou na Região onde mora, categórica afirma ser o lixo, que necessita, ainda, de maior atenção, em seguida coloca, com várias explicações, que a cidade necessita de mais arborização, pois está circundada, por grandes extensões de terra e muito poucas árvores e, por fim, um maior cuidado com o Rio São Lourenço, para evitar que aconteçam outras calamidades com a dimensão daquela enxurrada que lhe atingiu a bem pouco tempo.

Na continuação, Mariasinha afirma que tem muitas razões para estar muito preocupada com os problemas ambientais, pois sempre quis uma cidade melhor para morar e diz que, hoje, sua maior preocupação é com as enchentes. Relata que quando chove, se assusta e se preocupa bastante, fica muito atenta para ver se não há risco de enchente, procura ver para que lado correm as águas e outros cuidados e relata que está um tanto traumatizada.

Nesse momento confessa um pequeno sentimento de culpa, enquanto conversa sobre os significados da educação ambiental para si. Diz que: “De tudo o que a gente aprende, sabemos o que é correto, porém, muitas vezes aprendemos, mas não fazemos. Mesmo assim, é necessário ter um melhor conhecimento do que é certo e do que é errado e ter um maior respeito com o meio ambiente, pois o que é ruim para mim, é também para o meu vizinho, que não é responsável pelo que fazemos de errado.”

Depois dessa confissão, manifesta sua preocupação com o meio ambiente e com uma melhor educação ambiental e cita que é incapaz de jogar lixo no chão, ou na rua, que sempre educou seus filhos e seus netos, para que não jogasse no chão, sequer um papel de bala, que este deve ser guardado, até poder ser descartado no lixo. Garante que faz sua parte, referindo-se outra vez ao lixo, separando o que não é, por ela, reaproveitado e classificando-o para doação, ou então deixa na rua, separado, para que outras pessoas recolham-no.

Cita outra das suas preocupações, que é o consumo de energia da sua máquina de costura, pois sabe que isto também é um problema ambiental. Relata que seus cuidados no consumo de energia são extremos, inclusive quando liga uma lâmpada ou um aparelho elétrico ou eletrônico, cuida para que seja o estritamente necessário.

E, mais uma vez volta a mencionar a questão do lixo, de não poluir com ele, e dá outro exemplo: “Quando compro milho verde, para a alimentação, a palha do milho eu separo para secar, abro em fios e reservo. Esse material é utilizado na confecção do meu artesanato, serve para enchimento de algumas peças”, mostrando sua reserva.

Por fim, procura deixar bem claro suas relações com o meio ambiente, afirmando que o defende e protege, pois sabe que pode utilizá-lo, beneficiando-se com o patrimônio que ele oferece, sem destruí-lo, concluindo que: “Acho que me dou bem com o meio ambiente, porque eu cuido bem dele e ele cuida muito mais de mim.”

Convidada a comentar a importância da educação ambiental para o resgate da cidadania, para o desenvolvimento social com sustentabilidade, Mariasinha não teve dúvidas, em afirmar que a educação ambiental tem um papel muito especial na promoção da cidadania. “Com ela poderemos tornar-nos um cidadão mais saudável, para isso é necessário economizar mais, não desperdiçar, obedecer e respeitar os limites que a natureza impõe. É neste momento que estudos e movimentos de educação ambiental são importantes, eles têm um papel importante, para cumprir e o local ideal passa pela Escola e pelos movimentos sociais.” Complementa.

Porém, afirma que a educação ambiental tem importância maior na promoção da sustentabilidade, pois: “É com ela que poderemos proteger o meio ambiente, recuperar e defender o que foi degradado, cuidando, mantendo, preservando e devolvendo o que lhe foi desastrosamente retirado.”

E finaliza a de entrevista convicta que: “Somente com uma tomada de consciência das pessoas, para com a educação ambiental e com o meio ambiente, com o resgate da cidadania ambiental e a promoção da sustentabilidade, é que poderá acontecer uma verdadeira mudança social. Isto é, a conquista de uma melhor qualidade de vida para todos, associada aos cuidados com a natureza que todos devemos ter.”

E conclui, dando mais um exemplo: “Nós ajudamos a enfeitar as ruas, em eventos como o Natal, utilizando material reciclado, como garrafas ‘PET’, isto, é uma ação consciente, onde todos participam, colaboram, com isso promovemos o bem estar de todos, através da consciência social.” Conclui.

6.5. ENTREVISTAS COM LUCAS

O quarto entrevistado será chamado pelo apelido de Lucas, tem 65 anos, é casado, possui uma micro empresa no gênero de alimentos, produz uma variedade de produtos do tipo molhos, temperos e algum tipo de geléias, cuja totalidade dos ingredientes é produzido organicamente em uma pequena área de sua propriedade, como sua produção é insuficiente para a demanda existente, terceiriza parte desta produção, mas com produtores rurais que plantam de acordo com as suas orientações, seguindo seu padrão de qualidade e com os padrões da produção orgânica, o sal utilizado em seus produtos e o marinho, que é moído para ser, por ele, utilizado.

Lucas teve origem em uma família oriunda da zona rural, composta pelo casal e sete irmãos, destes, seis do sexo masculino. Nasceu em Pelotas, mas muito pequeno veio morar em São Lourenço do Sul, onde seus pais eram os proprietários de uma pequena porção de terra.

Começou seus estudos na cidade de São Lourenço do Sul e desde muito cedo esteve ligado às lidas próprias de uma vivência rural e onde praticavam uma cultura diversificada e criavam alguns animais que garantiam o sustento da família.

Conta que o início foi muito duro, era preciso devastar o mato existente para plantarem aquilo que seria o alimento e o produto que comercializariam para completar suas necessidades, adquirindo no comércio da cidade, o que lhes faltava e como eram muito pobres, essa tarefa era executada pelos pais e os filhos mais velhos.

A lenha produzida era consumida, em parte, na própria residência e o excedente era queimado, para produzir o carvão que era vendido para outros lugares. Nos espaços criados, era plantado, principalmente o milho, cuja colheita servia para alimentar os animais e para moer, em um moinho próximo, e vender para o comércio da cidade.

Conforme os filhos completavam a maioria, saíam de casa para trabalhar e, assim, reforçar a renda familiar, ele próprio precisou seguir seu rumo, já que era um dos mais velhos entre os irmãos.

Com o orgulho, próprio de um vencedor, sem perder a humildade, Lucas afirma que: “se hoje tem um nome, foi graças a sua família, pois tudo que aprendi, teve origem dentro dela”. Referindo-se aos conceitos e valores de vida aprendidos. Mas não foi nada

fácil, pois a vida foi muito dura, para eles, principalmente, por serem negros, então as coisas pareciam ser-lhes mais difíceis.

Aos dezessete anos alistou-se no Exército, antes mesmo de completar a maioridade. Como desejava seguir em frente e obter uma profissão, pensou que aquele era o melhor caminho. Foi um período de muito sofrimento, pois mal ingressou e alistou-se para servir na guarda da fronteira, precisou ser treinado para o serviço, nesse momento passou muita fome e muito frio, já que não possuía recursos para adquirir o que necessitava para enfrentar aquele desafio, mas acredita que aprendeu muito.

Na saída do Exército, não tinha e não sabia o que fazer, mas não desejava voltar para a agricultura familiar. Resolveu, então, procurar emprego em algumas empresas de Pelotas, mas não deu muito certo. Como jogava futebol muito bem, foi convidado para trabalhar numa grande empresa, um curtume que tinha uma grande produção de artigos para exportação.

Nesta empresa, teve o incentivo que precisava, ofereceram-lhe vários cursos de formação e de aperfeiçoamento que lhe proporcionaram um crescimento profissional muito grande, inclusive lhe proporcionaram fazer o curso Técnico em Química, concomitantemente com o Ensino Médio, para trabalhar na curtição de couros.

Como o Curso era em outra cidade, distante de onde morava, a empresa lhe fornecia uma ajuda de custo que lhe possibilitava pagar o hotel e a alimentação. Nesse tempo estava noivo e decidiram casar, como não tinham recursos, resolveram celebrar as bodas e sua esposa aguardaria concluir o Curso e, então, retornar para sua casa.

Para concluir seu projeto, utilizou os recursos do custeio do hotel e do restaurante e foi morar em um pensionato, com colegas, que por ser mais barato, poderia fazer alguma economia.

O relato é para mostrar que sua evolução está marcada por muitas lutas e cheia de grandes sacrifícios, mas nem por isso pensou em desistir, em momento algum, agarrou-se nas oportunidades que recebeu e foi à luta.

Nessa empresa, onde recebeu a grande oportunidade de sua vida, trabalhou por vinte e quatro anos, juntou há esse tempo, o período que ficou no Exército e obteve sua aposentadoria, aproveitando a legislação vigente, que lhe permitiu aposentar-se com vinte e cinco anos, por se tratar de atividade insalubre.

Graças a sua dedicação e empenho teve o reconhecimento dentro da empresa e conseguiu uma ascensão muito rápida. Porém não foi nada fácil. Além do esforço que fazia para desempenhar suas atividades com responsabilidade, precisou enfrentar outras adversidades.

Encontrou muita rejeição muito grande entre seus colegas e subordinados no trabalho. Funcionários mais velhos da empresa e também na idade, não o aceitavam como chefe. Não admitiam serem chefiados por uma pessoa mais jovem de idade e de tempo de serviço na empresa e, principalmente, por ser negro, numa região onde os descendentes de alemães eram predominantes.

Então vários deles pediram demissão, num período de expansão da empresa, porém seus chefes gostavam de seu trabalho e admiravam sua dedicação e persistência e garantiam-no no emprego e no desempenho de suas funções.

Mas nem tudo foram alegria e vitórias. Apesar de tantos esforços para aprender e trabalhar com seriedade e responsabilidade, as dificuldades foram, aos poucos, sendo superadas, mas conta com grande tristeza e amargura dois acontecimentos que marcaram profundamente sua trajetória. Feridas que não cicatrizam e que ainda hoje, as lembranças são motivo de muita dor e sofrimento.

Para Lucas: “Todas as dificuldades se enfrenta de peito aberto e por piores que elas sejam, nos dão grandes ensinamentos. Para valorizarmos as vitórias, é preciso transpor as barreiras, vencer os obstáculos. Esta é a lição que a vida nos reserva e que nem todos conseguem compreender.”

Lucas enfrentou muitos obstáculos e um a um foi superando-os, entretanto, dois acontecimentos deixaram profundas cicatrizes que provocam muitas dores. Duas perdas que jamais poderão ser esquecidas, cujas seqüelas ainda estão muito latentes.

A primeira grande perda foi a de seu pai, amigo, companheiro e conselheiro, seu porto e a palavra amiga nos momentos de dificuldades e de indecisão. A mão que segurou e sustentou, sempre que precisou de apoio para enfrentar as adversidades e os desafios da vida.

Tendo de estudar, em uma cidade distante, o Curso Técnico em Química para Curtumes, pago pela empresa na qual trabalhava, decidiu-se casar, quando acreditou que já havia encaminhado o seu futuro profissional, marcando o casamento.

No dia da celebração do enlace matrimonial, que deveria ser um dos mais felizes, não só para si, mas também para a sua companheira, com quem resolveu dividir os demais dias da sua vida, a sua amada noiva, acontece o inesperado: o óbito de seu pai, a pessoa, cujo modelo, lhe inspirou sempre, que lhe deu, não só, a existência, mas também foi um dos responsáveis pela transmissão dos valores da vida, um exemplo, com quem aprendeu muito e decidiu seguir.

Diante do inesperado, apesar dos transtornos que causaria, pois estudando longe e residindo em uma localidade, distante da cidade, teriam mais dificuldades para remarcar a data do matrimônio, mas não havia outra escolha.

Porém, novas surpresas desagradáveis aconteceram para piorar o momento, o Cartório, de maneira insensível, recusou-se a transferir a data da celebração, criando uma série de dificuldades, que, associadas com os problemas financeiros decorrentes das despesas do evento, com os estudos que realizava fora da cidade e, ainda alguma coisa que teria que assumir com o funeral do seu pai, não teve outra saída que não fosse a de realizar o casamento.

Conforme deixou explícito, este dia ficou muito marcante em sua vida, pois colocou em enfrentamento dois grandes sentimentos do ser humano: a felicidade pela realização do seu casamento, que tanto desejava, e a tristeza pelo inesperado da perda de quem tanto amava, para quem tudo devia e a quem muito respeitava: “era meu pai se velando e eu me casando”, desabafou muito emocionado, deixando transparecer um pouco do sentimento de culpa, pela sua impotência, na ocasião, por não poder tomar outra decisão e a grande amargura, que trouxe aquela perda tão significativa.

Mas, para si, o pior estava por vir a acontecer. Outra perda, uma tragédia que não tem como superar, que não seja com muito amor no coração e muita fé, em alguém Superior, capaz de confortar e orientar a caminhada.

Anos depois, ainda residindo e exercendo suas atividades profissionais na mesma empresa, cuja localidade, hoje emancipada e com o nome de Município de Turuçu, Lucas levava uma vida simples tranqüila, própria de uma pacata comunidade do interior.

Nesses lugares, é muito comum reservarem aos domingos, os momentos de lazer, da família e da própria comunidade, quando encontros são realizados, na casa de

amigos, de familiares, na comunidade ou na igreja do local ou vizinhança. Também são nesses dias, realizados passeios e visitas em geral e as tardes de futebol são, em geral, um acontecimento social que acontece na comunidade.

Certo dia, num domingo de futebol, Lucas foi com os filhos, assistir futebol. Ao final do jogo, retornou para casa com um dos filhos, que contava dezessete anos de idade. Chegando em casa, encontram a namorada de outro dos filhos, que pede ao menino para chamar seu irmão que ficara no campo de futebol, avisando-lhe que esta estava em sua casa lhe aguardando, sendo por ele atendida imediatamente.

Chegando ao campo de futebol, dá o recado ao irmão e, encontrando seu chefe no trabalho, resolve ficar mais um pouco, brindando o clima de harmonia, de amizade e de alegria existente no ambiente do lugar. Em casa ninguém se preocupa, pois a localidade é pequena, todos se conhecem e eram muito amigos.

A rotina diária na casa de Lucas, nos dias de semana, era: levantar pela manhã, chamar o filho mais velho para o trabalho, fazer a higiene, fazer o desjejum e sair para o trabalho, ficando a responsabilidade para o filho, de chamar os irmãos para trabalhar, já que tinham horário diferenciado. Assim, por razões inexplicáveis, não deram pela ausência do irmão menor, todos estavam tranquilos e seguros.

Na noite anterior havia acontecido um grave acidente na BR 116, envolvendo um caminhão que prestava serviço de transporte à empresa e um automóvel ainda não identificado. O automóvel saíra da sua pista e invadira a contramão, chocando-se, de frente, com o caminhão que trafegava no sentido contrário.

O acidente ocorreu muito próximo da empresa, onde o caminhão carregaria pela manhã e seguiria sua viagem. Com o choque houve uma explosão e carro e caminhão incendiaram. O motorista e o carona morreram carbonizados, pois ficaram presos nas ferragens, mas o motorista e o carona do caminhão conseguiram se salvarem e deram o alarme. As vítimas do acidente não puderam ser identificadas.

O acidente foi o assunto do lugar, na empresa não se falava em outra coisa, a não ser a sorte dos tripulantes do caminhão, em conseguir salvarem-se. Ninguém desconfiou na identidade das vítimas, pois a BR é muito transitada, especialmente nos finais de semana.

Os corpos foram retirados completamente mutilados e carbonizados e levados para o Necrotério, atual IML – Instituto Médico Legal, em Pelotas. Na casa de Lucas ninguém percebeu a ausência do filho, pois seus pais não sabiam que este não ficara em casa e seus irmãos não estranharam a ausência deste, talvez acreditando que estivesse combinada ou autorizada sua permanência fora de casa.

Da mesma forma, a ausência do motorista não foi motivo de desconfiança maior, ou de que este pudesse ser uma das vítimas do acidente, pois este era de Santa Catarina e estava residindo aqui, no Estado, com sua esposa e dois filhos menores, somente por motivos profissionais. Sem saber de seu paradeiro, sua esposa aguardava sua chegada para ouvir suas explicações.

Foi no trabalho que se deu a desconfiança, estranharam a ausência de ambos e resolveram perguntar para a esposa do chefe do Setor o motivo da ausência e esta informou que não pousara em sua casa. Então seus colegas resolveram procurar pela viúva e pelo senhor Lucas para falar de suas suspeitas e dizer-lhes que precisariam ir a Pelotas para fazerem a identificação dos corpos.

O reconhecimento foi uma experiência por demais traumática e no relato não há como controlar tanta emoção, mesmo informado de que não precisaria mencionar os fatos, Lucas faz questão de relatar e de constar o registro, provavelmente, num esboço de homenagem, que não cansa de fazer, a seu muito querido filho.

Dado o estado de destruição dos corpos, não permitiram que a viúva entrasse na sala e a Lucas coube a missão de fazer o reconhecimento de ambos. Nesse relato ficou impossível o controle das emoções, mas Lucas continuou. Não havia dúvidas, pelas características físicas, que os corpos eram mesmo de seu filho e do seu amigo e chefe, apesar destes estarem totalmente mutilados pelo impacto da batida e pelo incêndio que aconteceu, pós-explosão.

Outro momento muito traumático, desse triste acontecimento, foi chegar em casa e dar a trágica notícia. Na localidade, todos já sabiam quem eram as vítimas, exceto a mãe, a quem ninguém tinha a coragem de contar, por não querem causar-lhe tanta dor. Conforme as palavras de Lauro: “Embora seja muito triste, não há quem não compreenda um filho ter de enterrar seus pais, é a lei da vida, mas os pais terem de enterrar um filho, é algo muito doloroso, principalmente do jeito como tudo

aconteceu.” A forma encontrada, foi apelar para o médico da empresa, que trouxe um colega da cidade de Pelotas e então deram a notícia.

Não existe maneira de se dizer que houve superação de tragédia similar, o que se pode afirmar, é que, são necessários muita fé, muito amor e muita união para enfrentar situações traumáticas, como a relatada e isso não faltou na família de Lucas. Compreendendo a fragilidade do ser humano e a força que vem da fé, a família se uniu, ainda mais, para se fortalecerem e reconstruírem suas história e tocarem seus projetos de vida.

Decorrido algum tempo, aproveitando os benefícios de uma legislação específica aos riscos de seu trabalho, Lucas decidiu se aposentar. Mais tarde vem a se arrepende da decisão, pois sofre uma grande redução salarial, alterando drasticamente seu padrão de vida. Decidiu então retornar ao mercado de trabalho. Mudou para Pelotas e recebendo convites para trabalhar em três outras empresas, no mesmo ramo, retorna a exercer suas atividades profissionais.

Na sua nova empresa de trabalho, além dos serviços técnicos, era o responsável pelas compras dos produtos que necessitava para o exercício das suas atividades e necessitando viajar muito. Então, começou a voltar seu olhar para o momento em que deveria parar definitivamente, na condição de empregado. Neste momento, começou a dar início à construção da sua casa, em São Lourenço do Sul, cidade que escolhera para morar, quando parasse de trabalhar definitivamente.

Cansado de viajar, com a casa construída ciente de que necessitava estar mais presente e mais próximo da sua esposa e de seus filhos, decidiu para com as atividades profissionais, que exercia na empresa, onde trabalhava e, aos poucos, foi mudando para a área que atua agora.

Lucas conta que, quando trabalhava de empregado, ganhava um salário próximo a dezesseis salários mínimos e com a aposentadoria teve seus rendimentos reduzidos pela metade, fazendo com que pensasse em outra atividade para compensar suas perdas, hoje sua renda com a aposentadoria representam pouco mais de dois salários mínimos, uma redução.

Recebendo o apoio incondicional de sua família, da esposa em especial, começou uma nova atividade, com o objetivo de melhorar a renda familiar, voltada para

produção orgânica de temperos e molhos, como elementos principais e alguns doces, do tipo geléias e passas, com frutas da época, incluindo a confecção artesanal das embalagens recicladas. Com a sua micro-empresa, assegurava um complemento na renda mensal de aproximadamente mais de dois salários mínimos, conforme sua participação em feiras e eventos de comercialização.

Sua micro-empresa está classificada como agroindústria familiar, pois produzem quase todos os ingredientes que utilizam na elaboração dos seus produtos. Entretanto, gasta muito com o tratamento médico da sua esposa, que dura já algum tempo, dado a gravidade da mesma. Para custear as despesas, necessitou vender parte do patrimônio adquirido, posto que este é realizado na cidade de Porto Alegre.

Confessa que, inicialmente, não acreditava muito no seu negócio, mas tinha o apoio, o estímulo e a garra da sua esposa, que abraçou, junto com ele, desde o início das atividades e com a força de vontade da sua companheira, tocou o empreendimento para frente. Começaram produzindo 10 kg de temperos à base de sal, hoje possui uma variedade de produtos que incluem os temperos e molhos, que é à base da sua produção.

Conta que sua produção é familiar, tanto no cultivo dos produtos que utiliza, como na manipulação dos mesmos. Suas tarefas são divididas com sua esposa, principalmente, sendo que fica aos cuidados dela parte do cultivo e a organização das embalagens, pois dá o acabamento final, tocando para ele parte do cultivo, incluindo o controle da produção terceirizado, pois é rigoroso no controle da qualidade dos produtos que elabora e fica com a responsabilidade da comercialização.

Proporcional à evolução na criação de novos produtos, ocorreu o crescimento da comercialização e isso se deve ao ingresso no Programa de Economia Solidária do Município, que não só alavancou as possibilidades de vendas, como estimulou a criação de novos produtos, para ofertar ao mercado consumidor.

Embora esteja no limite da produção artesanal, a demanda continua aumentando, exigindo uma tomada de atitude no setor de produção da empresa. Para garantir essa expansão, sem perder a qualidade no aumento da quantidade dos produtos, foi preciso tomar uma decisão de comprometimento do aspecto profissional, perante o mercado consumidor, pois se não puder atender seus clientes, seu trabalho cairá em descrédito.

A alternativa foi buscar orientação junto ao SEBRAE, através de convênio firmado da Prefeitura e aquele órgão, para apoio aos empreendimentos solidários e microempresas, num projeto chamado “SUPERAR SÃO LOURENÇO” que tem como objetivo, dar assessoria e suporte técnico-administrativo aos pequenos empreendedores da cidade, na maioria vítimas da enxurrada que aconteceu em março de 2011 e atingiu muitas famílias e suas atividades econômicas.

A orientação do SEBRAE está ajudando a dar um toque mais profissional ao seu trabalho, seus produtos e na apresentação destes para a comercialização, como a construção do código de barras, a criação de uma logomarca, a tabela nutricional e a estratégia de apresentação, com a técnica para propaganda e “marketing” dos produtos.

A qualificação não se restringe aos aspectos técnicos e administrativos para os pequenos empreendedores, mas as orientações recebidas e os incentivos dados para incrementar e expandir a microempresa de Lucas foi determinante na tomada de decisão que teve juntamente com sua dedicada esposa.

O crescimento da produção, em decorrência da comercialização garantida, chamou a atenção dos empresários da cidade e até de outras localidades que começaram a procurar e solicitar os produtos para colocarem em seus comércios e isto exigiu mudanças na forma de produção, como a criação de uma logomarca, o código de barras para seus produtos, a tabela nutricional destes, além da aquisição de novas tecnologias de produção, para atender a demanda, pois a produção atual não é mais suficiente, nem pode ficar no trabalho artesanal, incluindo as embalagens com material reciclado.

Lucas afirma que sua produção, garante uma excelente qualidade de vida para seus consumidores, pois é totalmente orgânica e isso que promove o bem viver de si, da sua família e dos seus clientes, além de ter se tornado uma fonte de trabalho e renda bastante lucrativa, garantindo a segurança financeira da sua família e a autonomia econômica tão desejada.

Referente à temática da entrevista, com relação à educação ambiental e ao meio ambiente, o senhor Lucas entende que o maior problema de poluição existente numa cidade similar a que mora, é a poluição dos rios e do ar. Considera que “os aviões de pulverização agrícola causam grande poluição que acabam nos envolvendo” e

acrescenta outras gases poluentes como o expelido pelos motores dos carros, resíduos das indústrias e a própria poeira.

Acredita que, há uns cinquenta anos atrás, não havia tantas doenças como hoje e que a maioria dos problemas de saúde e doenças diversas, advém da poluição e dos alimentos ingeridos, produzidos em ambientes contaminados.

Afirma que o caminho deveria ser o consumo de alimento natural, referindo-se ao produto orgânico, mas que evitam muito pouco. “Embora se procure produtos naturais, sem agrotóxicos ou outros aditivos, nem sempre a origem é fidedigna. Nunca se sabe a origem e a qualidade, pois se eu não uso veneno na minha horta, o meu vizinho usa e acaba chegando até a mim, pelos ventos e pela água, contaminando o que eu produzo.” E complementa: “Isso acaba comprometendo a pureza do meu produto.”

O pesquisado tem muito claro sua posição e consciência, no que se refere às questões do meio ambiente e de educação ambiental. Acredita que, por se tratar de educação, tudo tem que começar na Escola. Primeiro, porque, uma educação bem feita com as crianças e os jovens, dará melhores resultados, pois eles têm toda uma vida pela frente, para assimilar uma nova cultura e novos hábitos. Segundo, porque, sendo eles o futuro, se forem bem preparados, terão muito mais retorno, trarão mais benefícios e a transmissão dos conhecimentos adquiridos estará assegurada.

Está certo de que a melhor maneira de conscientizar as pessoas para uma mudança de hábitos nas relações com o meio ambiente será através das Escolas. “Os alunos e a comunidade escolar como um todo, são o melhor caminho.” Enfatiza. “Eles são o caminho viável para se chegar às redes de comunicação, começando pela família, pelos pais, tios e avós e os vizinhos, etc.” Evoca estas instituições, querendo ilustrar a possibilidade de propagação da educação ambiental, como se refere, começando na Escola, passando pela família e chegando à população pelos meios de comunicação.

Alerta, que se não houver uma integração entre os diversos seguimentos sociais, não sabe o que poderá acontecer daqui para frente. Acrescenta, ainda, que todos os cidadãos, especialmente aqueles que estão envolvidos diretamente com o uso e a exploração dos recursos naturais, podem e devem se comprometer e influenciar na construção de políticas públicas para o meio ambiente.

Acredita que “muitos tem vontade, mas não sabem como, nem o que fazer para melhorar”. E garante que “está tudo mais nas mãos dos governos” e que “é necessário trabalhar nisso, instituir uma política pública de conscientização.”

Ele próprio gostaria de fazer muito mais, mas não sabe como, falta orientação e tempo para correr atrás. E cita seu próprio exemplo:

“A nossa horta está no meio de outras duas, mas não tem visibilidade, pois usamos adubo orgânico e nenhum tipo de veneno. Se fôssemos depender dela para viver, não teríamos condições, mas para o que fazemos é suficiente, pois com esse gesto, estamos nos prevenindo contra muitas doenças.”

Provocado a opinar se considera que as pessoas estão conscientes dos riscos ambientais provocados pelo uso inadequado dos recursos naturais, respondeu com tristeza que: “Alguns sim, a maioria não; outros lavam as mãos, porque acham que tudo é responsabilidade dos políticos e não deles; têm os que pensam que, o que fazem, não é o problema maior, é pouco, não representa muito; por fim, existem os que somente tomam algum conhecimento, quando vêm alguma consequência. Quase todos, geralmente, jogam a responsabilidade do problema para cima dos outros.

E está convicto que as políticas ambientais existentes, não são eficientes, como instrumento voltado para a conservação e proteção do meio ambiente. E afirma: “Não! É muito pouco! São poucas as pessoas que se preocupam, é necessário programas e campanhas para conscientizar e divulgar, como cartazes, folders e placas indicativas. Creio ser este o caminho, para uma ação mais eficiente.”

Por outro lado, Lucas desconhece qualquer iniciativa, pública ou privada, que promovam a participação comunitária em projetos de educação ambiental. Não sabe de nenhum trabalho, nem formal, nem informal, nunca viu nada e garante que se houvesse, eliminaria muitos problemas existentes, na cidade principalmente.

Apesar de se considerar leigo no assunto, pensa que a educação ambiental está acontecendo no seu ambiente de trabalho e conta que optou pela agricultura orgânica por razões de preservação e cuidados com a saúde de todos e porque não há competição com seus produtos, havendo garantias de colocação no mercado.

O fato, conforme argumenta, é que poucos se preocupam. Mas acredita que isso está mudando e que algumas pessoas já estão produzindo organicamente.

Queixa-se, que, em São Lourenço do Sul, já sugeriu aos gestores da Economia Solidária, que promovessem campanhas educativas para o consumo de produtos orgânicos, como placas indicativas dos produtores e dos produtos orgânicos, mas não obteve apoio para a sua sugestão.

Sabe que seus produtos são bons, mas necessita de mais incentivo, pois o custo é elevado e cita outras pessoas que começaram a agricultura orgânica, mas já desistiram, lamenta, por falta de apoio, pois não conseguem competir com os produtos não orgânicos, que têm custos menores e rendem muito mais.

Reclama que o investimento na qualidade de vida seja muito pouco valorizado e comenta que os gastos com a saúde são muito maiores, porque não se tem mais cuidados com as questões ambientais. Sugere que, com apenas 5% (cinco por cento) do gasto com a saúde faria muito mais, se fossem aplicados na preservação no meio ambiente e nas campanhas de educação ambiental. E prevê que num futuro próximo será muito pior.

Apesar da atitude que tomou e dos cuidados com a qualidade dos seus produtos, sabe que pode fazer muito mais, no que se refere ao meio ambiente e com a educação ambiental não formal, propriamente dita, conforme relata: “Muitas vezes pensamos que sabemos e que fazemos as coisas bem feitas, mas chega alguém e nos diz que não e aponta o que devemos mudar.”

De acordo com o que descreve quanto aos cuidados com a maneira como são desenvolvidas as suas atividades, tanto no cultivo como na elaboração dos seus produtos, desde os cuidados no preparo e na conservação da terra, ao plantio e manuseio correto, pós-colheita, para dar qualidade ao produto final, tudo obedecendo aos critérios de lógica ambiental, como diz: “Nós procuramos não agredir a natureza e propiciar qualidade aos consumidores dos nossos produtos.” E complementa com informações e orientações aos mais interessados: “Alertamos aos consumidores e demais produtores que também podem fazer o seu trabalho, parecido com o nosso, isso quer dizer, com o pensamento sempre voltado para a nossa saúde e também das pessoas que vivem ao nosso redor.”

Lucas conta que o início do seu trabalho foi com base nos acontecimentos dentro de sua família, onde havia gente portadora de doença muito grave, onde a mudança de

hábito foi uma necessidade e com a utilização de produtos orgânicos conseguiu se recuperar.

“Os efeitos foram diretos”, comenta. Daí começou uma tomada de consciência que não parou mais. Relata, também, a experiência que aconteceu com ele próprio; estava com vários problemas de saúde e não encontrava solução, alguém, então, sugeriu uma mudança total de hábitos e passou a tomar chás, em 30 (trinta) dias já sentia a diferença e aqueles sintomas desapareceram.

Garante que a utilização desses recursos sempre previne contra o que pode ser muito pior e acredita que, nesses termos o custo é muito menor, “se considerássemos os gastos que se tem com um tratamento médico digno, além do fato de evitarmos tantos sofrimentos desnecessários nas pessoas”, e é categórico quando diz: “Reafirmo, tudo tem que começar nas Escolas, para termos melhores resultados.”

Tem consciência que nem tudo se descobre nas Universidades e que muitas das respostas que buscamos, encontramos no conhecimento e na experiência dos nossos antepassados, na herança cultural, propriamente dita, nos hábitos e costumes que são transmitidos de geração a geração, mas também com o que se aprende na Escola e, principalmente, no convívio harmonioso com as pessoas e com a natureza e é nesse momento que passamos a tomar consciência da importância do nosso papel social, é nessa hora que mudamos nossos hábitos e nossas atitudes e o nosso comportamento e, então, encontramos a solução para tudo.

Reconhece que muito pouco se faz, em se tratando de educação ambiental, especialmente a nível municipal e regional, e que a culpa disso é a própria sociedade, numa análise geral, pois ninguém se mobiliza, ninguém cobra nada. Entende que é necessária uma ação de educação bastante ampla de informação e de orientação para as pessoas, com campanhas claras e objetivas, pois não adianta falar de coisas que as pessoas não entendem.

Em sua opinião, acredita e está convicto que tudo começa pela educação e adverte, não adianta colocar uma plaquinha, apenas, proibindo algo, se antes não forem explicados os motivos da proibição. É necessário investimento público em campanhas educativas, pois as coisas acontecem muito rápido. “Tudo que é possível fazer, deve ser

feito, mas é preciso ensinar como fazer. E o quê fazer? E não proibir, simplesmente. Tem que dar explicações para conscientizar. Isso, sim, é educar!”

Deixa claro sua preocupação com o futuro do País, no que se refere aos rumos que estão tomando os problemas do meio ambiente. Diariamente toma conhecimento das calamidades e tragédias públicas, como enchentes em quase todas as regiões do País, especialmente as que ocorrem em regiões caracterizadas pela seca, como o Nordeste, o Sudeste e o Centro-Oeste, por outro lado, as freqüentes secas que acontecem nas regiões marcadas por grandes períodos de chuva, como nos Estados do Sul do Brasil, isto para se referir aos fenômenos locais, como disse.

Para Lucas, tudo isso é decorrente dos problemas por que passa o meio ambiente, como o desmatamento, as queimadas, a poluição das águas e do ar. Como afirma: “É a ação do homem que está destruindo a vida do meu País e, noutra dimensão, está destruindo a vida no Planeta. Eu me preocupo, e tenho que me preocupar, com o futuro e me pergunto sempre, sobre: Como será este País amanhã, ou depois? Tenho filhos e netos, faço o meu trabalho, mas sei que é muito pouco. Estou bastante preocupado.”

Demonstra profundo respeito com a “Mãe Natureza” e acredita que a educação ambiental é o principal caminho. Para ele a educação ambiental é tudo e deveria ser assim para todos. Considera que, as preocupações com o meio ambiente deveriam estar na frente de tudo e na vida cotidiana das pessoas, deveria ser a prioridade, fazendo referência ao pensamento ganancioso das pessoas que exploram as riquezas naturais, sem nenhum pudor, sem se preocupar com as conseqüências das suas ações e nem pensar que um dia tudo pode acabar. “Então, como vai ser?” Questiona.

Ratificando que sua preocupação está nos termos dos ganhos e dos valores que são atribuídos. Lucas afirma que, em seu caso específico, a prioridade é com a saúde das pessoas e do meio ambiente. Reconhece que alguns agem por necessidade, mas outros são por pura ganância.

Então, sugere que para diminuir tudo isso, deve haver intensas campanhas de conscientização, com uma fiscalização bastante intensa, uma legislação que contenha muito mais rigor e com punições muito mais severas.

Lucas ratifica sua preocupação com a qualidade dos seus produtos e repete que se preocupa muito desde o cultivo, continua durante a colheita, incluindo a conservação desses gêneros alimentícios, até a manipulação final, quando elabora e confecciona os seus produtos finais, ou seja, de seus molhos e temperos preparados para diversas formas de consumo.

Insiste em afirmar que somente utiliza produtos orgânicos, sem qualquer tipo de agrotóxico. O descarte da sobra tem destino certo, volta para dentro de seus canteiros, assim como todo o lixo orgânico de sua residência.

Tudo isso acontece, porque a matéria-prima é própria, quando não é produzida em sua propriedade, compra de terceiros, previamente acordados, pois orienta e acompanha a produção, desde o cultivo até a colheita, como deseja.

O local da fabricação tem todos os pré-requisitos, exigidos pelos órgãos de saúde e de fiscalização. No aspecto de higienização, incluindo os cuidados com a qualidade dos produtos, móveis e utensílios, bem como o próprio ambiente, que serão utilizados na fabricação.

O ambiente é arejado e as portas e janelas são revestidas de tela, para bloquear a entrada de insetos e a desinfecção do ambiente é realizada, no mínimo duas vezes por mês, conforme a frequência e intensidade de utilização e os utensílios, sempre após seu manuseio.

Após a confecção dos produtos, estes são embalados e revestidos novamente, lacrados e condicionados para ser transportado, esse processo previne a contra a contaminação e o desenvolvimento de microorganismos e de fungos.

Certamente, que os cuidados de higiene, no ambiente de trabalho, também ocorrem com o pessoal durante a produção da sua micro-empresa. Todos trabalham devidamente uniformizados, com aventais, toucas, luvas e passa-pés limpos e são trocados toda vez que iniciam um novo dia de trabalho.

Lucas tem perfeita noção das suas responsabilidades com o meio ambiente, em suas atividades tem todo o cuidado com a sua preservação, especialmente com o descarte do lixo seco. Procura orientar as pessoas para estes cuidados, alertando os membros da sua família e os vizinhos para o compromisso e zelo pelo meio ambiente.

Por fim, Lucas afirma que uma educação ambiental bem desenvolvida na comunidade é capaz de ser promotora da cidadania para todos os indivíduos. Embora reconheça que isso seja muito difícil, pois existem pessoas que pensam diferente e outras que pensam de um jeito, mas agem de outro.

Mas acredita, ser a educação ambiental, o único caminho para que aconteça um desenvolvimento mais humanizado, com sustentabilidade, onde todos tenham sua real oportunidade e que o convívio seja de fato mais fraternos, com respeito ao ser humano, aos demais seres vivos e ao meio ambiente.

Está convicto que, quando atingirmos este nível de “evolução”, o ser humano estará pronto para cumprir sua verdadeira missão nesta vida. Onde o bem-estar de um é, também, o bem estar do outro e que as necessidades de um, também serão as necessidades do outro, todos se ajudarão coletivamente e dessa forma atingiremos a mudança social que todos sonhamos.

“Saindo do sonho para a realidade” como falou, acredita que o sonho está muito longe da realidade, pela falta de convicção das pessoas e pela falta de atitude dos governantes. Essa omissão, não dá responsabilidades para ninguém, pois qualquer iniciativa de algum cidadão, ou de um grupo de indivíduos, ou mesmo de uma comunidade, são vistas como bobagens, quando não são ridicularizados, por estarem fazendo papel de otários. “Enquanto uns fazem a sua parte, outros destroem, pois não há um compromisso e não são estimulados a tomarem uma decisão favorável ao bem comum.” Completou.

“É nesse contexto que a educação ambiental, começando pela Escola, passando pelas comunidades, com o apoio efetivo dos órgãos de imprensa, mas com a presença e a responsabilidade do poder público, podem fazer a grande diferença e aproximarmo-nos do mundo desejável para todos nós.” Finalizou.

6.6. COMENTÁRIO DAS ENTREVISTAS

A escolha dos métodos de recolhimento das informações influencia de forma direta os resultados do trabalho: os métodos de obtenção e os métodos de análise dos

dados são muitas vezes complementares e devem então ser escolhidos juntos em função dos objetivos e das propostas de trabalho.

O primeiro objetivo desta análise é a verificação empírica, em virtude de ser a realidade mais rica e com muito mais nuances do que os métodos que foram elaborados para a sua abordagem. A análise dos dados tem um segundo objetivo que é o de interpretar os fatos imprevistos e de rever ou afirmar as propostas a fim de que, nas conclusões, eu, na condição de pesquisador, tenha condições de sugerir melhoramento no modelo de análise ou de propor caminhos de reflexão e de pesquisas futuras.

Embora os pesquisados tivessem muitas dificuldades para se constituírem como cidadãos, a força de vontade e a determinação que envolveu cada um dos pesquisados foram decisivas para as suas realizações. Agarraram-se nas oportunidades que surgiram e com muito trabalho e desprendimento conseguiram realizar seus projetos e sonhos e afirmam que com a economia solidária conseguiram dar sustento para suas famílias e educação para seus filhos.

Deve-se fazer um registro negativo, que foram as tragédias que aconteceram na vida de dois dos entrevistados: a dona Mariasinha e o senhor Lucas. A dona Mariasinha com as perdas de seus três filhos por doenças infectocontagiosas e por quase ter perdida a vida com dois de seus netos, ainda crianças, na enxurrada que aconteceu na cidade, no ano passado e que levou oito pessoas, sendo quatro vizinhos do quarteirão e o senhor Lucas com a perda de seu pai no dia de seu casamento e da perda do filho menor em trágico acidente automobilístico. Nos dois casos provocaram cicatrizes muito difíceis de curar, mas com muita fé e amor familiar superaram os traumas e estão enfrentando os desafios com muito trabalho.

Findo os comentários que relatam as histórias de vida dos investigados, comecei a analisar a compreensão que fazem sobre a educação ambiental e dos problemas que afetam ao meio ambiente.

A minha satisfação foi imensa, quando constatei que as pessoas investigadas apresentaram uma elevada consciência ambiental, apesar de alguns, pela humildade e simplicidade, se manifestarem um tanto intimidados e constrangidos, receosos de não saberem expressar corretamente seus sentimentos e seus conceitos a respeito da

temática proposta, mas suas opiniões sobre a educação ambiental e as que envolvem o meio ambiente foram muito importantes para a execução desta Dissertação.

Para os quatro pesquisados, o principal problema ambiental pela comunidade, está relacionado com o lixo e a sujeira espalhadas no meio ambiente, os demais, são decorrentes ou se somam a estes, como a poluição das águas, da terra e do ar, pelo lixo e pelo veneno utilizado em diversos fins, mas principalmente nas plantações. Também pela descarga dos automóveis, pela fumaça e dejetos das indústrias e pela poeira do ar

O lixo apresenta a maior reclamação dos investigados, por ser responsável pelo entupimento dos bueiros e contaminação dos rios e mananciais aquíferos, em muitos casos é o responsável pelas enchentes e provoca a degradação do meio ambiente.

Outro problema também foi mencionado, como grande problema ambiental na zona rural, a inexistência de esgoto cloacal, mencionado como prioridade para dois Distritos da cidade, onde os esgotos são jogados nas valas das ruas, poluindo e contaminando o ambiente, causando mau cheiro, a proliferação de animais e doenças infecciosas.

No final da primeira parte dos depoimentos, a responsabilidade de encontrar solução para estes problemas é do poder público, em todos os níveis, sem excluir responsabilidades da sociedade, mas a ausência ou inexistência de políticas públicas desmotivam e desmobilizam a sociedade, que por ignorância ou hipossuficiência, não conseguem fazer nada para, pelo menos, diminuir as conseqüências.

Mas são enfáticos em afirmar que tudo deve acontecer com a presença e a iniciativa do poder público, criando leis mais rígidas e exercendo uma fiscalização mais eficiente, pois os efeitos e as conseqüências já estão acontecendo e são desastrosas.

Nesse contexto, são unânimes em afirmar que tudo deve começar com um programa de campanhas sistemáticas de educação ambiental e, nesse caso, entendem que o ambiente ideal é a Escola, até mesmo por se tratar de educação. É consenso de que tudo o que se faz, se tiver origem na Escola, tem muito mais possibilidade de dar certo. No entendimento de algumas pessoas, a Escola deve ser o espaço de encontro e de tomada de decisões da sociedade.

Essa interpretação se justifica pelas manifestações dadas, do tipo:

“Lá é o berço de tudo na vida, há entusiasmo das pessoas, dos pequenos aos adultos, que se engajam nas campanhas e trabalhos desenvolvidos, para ajudar no aprendizado das crianças.” Marília.

“Os alunos e a comunidade, como um todo, são o melhor caminho. Eles são o caminho viável para se chegar às redes de comunicação, começando pela família, pelos pais, tios e avós e os vizinhos, etc.” Lucas.

Outro elemento importante para a disseminação de campanhas de educação ambiental, e que devem ser levadas em conta, é a imprensa. Por intermédio dela, as políticas públicas e as ações comunitárias chegam até as pessoas e os resultados podem ser alcançados com mais eficácia.

Para tanto, é necessário que se desenvolva um projeto de campanhas educativas de motivação e de conscientização, utilizando cartazes, folders, concursos, etc, em parcerias com os veículos de comunicação existentes e com o objetivo de chegar ao maior número de pessoas possível, sugeridos pelo senhor Lucas e por dona Marília: “Não me refiro apenas às campanhas feitas nos veículos de comunicação, elas são boas e cumprem um papel social: o da informação, mas me refiro às campanhas que envolvem a comunidade em geral, onde todos ou o maior número possível de pessoas se envolvem.” Marília.

Dona Marília se entusiasma tanto que chega a sugerir, em forma de desafio, que haja um programa de informações e orientações para a comunidade em geral, mas que seja descentralizado, porque geralmente ocorre nos centros urbanos das cidades, sendo que, quem mais participa, colabora e necessita dessas orientações, são os moradores da periferia e da zona rural. E desafia as autoridades públicas com a seguinte provocação: “Quem sabe invertamos a prática tradicional e trazemos da zona rural para a zona urbana.” Referindo-se aos trabalhos de educação ambiental e de preservação ambiental.

No convívio estabelecido com os pesquisados, pude perceber nesses os cuidados com a qualidade de vida e o respeito para com o meio ambiente e esse foi um dos critérios de seleção, para qual foram escolhidos para o trabalho de pesquisa qualitativa.

É notável a higiene e os cuidados que dispensam ao ambiente destinado para a manipulação e confecção dos seus produtos e isso também acontece no ambiente familiar, como um todo. A prática da confiabilidade que é passada aos consumidores,

estabelece regras de comportamento que acabam se tornando hábitos e incorporam-se à rotina dos conviventes e dos frequentadores do local.

Acredito que estes hábitos de educação ambiental e de respeito ao meio ambiente, tão bem acolhidos pelos entrevistados é que lhes dá a certeza de que um trabalho constante e sistemático, junto à população, dará um retorno imensurável, cujos resultados serão benéficos para todos e especialmente para a natureza.

E é por isso que os investigados entendem que todos, que utilizam os recursos naturais, podem e devem se envolver mais e auxiliar na construção de políticas públicas que contemplem a educação, a recuperação e a preservação do meio ambiente, pois o que temos é muito pouco, diante dos prejuízos que foram causados.

Para Lucas: “Muitos tem vontade, mas não sabem como, nem o que fazer para melhorar. Está tudo nas mãos dos governos. É necessário trabalhar nisso, instituir uma política pública de conscientização.”

E garante que ele próprio gostaria de fazer muito mais, mas não sabe como, falta orientação e tempo para correr atrás e cita seu próprio exemplo: “A nossa horta está no meio de outras duas, mas não tem visibilidade, pois usamos adubo orgânico e nenhum tipo de veneno. Se fossemos depender dela para sobreviver, não teríamos condições, mas para o que fazemos é suficiente, pois com esse gesto, estamos nos prevenindo contra muitas doenças.”

Com relação às políticas ambientais, dona Sara tem opinião similar, conforme externou: “É necessário que haja mais ação. Está tudo muito no papel, na prática não se vê quase nada. As coisas que acontecem, não são claras. Essas pessoas, que são responsáveis, possuem elementos para fiscalizar mais, mas não fazem, isso falta muito e fica complicado.”

Dona Sara tem conhecimento que existe alguns trabalhos de educação ambiental, formal e não formal, na cidade, mas não sabe como são desenvolvidos, mas é categórica em afirmar que: “Sempre pode ser feito mais, sempre é insuficiente.” Referindo-se ao trabalho de replantio de árvores nas Escolas pela AFUBRA – Associação de Fumicultores do Brasil e às palestras realizadas pela SEPLAMA – Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente do Município.

A dona Mariasinha também considera muito importante que existam campanhas de educação ambiental, pois se isso não acontece, é comum despreocupar-se com os problemas ambientais, enquanto que, trabalhos que visam à conscientização, têm o poder de alertar e estabelecer regras de comportamento ideal para com o meio ambiente e faz a seguinte confissão: “De tudo o que a gente aprende, sabemos o que é correto, porém, muitas vezes aprendemos, mas não fazemos. Mesmo assim, é necessário ter um melhor conhecimento do que é certo e do que é errado e ter um maior respeito com o meio ambiente, pois o que é ruim para mim, é também para o meu vizinho, que não é responsável pelo que fazemos de errado.”

Apesar do mea-culpa, a dona Mariasinha cita inúmeras práticas que realiza e que confirmam sua preocupação constante com as agressões que sofre o meio ambiente e isso é facilmente percebido, pelo seu comportamento diário, no material que utiliza para executar seus trabalhos, nos cursos que ainda ministra, inclusive para seus colegas da Associação dos Artesãos.

Nesse aspecto, há um ponto positivo que deve ser mencionado, todos os investigados possuem uma característica muito comum, praticam a reciclagem de vários materiais que utilizam, na elaboração de seus produtos, reaproveitando e reutilizando, sempre que possível, os componentes necessários, contribuindo com a redução do consumo da matéria prima necessária.

Dessa maneira, a consciência ambiental dos investigados fica clara e são muito ricas as informações concedidas, facilitando, sobretudo, o trabalho deste pesquisador. Assim, houve a possibilidade de determinar as entrevistas com as conclusões extraídas dos depoimentos dos próprios pesquisados.

Ao término de cada pesquisa, apresentei uma questão que ensejava uma resposta em três tempos. Foi perguntado aos entrevistados se a educação ambiental era importante para a promoção da cidadania, para a sustentabilidade e para a mudança social? E as resposta foram colocadas, em síntese, da seguinte forma:

“É a ação do homem que está destruindo a vida do meu País e, noutra dimensão, está destruindo a vida no Planeta. Eu me preocupo, e tenho que me preocupar, com o futuro e me pergunto sempre, sobre: Como será este País amanhã, ou depois? Tenho

filhos e netos, faço o meu trabalho, mas sei que é muito pouco. Estou bastante preocupado.” Lucas.

“Eu entendo que a educação ambiental tem papel importante na promoção da cidadania dos indivíduos, pois promove a conscientização de cada um e, assim, buscar um mundo melhor para passar para os outros. E certamente, nós também vamos viver num lugar bem melhor, em todos os sentidos, sempre respeitando o outro e todos vivendo com muita dignidade.” Marília.

“Somente com uma tomada de consciência das pessoas, para com a educação ambiental e com o meio ambiente, com o resgate da cidadania ambiental e a promoção da sustentabilidade, é que poderá acontecer uma verdadeira mudança social. Isto é, a conquista de uma melhor qualidade de vida para todos, associada aos cuidados com a natureza que todos devemos ter.”

“Na promoção da sustentabilidade, a educação ambiental é muito importante para a obtenção de um comprometimento consciente das pessoas. Nesse sentido, é importante cuidar a poluição, não fazer queimadas, cuidar a emissão de gases que poluem o ar, não usarem agrotóxicos e outros venenos, criar áreas verdes e reflorestar, reutilizar tudo o que pode ser reaproveitado.” Sara.

“Com ela poderemos tornar-nos um cidadão mais saudável, para isso é necessário economizar mais, não desperdiçar, obedecer e respeitar os limites que a natureza impõe. É neste momento que estudos e movimentos de educação ambiental são importantes, eles têm um papel importante, para cumprir e o local ideal passa pela Escola e pelos movimentos sociais.” Mariasinha

“É nesse contexto que a educação ambiental, começando pela Escola, passando pelas comunidades, com o apoio efetivo dos órgãos de imprensa, mas com a presença e a responsabilidade do poder público, pode fazer a grande diferença e aproximarmo-nos do mundo desejável para todos nós.” Lucas.

“É com ela que poderemos, além de defender e proteger o meio ambiente, recuperar e defender o que foi degradado, cuidando, mantendo, preservando e devolvendo o que lhe foi desastrosamente retirado.” Sara. “A tecnologia está muito desenvolvida e o consumo energético é imenso, é necessário controlar mais, cuidar e diminuir o consumo. Então, a vida da sociedade precisa de mudanças em todos os

sentidos, para que todos possam viver com segurança e maior qualidade de vida. Isso significa que as pessoas precisam estar mais comprometidas com as necessidades e exigências que o meio ambiente faz, para que possamos viver com mais saúde e bem estar, além de deixar um mundo melhor para os nossos descendentes. E as pessoas precisam se preparar para essa mudança.” Marília.

“Um grande problema ambiental vem acontecendo, as pessoas não se preocupam e as autoridades não fiscalizam o uso, que é a utilização de veneno para limpar a sujeira dos campos e até dos pátios e quintais, ao invés de fazerem capina ou roçado. Se houvesse uma conscientização coletiva, aí sim, teríamos uma mudança social importante.” Sara.

“Temos que preparar o Planeta para outras pessoas, devolvendo o que retiramos da natureza. Replantar árvores para produzir frutas e madeira, cuidar da pureza das águas, despoluir a terra, a vegetação e o ar. Isto quer dizer: protegê-la!” Marília.

6.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não restam dúvidas, que numa visão geral, estamos todos sensibilizados com a crescente preocupação com as questões que envolvem o meio ambiente e que, nas últimas décadas, ganharam uma dimensão global.

Percebemos uma preocupação nas pessoas entrevistadas, tanto quantitativa como qualitativamente, portanto de todas as partes do mundo, com a proteção da vida na Terra e, por extensão, do próprio Planeta. Isso significa que há, por parte de todos, o reconhecimento da importância da educação ambiental para uma melhor formação dos indivíduos, com a construção de valores éticos e, principalmente, da necessidade da construção de uma ação social bastante efetiva.

Dessa forma, compreendemos a necessidade da existência de um processo educativo e transformador, com a participação dos indivíduos e de suas comunidades, sustentado no respeito mútuo e ao ambiente natural. Este processo deve ser dinâmico e permanente, posto que, por ser educativo, promoverá a transformação social desejada,

contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e comprometida com a vida e com a preservação do meio ambiente.

Nesse sentido, consideramos a educação ambiental como o caminho ideal para a mudança social necessária, que tenha como proposta a formação e preparação de pessoas que sejam capazes de entender a importância desse processo educativo, para agirem, conscientemente, em suas atividades diárias e promovendo, assim, uma mudança de hábito, no seu ambiente familiar e na comunidade em geral, com posturas éticas perante a sociedade.

Certamente que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis da sociedade; com a pretensão de atingir a todos e com objetivo de preservação ambiental e do uso sustentável dos recursos naturais. É com essa concepção que a economia solidária seu importante papel social.

Por outro lado, de acordo com o que foi relatado, no memorial constante na Introdução desta Dissertação, durante toda a minha existência, a grande preocupação que tive, foi com a condição de miséria que vive parcela significativa da população brasileira e a busca de alternativas de sobrevivência para essas pessoas, tornou-se, para mim, o grande desafio.

Isto motivou uma investigação intensa, principalmente durante minha formação acadêmica, primeiro com a opção do exercício profissional na área do Magistério, quando conclui a Faculdade de Ciências de Primeiro Grau, e Habilitação para lecionar Matemática, posteriormente, o Bacharelado em Ciências Domésticas e Licenciaturas em Economia Doméstica e em Educação Familiar.

Nos últimos, adquiri conhecimentos que facilitaram uma ação direta com as populações de periferia e rural, onde poderia atuar na organização de pessoas e comunidades, voltadas para a geração de trabalho e renda, através da produção solidária.

No passar dos anos, grande parcela de trabalhadores foi expulsa do mercado de trabalho, provocando significativo aumento da exclusão social, da pobreza, da marginalização e dos índices de desemprego, por conseguinte, da queda do poder de consumo da população.

Em consequência desses efeitos tornou-se urgente, propostas e alternativas de geração de trabalho e renda que contemplem e incluam os trabalhadores desempregados. Esta nova situação decorrente, entendida e permeada por relações mais solidárias e cooperativas, vem se concretizando, em múltiplas iniciativas, e denominada por muitos, como sendo o da economia de solidariedade.

A característica dos inúmeros empreendimentos de economia solidária suscita, potencializa e caracteriza uma racionalidade de identidade própria, tornando-se o rifão de um elo econômico baseado na solidariedade.

É por este motivo que a organização do trabalho solidário representa mais do que geração de renda, qualidade de vida e inserção social, pois é dessa forma e nesse ambiente que torna possível, para a associação dos empreendedores, o desenvolvimento comunitário, por meio da força potencial que concentra, buscar os espaços necessários para o exercício das suas atividades e o pleito de seus direitos.

Isto é, toda a atividade laboral tem como finalidade a satisfação das necessidades básicas humanas, como: educação, saúde, lazer, habitação, cultura, saneamento básico, assistência psicológica e social, capacitação e qualificação profissional, ou outras exigências pessoais ou coletivas, requeridas de maneira formal ou informal, pessoal ou coletiva que, ou em parceria com outras representações sociais, poderão ser promovidas aos seus integrantes e para a comunidade em geral.

Os empreendimentos solidários são, em geral, uma eficiente alternativa de renda para trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho, considerando que vários de seus integrantes têm escolaridade muito baixa ou nenhuma e é precária ou inexistente a qualificação profissional.

A participação das mulheres é, quase sempre, superior a dos homens; suas atividades estão localizadas, geralmente, tanto na periferia dos centros urbanos quanto na zona rural. Os empreendedores encontram como principais parceiros, o poder público governo, no âmbito municipal, estadual e federal, através de seus organismos de prestação de serviços e também a iniciativa privada, representada pelos órgãos de classe e programas específicos, além da contribuição de organizações não governamentais.

A economia solidária pode representar um instrumento eficiente e adequado do ponto de vista teórico, metodológico e prático na luta pela erradicação da pobreza

desses trabalhadores. Por esse motivo pretendeu-se investigar, constatar e externar a dimensão que tomam os programas, projetos específicos e ações desenvolvidas por essas organizações, orientadas pelo princípio da solidariedade e suas relações com o ambiente natural em que vivem têm contribuído para o melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, de suas famílias e da sua comunidade.

A relação entre a solidariedade e a economia se evidencia pela condição natural de não existir apenas um único modelo de economia e sim de uma forma alternativa de produção, onde as relações interpessoais se evidenciam nas maneiras de organização e nas formas de produção e de comercialização.

É possível que algumas associações de empreendedores não logre êxito e suas atividades não obtenham sucesso. Isso se deve a diversos fatores, de ordem interna e externa à organização.

Isso se deve a situações desagregadoras entre seus componentes, como falta de comprometimento dos seus membros, disputas internas radicalizadas, desorganização administrativa, entre outros e os componentes externos, como a falta de apoios político e econômico, acompanhamento técnico e administrativo, quando se fizer necessário e a formação de parcerias para desenvolver suas atividades de produção e comercialização.

Nesta ótica de solidariedade, a economia acontece e está condicionada a fatores que correspondem a uma construção de subjetividade humana, os elementos partícipes se sentem responsáveis pela defesa, manutenção e evolução dos componentes, como condição lógica e fundamental da sua própria sobrevivência.

Dentro deste princípio ético de responsabilidade social, os componentes dos grupos se disciplinam de tal maneira que, espontaneamente, transferem e assumem compromissos de defesa, conservação e recuperação do ambiente em que estão inseridos, cuja abrangência não se restringe apenas ao local de trabalho, mas se estende em seus lares, na comunidade e por conseqüência na cidade onde residem.

Por fim, a Economia Solidária não se consagra pelas relações de mercado, isto é, de produção e de comercialização, mas sim pela ajuda mútua e pelas redes e relações de solidariedade que constrói e reproduz. Neste caso, a reciprocidade é o relacionamento básico entre todos os que trabalham na economia solidária. Constituindo-se na mais diversificada forma de relação, da troca, muitas vezes sem manifestação monetária, a

uma comercialização ativa e integrada, fomentando, inclusive, uma organização mais complexa, de auto-suficiência.

Assim, a Economia Solidária acontece sob dois pilares de sustentação: o da reciprocidade, que alimenta um vínculo social entre os praticantes e o da comercialização, que compreende formas de participação e normas estabelecidas de sustentação social e supressão das desigualdades.

Entretanto, a economia solidária ganha maior importância, na mesma proporção que o empreendedor inclui o respeito ao meio ambiente, no centro de suas atividades, conforme fica constatado nas manifestações realizadas, tanto nos diálogos como nas ações desenvolvidas pelos trabalhadores solidários.

Isso, sem dúvida, eleva o nível das responsabilidades e oportuniza uma conscientização social, criando espaços para a ampliação de debates e a inserção da Educação Ambiental. Para tanto, se faz necessário ressaltar alguns conceitos que são colocados, fundamentados nas idéias de Félix Guattari, especificamente a “Ecosofia”, teoria importante para a compreensão dos fenômenos característicos desses tempos pós-modernidade.

No livro “As Três Ecologias”, Guattari, vêm responder aos fenômenos sociais existentes, num mundo que vem se deteriorando lentamente, decorrente dos desequilíbrios ecológicos e sociais, onde acidentes químicos e nucleares têm sido comuns, aonde as conseqüências chegam até a alguma doenças incuráveis.

Para Guattari, esses fenômenos, se não forem controlados, ameaçam a vida do homem e do planeta. Por outro lado, paralelamente, a vida em sociedade do ser humano vem se desagregando cada vez mais. As redes de parentesco estão, a cada dia, mais reduzidas, a vida doméstica está sendo superada pelo consumismo da mídia, a convivência das pessoas e das famílias vive uma espécie de padronização de comportamentos, atingindo em cheio as relações de vizinhança.

Para Guattari, somente uma articulação ético-política entre as três ecologias (o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana) é que poderia resolver tais problemas. Considerando que, o que está em curso, é a forma de se viver sobre o planeta daqui para frente. A esta articulação deu o nome de Ecosofia, que é a relação entre as três ecologias.

Guattari afirma que os modos de vida humanos, individuais e coletivos, avançam no sentido de uma progressiva deterioração.

Percebe-se que Guattari quer se referir, quando fala em modos de vida, à história da humanidade, num tom claramente voltado à questão moral, de forma mais específica à ética, quando cita: “As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão.” (2008, p.7-8)

Como se pode constatar, nas manifestações expressadas pelos pesquisados, tanto quantitativamente como qualitativamente, a economia solidária, na forma como está estruturada, apresenta uma diversidade de possibilidades muito grande. Podendo-se antever, as reais condições de organização em várias áreas de produção, tanto de bens como de serviços.

Ao mesmo tempo, está evidente que todas as formas de organização solidária, trazem como condição de sustentação, a educação ambiental.

Nesse sentido, os empreendedores solidários se constituem como o instrumento potencial para uma mudança de comportamento social. E não poderia ser diferente, pois este é o caminho viável de sustentabilidade para todos os ramos da atividade humana, posto que, nessa perspectiva, o contexto da crise ecológica que vivenciamos, ameaçam a vida, não só dos seres humanos e de outras espécies, como do próprio planeta.

Novamente recorremos a Guattari, para buscar o suporte necessário, para afirmar que a interatividade dos indivíduos se dá pela vontade de cada um. Isto ficou registrado na sua afirmação quando cita que: “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico.” (2008, quarta capa)

Guattari considera que os grandes problemas sócio-ambientais, estão no desenvolvimento técnico-científico e no crescimento demográfico, afetando de tal

forma, tanto os seres humanos como o próprio meio ambiente, causando grandes conflitos, estabelecidos a partir da exploração dos recursos naturais.

A resposta a essa crise ecológica viria de uma revolução política, social e cultural: “Essa revolução deverá concernir, portanto, não só as relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo”, isto é, de subjetividade.

A ecosofia aponta os rumos para a nova práxis humana. Isso significa dizer que a ecosofia se constitui a partir do desenvolvimento de práticas específicas que alterem, através da reinvenção, maneiras de ser, no que diz respeito ao indivíduo, à família, ao trabalho, à sociedade em geral.

Nessa ordem, Guattari ratifica que: “Não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentações tanto nos níveis micro-sociais quanto em escalas institucionais maiores.” Compreendendo como níveis micro-sociais o indivíduo, a família, a escola, a igreja, o clube, os espaços culturais, etc.

Compreendo que o autor propõe, nestas circunstâncias, uma ação direta que chamou de “Micro Intervenção Social” nas famílias, na escola, nos espaços culturais, isto é, na comunidade em geral, para reinventar a macro-política e suas formas de entrelaçar o poder.

Enfim, Guattari nos mostra que ecosofia é muito mais do que preservação do meio ambiente, pois está preocupada com a preservação e construção de uma sociedade de seres humanos auto-sustentáveis. Além da ecologia ambiental e social, apresenta, também, a ecologia mental, isto é, a constituição humana em suas inter-relações e significados que, estando em crise, precisa ser recriada.

Na apresentação da problemática central da pesquisa: “A conscientização dos trabalhadores por meio da organização de empreendimentos econômicos solidários e que promovem a mudança nas relações sociais entre si e com a natureza.”, é necessário descrever e contextualizar a mudança ocorrida no mundo do trabalho com o advento da Economia Solidária.

Assim, é imprescindível expor algumas implicações agregadas a esta mudança, que implicam no trabalho associativo, nos empreendimentos solidários e nos significados da economia de solidariedade.

Com a velocidade das transformações nos âmbitos tecnológicos, especialmente nas áreas da comunicação e da informatização, gerou uma mudança de paradigma vigente na economia capitalista, exigindo uma readequação à nova ordem econômica imposta. As conseqüências destas transformações implicam, diretamente, na redução da mão-de-obra trabalhadora assalariada, na necessidade de uma maior qualificação desta e na capacitação de trabalhadores para funções operacionais e gerenciais.

Estas exigências provocaram desemprego em massa, de maneira acelerada, no final do século XX, que foi agravado com a abertura do mercado interno às importações, responsável pelo desemprego estrutural.

A essência do modelo capitalista incita mudanças para manter e aumentar, sempre, a taxa de lucro. Estas mudanças incidem de forma decisiva no arranjo do mundo trabalho e dos trabalhadores, por conseqüência.

Tem-se consciência que não se pode combater a pobreza sem o pobre, mas não se pode conservá-lo como um receptor de esmolas ou um simples beneficiário. É preciso, e urge fazer com que o indivíduo seja sujeito e construtor da sua própria história.

O destaque dado, muitas vezes, à condição de miserabilidade das pessoas, não pode usurpar-lhes a condição de agentes do seu próprio destino, mas não são suficientes para desqualificá-lo da condição de carente material e desprovê-lo da assistência social. Não se pode confundir o mais importante com o mais imediato. A fome mata mais rápido que a falta de trabalho, mas o atendimento de ambos é crucial para a qualidade de vida humana.

É pertinente citar que um trabalho de pesquisa social trás em princípio dois tipos de conhecimentos: conhecimentos relativos ao objeto de análise, toda contribuição é forçosamente corretiva, na medida em que, esse objeto, faz parte de um ambiente cultural do qual temos sempre certa compreensão, sendo ele rudimentar ou espontâneo e conhecimentos teóricos, que são precisamente os concernentes à problemática e ao modelo de análise.

A conclusão de um trabalho de projeto de pesquisa social compreende, normalmente, três partes: primeiro, o relembrar das grandes linhas da pesquisa que se pretende perseguir; em segundo, uma apresentação de novas contribuições de conhecimentos em cuja origem estará o trabalho; e, finalmente, uma apresentação de propostas de ordem prática.

Referente às linhas da pesquisa que se pretendeu perseguir, estão amplamente contempladas, especialmente pelas metodologias aplicadas, especialmente pelas metodologias aplicadas e sustentadas pela base teórica e conceitual desta pesquisa.

Quanto a apresentação de novas contribuições de conhecimentos, nos reportamos às apresentações e análises dos resultados das pesquisas quantitativa e qualitativa. Onde tiramos e destacamos as informações determinantes aos objetivos desta Dissertação.

Na pesquisa quantitativa, após uma seqüência de perguntas com respostas objetivas, foi possível delinear, por intermédio de um conjunto de questões indutivas, cujas informações obtidas, representam dados importantes na construção do perfil do trabalhador solidário e, assim, atender um dos primeiros objetivos específicos desta pesquisa, ou seja, estabelecer e identificar, entre os empreendedores solidários, quem pode atuar nesta modalidade de geração de trabalho e renda.

Para ratificar e complementar as informações constantes, nas questões de respostas objetivas, do questionário aplicado, reapresentamos, de forma sintética, os resultados obtidos, com os comentários de esclarecimento e interpretação.

Apurou-se que, dentre os pesquisados, a maioria dos trabalhadores são do sexo feminino e que dificilmente esses trabalhadores mudam a origem das suas atividades, mesmo quando mudam de área da moradia ou mesmo de cidade, isto é, os moradores da zona rural, preferem morar nesta área, mesmo quando mudam de cidade e quando mudam para a zona urbana, preferem morar na periferia, independente das razões, igualmente para os moradores da periferia urbana, em menor incidência, mudam para a zona rural.

Outra constatação realizada, é que quase a totalidade dos entrevistados mora ou nas periferias urbanas ou na zona rural, sendo insignificante a presença de moradores da zona central. E que a maioria destes possui, pelo menos, o Ensino Médio Incompleto.

Um registro importante é o fato de que a maioria dos entrevistados terem idade superior a 30 anos e ser ou ter sido casado e quase a totalidade possuir filhos, sendo que, quase a metade dos entrevistados possui três ou mais filhos.

Outra informação muito importante, na construção do perfil do empreendedor solidário, diz respeito à renda obtida, a maioria recebe até três salários mínimos mensais e a minoria garante que recebe mais de três salários mínimos. Neste item, deve ser levado em consideração um número considerável de trabalhadores que não informou sua renda, alguns destes mencionaram renda superior a dez salários mínimos, mas tiveram aqueles entrevistados que são empregados de empreendimentos solidários, e que responderam ao questionário, que por serem trabalhadores e não empreendedores, mas, daí, se conclui que a renda de alguns é muito maior, pelo fato de poderem bancar um ou mais empregados.

A maioria dos pesquisados afirma ter seus ganhos declarados de forma mensal, a minoria declarou que tem sua renda semanal, outros ganham somente quando participam de festas ou eventos e alguns não informaram seus ganhos, mas deve ser considerado, também, um número menor de trabalhadores que declarou receber o “Bolsa Família” como reforço da sua renda.

Finalizando esta parte do questionário objetivo, registramos que a grande maioria dos empreendedores descobriu a economia solidária, através dos amigos e da comunidade. Dentre esses trabalhadores solidários, a maioria optou por buscar esta forma de trabalho para promover a melhoria da renda familiar e um número expressivo por exercer a prática de ação comunitária.

A complementação do questionário aplicado se deu com a formulação de cinco questões de respostas discursivas, onde os pesquisados puderam expressar seu pensamento e suas considerações a respeito do trabalho realizado, seus significados e suas repercussões sociais.

Assim, obtive importantes informações, para o estabelecimento do perfil desse trabalhador, saber como se constituíram, enquanto trabalhadores solidários, e como grupo, através de associações ou cooperativas, a maneira como realizam suas atividades e, inclusive, como acontece à comercialização de seus produtos, bem como, se com seu trabalho, ou através de suas organizações associativas, têm condições de garantir o

sustento de si, de suas famílias e de suas comunidades, isto é, se através da economia de solidariedade é possível obter a sua autonomia econômica. Outro dos objetivos específicos desta pesquisa.

Atendida as intenções iniciais desta pesquisa, foi realizada, então, a pesquisa qualitativa, a análise das entrevistas e os seus resultados são surpreendentes, superando as expectativas, pelos significados que apresentam. Vejamos:

Por se tratar de manifestações de subjetividade, torna-se imperioso o esforço do pesquisador em tentar expressar, com fidedignidade o sentimento dos entrevistados. Nesse sentido, tentaremos destacar esses sentimentos, especialmente aqueles que são coincidentes entre os entrevistados. Nos comentários que retratam o modo de viver de cada um, incluindo a origem familiar e suas constituições, pois tudo aconteceu em seus ambientes e são construções de subjetividade.

Na primeira das coincidências, todos tiveram origem em famílias bastante humilde e nasceram na zona rural de suas cidades. Cresceram com as práticas da vida na campanha, mas quase todos conseguiram concluir estudos de nível Técnico, um feito memorável dado as dificuldades existentes, nas localidades onde moravam, além das condições financeiras desfavoráveis.

Apenas uma das pesquisadas não conseguiu maior escolaridade, entretanto, fez outros cursos profissionalizantes, desenvolveu suas habilidades e passou a ministrar esses cursos, inclusive para outras duas entrevistadas, nivelando-se a elas.

Outra coincidência existente é o exercício da liderança, nas associações e na comunidade onde atuam e todos já exerceram ou exercem ações voluntárias, que lhes confere essa condição de liderança comunitária e nas associações de empreendedores solidários. Hoje todos estão com suas vidas estabilizadas, possuem filhos e netos e ainda ajudam na criação e na educação destes.

Na compreensão que fazem sobre a educação ambiental e dos problemas que dizem respeito ao meio ambiente, outra coincidência muito agradável, é que todos, apresentam uma consciência ambiental muito grande. Para todos os maiores problema ambiental enfrentado é o lixo e a sujeira e os problemas decorrentes. Como exemplos citam a poluição das águas, da terra e do ar, provocados pelo desmatamento e

queimadas, pela fumaça e dejetos das indústrias, pela descarga dos automóveis, pela poeira e pelo uso excessivo de venenos, principalmente os utilizados nas plantações.

Pela ênfase ao problema do lixo, acusam este de ser o principal responsável pelo entupimento dos bueiros e pela contaminação dos rios e mananciais de água, tornando-se um dos responsáveis pelas enchentes e degradação do meio ambiente. Talvez seja por esta razão que, neste ano, a Prefeitura Municipal esteja investindo tanto nessa questão, com a aquisição de dois caminhões para a coleta seletiva dos recicladores e para a coleta do lixo na zona rural.

Outro problema ambiental apresentado é a ausência do esgoto cloacal na zona rural, tornado prioridade o descarte desse dejetos em algumas localidades. Mas todos são definitivos em garantir que isso é de competência do governo, que através de políticas públicas adequadas podem resolver esse problema, embora não se omitam em auxiliar.

Para isso afirmam com unanimidade que tudo deve acontecer na Escola, através de campanhas sistemáticas de educação ambiental, primeiro por se tratar de educação; segundo, porque com as crianças se obtém melhores resultados e por seu intermédio, chega-se em suas famílias e na comunidade e este trabalho terá maior eficiência, se a imprensa também estiver envolvida.

No conjunto dos pensamentos individuais, concluíram que a solução para esses problemas passam por um programa de campanhas educativas de conscientização ambiental, usando todos os recursos disponíveis de comunicação e de orientação, mas que deve começar nas Escolas e a responsabilidade é exclusividade do poder público.

É indiscutível que existe um elevado grau de conscientização ambiental entre os empreendedores ambientais, especialmente entre os convidados para responderem a esta pesquisa e certamente é por estas razões que se tornaram líderes em suas comunidades.

Todos praticam hábitos de higiene em suas casas e nos ambientes de trabalho, cultivam e trabalham com gêneros orgânicos, dando qualidade aos seus produtos e demonstrando o elevado grau de consciência, de educação ambiental e de respeito ao meio ambiente. Concordam que todos que exploram e utilizam os recursos naturais para desenvolver suas atividades, devem se envolver mais e ajudar a construir políticas públicas de interesse ambiental.

Todos garantiram que gostariam de fazer muito mais, mas não sabem como. Também, que é necessário fiscalizar mais, pois ainda acontecem coisas danosas ao meio ambiente, por falta de consciência e de responsabilidade das pessoas. Acreditam que esteja sendo feita alguma coisa, mas que é tão pequena e sem divulgação que não chega às pessoas, então não causa efeito algum.

Está bastante claro que os entrevistados praticam atos de educação ambiental e de respeito ao meio ambiente. Fazem reciclagem do material que utilizam, reutilizando-os sempre que possível e reduzem o consumo ao máximo que podem. Para reciclagem, classificam e separam o lixo, para o descarte, pois o que não lhes serve, pode ser útil para outras pessoas.

Finalizando, todos estão conscientes que, com educação ambiental é possível promover a cidadania, mais, que a sustentabilidade do meio ambiente depende de atitudes conscientes de cada um e consideram que, somente após esta mudança de comportamento de consciência ambiental, é que poderá acontecer uma mudança social em benefício de todos e, por extensão, do Planeta.

6.8. CONCLUSÃO

Referente a apresentação de propostas práticas, elas já foram construídas e estão expressas nas manifestações dos entrevistados nas pesquisas aplicadas. Dizem respeito às suas reivindicações e estão implicadas nos dois contextos investigados:

- Primeiro, com referência à economia solidária, que se resume na conquista de um espaço próprio, definitivo e adequado para a exposição e a comercialização de seus produtos e a realização de eventos diversos e o apoio para a participação, que representa a oportunidade de encontros, trocas de experiências e de comercialização, com isso a conquista de uma melhor qualidade de vida e da autonomia econômica; e,
- Segundo, um programa de campanhas sistemáticas que busque e envolva a participação de toda a sociedade, na conquista coletiva do bem viver, num ambiente

saudável e sustentável, trazendo benefícios para todos. Em ambas as situações, tudo depende de políticas públicas voltadas aos interesses da comunidade.

Quanto às propostas práticas, todo investigador deseja que seu trabalho sirva para alguma coisa. O problema reside no fato de que as conclusões de uma pesquisa raramente conduzem a aplicações práticas, claras e indiscutíveis.

Concluindo, volto à questão principal desta Dissertação, para definir a resposta: **“Qual a conscientização dos trabalhadores, por meio da organização de seus empreendimentos econômicos solidários, que promovem a mudança nas relações sociais entre si e com a natureza?”**

Acredito que a questão ficou resolvida no decorrer desta pesquisa, Constatei que tudo se dá sob os preceitos da base conceitual, que tem nas idéias e na filosofia de Felix Guattari, os elementos fundamentais para o exercício e o bom desenvolvimento da economia de solidariedade, se constituindo alternativa, principalmente, para as populações de baixa renda.

Dessa forma, utilizando o título desta obra, podemos afirmar que: **“A Ecosofia é base de sustentação da Economia Solidária!”** Porque se constitui na consciência adquirida pelos empreendedores solidários, no que se refere à consciência ambiental e no respeito ao meio ambiente, nas maneiras como se relacionam entre si e, principalmente, na mudança de hábitos, de conceitos e de comportamentos próprios, muito bem identificados no convívio que tivemos e na investigação realizada com os trabalhadores solidários de São Lourenço do Sul.

Este foi o meu desafio!

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, P. P. Associativismo. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- ARRUDA, M. Socioeconomia solidária. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- ASSEBURG, H. B. et OGANDO C. A economia solidária no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2006.
- BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos Naturais e planejados. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- BAGGIO, A. et BARCELOS, V. (Orgs) Educação ambiental e complexidade: entre pensamentos e ações. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008.
- BARROS, A. B. M. et Outros. (Org) Fios e tramas da economia solidária. Porto Alegre, RS: IPPOA, 2005.
- CARDOSO, R. Um novo referencial para a ação social do Estado e da Sociedade. PNUD, Comunidade Solidária, 2000.
- CARVALHO, R. A. A. Sustentabilidade: princípios. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- CARVALHO, I. C. M. A invenção ecológica; narrativas e trajetória da educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre, RS: Ed Universidade/UFRGS, 2001.
- CATTANI, A. D. (Org) A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- CAZZUNI, D. et Outros (Orgs) Osasco construindo uma economia mais justa e Solidária. Osasco, SP: Rettec, 2008.
- CEAS. Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social: dívida externa, América Latina, Economia Solidária, Seca e Saque. 189. Salvador, BA: Setembro/Outubro/2000.
- CULTI, M. N. Economia solidária: desafios e expectativas. in ZART, L. et Al. Educação e Socioeconomia solidária: processos organizacionais na economia solidária. Cáceres, MT: Editora Unemat, 2009.
- DELEUZE, G. et GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS)
- DEMO, P. Pobreza da pobreza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- DIAS, G. F. Educação Ambiental: Princípios e Práticas. 9ª Ed. São Paulo, SP: Gaia,

2004.

DUARTE, L. C. B. Política Externa e Meio Ambiente. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed, 2003.

DUARTE, R. G. Meio ambiente: biodegradação. São Paulo, SP: Ícone, 1998. (Coleção Voando Alto).

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, RS: julho 2002.

FURG. AMBIENTE & EDUCAÇÃO – Revista de Educação Ambiental. Vol. 3. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

_____. AMBIENTE & EDUCAÇÃO – Revista de Educação Ambiental. Vol. 10. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

_____. AMBIENTE & EDUCAÇÃO – Revista de Educação Ambiental. Vol. 11. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2006.

_____. AMBIENTE & EDUCAÇÃO – Revista de Educação Ambiental. Vol. 14 (2) Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

GALAZ, C. et PRIETO, R. Economía Solidaria. Montevideo, Nordan: 2006.

GUATTARI, F. As três ecologias. 19ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

GUERRA, A. L. et CAZZUNI, D. H. STDI em números: informações e estatísticas sobre as ações de trabalho, emprego e renda. Osasco, SP: Hucitec, 2011.

KAPRON, S. et FIALHO A. L. Políticas Públicas para a economia solidária. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS, Veraz Editores, 2003.

LISBOA, A. M. Solidariedade. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.

_____. Terceiro setor. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

_____. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. in: CASTRO, R.; LAYRARGES, P.; et LOUREIRO, C. F. (org) Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. SP: Cortez, 2005.

_____. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. in: Ambiente & Educação – Revista de Educação Ambiental. Vol 8. Rio Grande, RS: Fundação Universidade do Rio Grande, 2003.

- _____. Educação ambiental e teorias críticas. in: GUIMARÃES, M. (org). Caminhos da educação ambiental: da forma à ação. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- MANCINI, E. A. Redes de colaboração solidária. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- MILANEZ, F. Desenvolvimento sustentável. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- MINAYO, M. C. S. (org) Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MORIN, E. Introdução a uma política do homem e argumentos políticos. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- _____. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. 9ª Ed. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.
- _____ et MOIGNE, J. L. A inteligência da complexidade. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- REIGOTA, M. O que é Educação Ambiental. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).
- RUSCHEINSKY, A. (Org) Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- RUSCHEINSKY, A. et COSTA, A. L.. A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire. in: RUSCHEINSKY, A. Educação Ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- SANTOS, J. E. et SATO, M. A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. São Carlos, SP: RiMa, 2001, 2003.
- SARACHU, J. J. et SARACHU G. D. (Org) Rumbos de la economia social – entre mitos y realidades: reflexionessobre el tercer sector, hacia um dialogo abierto. Montevideo, UY: Nordan, 2004.
- SCHMIDT, D. et PERIUS, V. Cooperativismo – cooperative. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.
- SINGER, P. Introdução à economia solidária. 1ª Ed. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- _____. et SOUZA, A. A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, SP: Ática, 2006.
- _____. Economia solidária. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre,

RS: Veraz Editores, 2003.

VERONESE, M. V. Solidaridade e subjetividade: será possível mudar os modos de ao trabalhar?. in: ZART, L. et Al. (Org) Educação e socioeconomia solidária: processos organizacionais socioeconômicos na economia solidária. Cáceres, MT: Unemat Editora, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 6ª ed. São Paulo, RS: Martins Fontes, 2000.

WAUTIEZ, F. et Outros. Indicadores da economia solidária. in: CATTANI, A. D. A outra economia. Porto Alegre, RS: Veraz Editores, 2003.

ZART, L. et Al. (Org) Educação e socioeconomia solidária: processos organizacionais socioeconômicos na economia solidária. Cáceres, MT: Unemat Editora, 2009.

_____. Educação ambiental crítica: o encontro dialético da realidade vivida e da Utopia imaginada. Cáceres, MT: Unemat Editora, 2004.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
PESQUISA QUANTITATIVA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nome ou Entidade: _____ Sexo: _____

1. Cidade onde nasceu: _____

2. Cidade onde mora: _____

3. Zona: () Centro () Bairro/Periferia () Rural

4. Idade: () Até 20 anos () De 21 a 30 anos () De 31 a 40 anos
() De 41 a 50 anos () Mais de 50 anos () Não informou

5. Estado Civil: () Solteiro () Casado
() Viúvo () Divorciado/Separado () Não informou

6. Número de filhos: () Nenhum () Um () Dois
() Três () Quatro () Mais de Quatro () Não informou

7. Grau de instrução: () Analfabeto () Ensino Fundamental Incompleto
() Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto
() Ensino Médio Completo () Ensino Técnico
() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
() Pós-Graduação () Outros

8. Ocupação principal: _____

9. Renda aproximada: () Até 1 Salário Mínimo () De 1 a 3 Salários Mínimos
() De 3 a 5 Salários () De 5 a 10 Salários
() Mais de 10 Salários () Bolsa Família
() Outros () Não informou

10. Característica da renda: () Mensal () Diário () Eventual/Outros

11. Como soube do trabalho realizado pelo grupo que atua: () Amigos
() Comunidade () Imprensa () Não informou

12. Motivo da procura do trabalho: () Necessidade de Melhoria da Renda
() Ação Comunitária () Outros () Não informou

2 Quantas vezes se reúnem por semana: () Uma () Duas
() Três () Mais de três vezes () Numa vez por mês

14. Qual a sua opinião sobre o trabalho executado?

15. Que importância tem, na sua vida, da sua família e da sua comunidade, o trabalho desenvolvido pelo seu grupo?

16. Recomendaria esta alternativa econômica para outras pessoas e/ou comunidades?

17. Qual a recomendação para as autoridades?

18. Deseja fazer alguma manifestação espontânea?

ROTEIRO PARA A PESQUISA QUALITATIVA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MEIO AMBIENTE

Parte I

Faça um comentário sobre a sua história de vida. Como se constituiu, desde sua origem até o ingresso na sua Associação ou Cooperativa de Economia Solidária.

Parte II

1. O que significa a EA para você?
2. Você está preocupado com os problemas ambientais? Porque?
3. Quais os principais problemas ambientais você tem enfrentado?
4. Que tipo de conflitos tem gerado?
5. Existe alguma iniciativa que proponha a participação em projetos comunitários de educação ambiental?
6. Existem trabalhos voltados para a realização da educação ambiental formal e informal? Como são desenvolvidas?
7. Você considera que os cidadãos estão conscientes dos riscos ambientais provocados pelo uso inadequado dos recursos ambientais?
8. Como são desenvolvidas suas atividades?
9. Na sua visão, a educação ambiental pode acontecer no seu ambiente de trabalho?
10. Com a sua experiência, como desenvolveria a EA na sua atividade cotidiana?
11. No exercício das suas atividades de trabalho tem preocupações com a EA?
12. E com as questões que envolvem o meio ambiente?
13. E na elaboração de seus produtos, o que mais lhe preocupa com relação à EA?
14. E com o MA?
15. Como se dá a sua relação com o MA?

16. Quais temas ambientais considera ser urgente trabalhar na sua cidade ou região?
17. Qual é a melhor forma de conscientizar as pessoas para as mudanças de hábitos e atitudes com relação ao meio ambiente?
18. Na sua visão, as políticas ambientais são eficientes como instrumento que visam a proteção e a conservação do meio ambiente?
19. Os sujeitos envolvidos com o uso e a exploração dos recursos naturais podem influenciar a construção de políticas públicas ambientais?
20. Qual a importância da EA para promover a cidadania?
21. Qual a importância da EA para promover a sustentabilidade?
22. Qual a importância da EA para promover a mudança social?

Irmã Lourdes Dill

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança



**“AQUILO QUE FOI DESTRUÍDO O FOI PARA SEMPRE,
MAS O QUE ESTÁ EM PERIGO, AINDA PODE SER SALVO.”**



Cláudio Nei Almeida, Secretário Substituto e Diretor de Economia Solidária da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de São Lourenço do Sul; Irmã Lourdes Dill, Coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança e o Mestrando Jai Bezerra Massaut.

Textos extraídos dos diálogos virtuais com a Irmã Lourdes

HISTÓRICO DO PROJETO ESPERANÇA

Em 15 de julho de 1987 foi criado o **PROJETO ESPERANÇA** e teve o seu funcionamento, a partir dos Grupos Organizados que se integraram desde o início.

Hoje, 25 anos depois, olhando para trás, parece que foi apenas um sopro e tantas coisas aconteceram, tanto na história se contribuiu, e tantas pessoas foram beneficiadas. Gostaria de fazer desfilas, na história e na memória de todos, esta bela trajetória, valendo-me das sábias palavras de Dom Ivo: **“Vai... Envolve o Mundo a Esperança”**.

Mesmo sem o Dom Ivo o vigor desta Missão segue com a bênção do nosso Arcebispo Dom Hélio e com a energia e apoio de todos os colaboradores, entidades e parceiros, fazem desta história uma esperançosa realidade acontecer.

O **PROJETO ESPERANÇA** é um dos setores do Banco da Esperança da Arquidiocese de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, criado em 15 de agosto de 1987, a partir do estudo do Livro “A Pobreza Riqueza dos Povos”, do autor Africano Albert Tévoèdjeré, cujos estudos iniciaram em 1980. E no III Congresso da Cáritas/RS, em 1984, Dom José Ivo Lorscheiter, Bispo Diocesano de Santa Maria, com base no estudo do livro, que tem como fundamento a Solidariedade. Dom Ivo desafiava a Cáritas/RS a criar e desenvolver os PACs – Projetos Alternativos Comunitários, com autogestão, cooperativismo e sustentabilidade como um novo jeito de construir o desenvolvimento sustentável e encontrar soluções para os grandes problemas sociais, entre eles o desemprego, o êxodo rural, a fome, a miséria a exclusão social, no campo e na cidade.

A **COOESPERANÇA – Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos**, vinculada ao PROJETO ESPERANÇA. É uma Central, que congrega e articula os grupos organizados, viabilizando a comercialização direta dos produtos dos empreendimentos solidários do campo e da cidade, fortalecendo, todos os grupos juntos, um novo modelo de cooperativismo, como proposta alternativa, solidária, transformadora e autogestionária para o desenvolvimento sustentável, na certeza de que **“UM OUTRO COOPERATIVISMO É POSSÍVEL”**.

A **TEIA ESPERANÇA** é uma rede do Projeto Esperança/Cooesperança formada pelos empreendimentos de economia solidária e que tem os pontos fixos e autogestionários de comercialização direta na Região Central do Rio Grande do Sul.

São experiências que consolidam o Sistema Nacional de Comércio Justo e Consumo Ético e Solidário, na certeza de que **“UMA OUTRA ECONOMIA É POSSÍVEL”**.

A cooperação é um dos maiores avanços da humanidade, sem ela, não existe humanização. A economia solidária, proporciona um trabalho digno, decente e não alienado. É um trabalho com igualdade e solidariedade e sem discriminação baseado na participação e autogestão.

A autogestão diz respeito a capacidade das pessoas envolvidas num determinado empreendimento solidário, entidade, organização social, em gestar o processo de organização e funcionamento desse espaço onde estão inseridos.

Os catadores são os grandes Profetas da Ecologia que **“reciclam consciências, vidas e utopias”**. Para eles o fato de catar material reciclado, lhes dá a condição inegociável de catar cidadania, reciclar consciências e resgatar o **“último fio de dignidade que lhes pertence”**.

O orgulho de sua profissão que lhes é legado pela luta, organização, resistência, e honestidade são as alternativas de sobrevivência e da dignidade. São eles que nos dão o exemplo de preocupação com a Sustentabilidade do **PLANETA TERRA**.

Os catadores não querem viver de esmola, eles querem ser tratados como catadores, que é a sua profissão. O material que você joga fora serve para eles sustentarem, com muita dignidade, as suas famílias e viver como sujeitos e trabalhadores iguais aos outros.

A economia solidária, não trata apenas de produtos e serviços; trata de um conceito de vida e de um modelo de desenvolvimento. A economia solidária é muito mais do que se vê e do que vende. Ela é antes de mais nada, a construção de um conceito, de bem viver, por isso, ela precisa tanto do processo educativo, quanto a Educação precisa dela.

A economia solidária trata o tema da ecologia como base do desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade e a solidariedade são temas emergentes, convergentes e muito atuais que precisam ser assumidos por todos.

As pessoas buscam outro caminho com valores éticos que defendam o meio ambiente e a vida e através das organizações, dos movimentos sociais, igrejas, sindicatos, cooperativas propõem **“Um Outro Mundo Solidário Sustentável e Inclusivo”** que na sua prática, na solidariedade, partilha o bem comum, respeito ao meio ambiente, comércio justo e consumo responsável, com ética planetária, do cuidado com a vida, em todas as suas dimensões.

A economia solidária não veio substituir o capitalismo excludente, mas é um novo e vigoroso modelo em construção de desenvolvimento, solidário, sustentável e territorial, que leva em conta o cuidado com a vida em todas as suas dimensões:

sociais, econômicos, ambientais, políticos, culturais, étnicos, espirituais e o cuidado da vida, como um todo.

A economia solidária resgata a dimensão da justiça, solidariedade, fortalece os movimentos sociais e a educação popular, com políticas públicas e inclusão social.

Em todo este contexto é muito importante levar em conta a inspiração do sábio Provérbio Africano:

**“MUITA GENTE PEQUENA, EM MUITOS LUGARES PEQUENOS,
FAZENDO COISAS PEQUENAS, MUDARÃO A FACE DA TERRA”**



“AQUI UMA OUTRA ECONOMIA JÁ ACONTECE!”

"O MAIOR EVENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA AMÉRICA LATINA"
ECONOMIA SOLIDÁRIA - OUTRA ECONOMIA ACONTECE



8ª Feira de EcoSOL

Feira de Economia Solidária do Mercosul

19ª FEICOP

Feira Estadual do Cooperativismo



- 11ª FEIRA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA
- 12ª MOSTRA DA BIODIVERSIDADE E FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR
- 8º SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA
- 8º CAMINHADA INTERNACIONAL E ECUMÊNICA PELA PAZ
- 8º LEVANTE DA JUVENTUDE

13, 14 e 15
de JULHO
2012

Santa Maria
RS - Brasil

LOCAL:
Centro de Referência
em Economia Solidária
Dom Ivo Lorscheiter

INFORMAÇÕES:
PROJETO ESPERANÇA/COOPERANÇA
Rua Silva Jardim, 1704 - centro
CEP 97.010-490 - Santa Maria - RS - Brasil
Fone/fax: (55) 3219.4599 - 3223.0219 ramal 16
e-mail: projeto@esperancacooesperanca.org.br

INSCRIÇÕES:
www.esperancacooesperanca.org.br



CIDADE DE SANTA MARIA
BY ORGAO DE TRIBUTOS



ATENÇÃO:
Durante a Feira de Julho de 2012 haverá a preparação do 2º Fórum e 2ª Feira Mundial de Economia Solidária, que será realizado de 11 a 14 de julho de 2013 em Santa Maria - RS - Brasil



A FEIRA DE SANTA MARIA: "UMA EXPERIÊNCIA APRENDENTE E ENSINANTE"

Desde 1994, realiza-se em Santa Maria este grande Evento, da Feira Internacional de Economia Solidária, do Mercosul e da América Latina que completará em 2012 a sua 19ª Edição e a 8ª Edição da Feira Internacional. A partir de 1998 a Feira tomou cunho Estadual, e em 2000 tornou a Feira Nacional de EPS. Em 2005, a Feira tornou-se Internacional de Economia Solidária do Mercosul. A partir de 2007 a Feira tomou um cunho Latino Americano de grande articulação, também com os outros Continentes.

A FEIRA DE SANTA MARIA, faz parte do Programa e Calendário Nacional de Feiras. As Feiras em Rede são coordenadas pela SENAES/MTE, IMS (Instituto Marista Solidariedade), FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária), bem como os Fóruns Estaduais e Regionais. As Feiras são grandes e significativos espaços, para dar visibilidade a Economia Solidária e as Políticas Públicas do Brasil em articulação com o Poder Público, organizações, Entidades parceiras e os Empreendimentos Solidários.

A FEIRA DE SANTA MARIA é um grande braço do FSM (Fórum Social Mundial) coordenado pelo Projeto Esperança/Cooesperança da Arquidiocese de Santa Maria, com apoio da Prefeitura Municipal de Santa Maria, Cáritas Brasileira Regional/RS, FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária), Fóruns Regionais e muitas Entidades, organizado por um grande Mutirão, através das Comissões de trabalho com os Empreendimentos de Economia Solidária. A organização da Feira é uma grande Escola de participação, comprometimento, integração, Democracia Participativa e Autogestão.

Juntamente com a Feira acontecem Conferências, Seminários, Oficinas, Debates, Caminhada Internacional e Ecumênica pela Paz e Justiça Social, Momentos Culturais, Shows, Levante da Juventude e muitas atividades, onde as pessoas se tornam sujeitos participativos e os Empreendimentos Solidários, colocam a disposição dos Consumidores/as uma grande variedade de produtos produzidos pela Economia Solidária e Agricultura Familiar e articulação com os consumidores/as e Entidades parceiras e apoiadoras.

Durante a Feira, acontecem as práticas do Comércio Justo e do Consumo Ético e Solidário e as Trocas Solidárias com a Moeda Social e muitas atividade de Formação e Interação.

Na Feira não há consumo de cigarros. A água não é comercializada durante a Feira, pois a Água é um Bem Universal e um Patrimônio da Humanidade. Durante a Feira não há comercialização de refrigerantes. Os produtos são de procedência Ecológica. A Linha Editorial da Feira, tem plena sintonia com a proposta. É um Evento que vale a pena. Ela vale mais do que um curso. Ela trabalha com a teoria e a prática articulando o campo e a cidade e as diferentes Culturas e Etnias.

ECONOMIA SOLIDÁRIA: OUTRA ECONOMIA ACONTECE! A FEIRA DE SANTA MARIA É UMA EXPERIÊNCIA APRENDENTE E ENSINANTE, que fortalece os processos participativos, organizativos, autogestionários e transformadores, fortalecendo o Modelo de Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial. Esta proposta forma sujeitos e cidadãos/as no exercício da cidadania, fomenta Políticas Públicas, a Inclusão Social e Cidadania com a "TRANSFORMAÇÃO PELA SOLIDARIEDADE". A Feira de Santa Maria, como Experiência Aprendente e Ensinante, que já inspirou muitas Feiras de Economia Solidária no Brasil e na América Latina. São processos participativos e multiplicadores através das Tecnologias Sociais Aprendentes e Ensinantes.

OS EVENTOS INTERNACIONAIS – 2012:

- 19ª FEICOOP - Feira do Cooperativismo
- 11ª Feira Nacional de Economia Solidária
- 12ª Mostra da Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar
- 8º Seminário Latino Americano de Economia Solidária
- 8ª Caminhada Internacional e Ecumênica pela PAZ e Justiça Social
- 8º Levante da Juventude do RS
- Data: 13 a 15 de Julho de 2012

Local: Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter
Rua Heitor Campos, snº - Santa Maria – RS – Brasil.

"O MAIOR EVENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL, DA AMÉRICA LATINA "

TEXTOS DIVERSOS PARA O CONHECIMENTO DA FEIRA



Programação dos Eventos Internacionais de Economia Solidária, Cooperativismo e Agricultura Familiar do Mercosul – 2012

- 8ª Feira de Ecosol - Economia Solidária do Mercosul
- 19ª FEICOOP - Feira do Cooperativismo
- 11ª Feira Nacional de Economia Solidária
- 12ª Mostra da Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar
- 8º Seminário Latino Americano de Economia Solidária
- 8ª Caminhada Ecumênica e Internacional Pela Paz e Justiça Social
- 8º Levante da Juventude Urbana e Rural do RS e do Brasil

Data: 13 a 15 de Julho de 2012

TERRITÓRIO DA 8ª FEIRA DE ECOSOL DO MERCOSUL E 19ª FEICOOP

Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter
Rua Heitor Campos, s/nº ao lado do Colégio Irmão José Otão e fundos do Santuário da
Medianeira - Bairro Medianeira – Santa Maria – RS - Brasil
Fone: 55 3222 6152 (local dos Eventos)

Para contatos e informações:

Projeto Esperança/Cooperança – Arquidiocese de Santa Maria
Rua Silva Jardim, 1704 – CEP. 97010-490 - Santa Maria – RS - Brasil
Fone/Fax: 55 3219 4599 / 55 3222 8275 / 55 3223 0219
E-mail: projeto@esperancacooesperanca.org.br
Site: www.esperancacooesperanca.org.br

Boas Vindas à Santa Maria, da Boca do Monte, Coração do Rio Grande do Sul - Brasil.

Santa Maria, Capital Mundial de Economia Solidária

ECONOMIA SOLIDÁRIA - OUTRA ECONOMIA ACONTECE

É com muito júbilo e alegria que pela 19ª vez, Santa Maria acolhe inúmeras Caravanas de Associações, Cooperativas, Empreendimentos Solidários, Gestores Públicos, Pastorais Sociais, Movimentos Sociais, Entidades, Organizações, Dioceses, Cáritas e as mais diversas organizações do Brasil, da América Latina e outros Continentes para este Evento de Economia Solidária.

A Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante, mostra e dá à certeza de que há caminhos promissores, diferentes do mercado capitalista, para se organizar, produzir, comercializar e consumir, tendo como grande compromisso o cuidado com a Vida em todas as Dimensões e do Planeta Terra, nossa casa comum.

O sábio escritor Albert Tévoèdjeré, autor do livro: A Pobreza Riqueza dos Povos, que deu origem ao Projeto Esperança/Cooesperança que completa este ano 25 anos, que há várias décadas fala na “Reivenção da Economia” e que hoje é para nós a Economia Solidária.

A Arquidiocese de Santa Maria, através do Projeto Esperança/Cooesperança, setor vinculado ao Banco da Esperança, juntamente com todos os organizadores dos Eventos Internacionais acolhem com muita alegria todas as Caravanas do RS, Brasil, América Latina e outros Continentes, para que possam sentir-se bem acolhidos na Capital Mundial da Economia Solidária, sobre as Bênçãos da Mãe Medianeira de todas as Graças, Padroeira do Rio Grande do Sul e de Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil.

Este ano de 2012, a ONU (Organização das Nações Unidas) proclamou o Ano Internacional das Cooperativas, cuja data, queremos comemorar com todos/as os/as participantes que vem para Santa Maria.

Que o Deus da Vida e da história, ilumine todos os caminhos de quem acredita e constrói o Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial, fortalecendo a Economia Solidária e diferentes formas de organização.

Boas Vindas à Santa Maria!

“Se quiseres fazer planejamento para 1 ano: plante cereais;

Se quiseres fazer planejamento para 30 anos; plante árvores;

Se quiseres fazer planejamento para 100 anos: Organize e motive a organização do Povo”. (Provérbio Chinês)

A Comissão Organizadora

**FEIRA DE SANTA MARIA:
UMA EXPERIÊNCIA APRENDENTE E ENSINANTE
“O MAIOR EVENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA AMÉRICA LATINA”**

Santa Maria da Boca do Monte, Coração do Rio Grande do Sul – Brasil bate mais forte e tem a imensa alegria de acolher estes grandes Eventos do Cooperativismo e da Economia Solidária do Brasil e dos Países do Mercosul e com as Redes de Economia Solidária em Articulação com a América Latina.

Desde 1994, realizam-se importantes eventos do Cooperativismo e da Economia Solidária, em Santa Maria, RS, a Capital da Economia Solidária como “O Maior Evento de Economia Solidária da América Latina” e agora com uma outra forte articulação da Economia Solidária dos Países do Mercosul e este ano nos 154 anos de Santa Maria e nos 19 anos de Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante.

A FEIRA DE SANTA MARIA faz parte do **Programa e Calendário Nacional de Feiras**. As **Feiras em Rede** são coordenadas pela SENAES/MTE, IMS (Instituto Marista Solidariedade), FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária), bem como os Fóruns Estaduais e Regionais. As Feiras são grandes e significativos espaços, para dar visibilidade a Economia Solidária e as Políticas Públicas do Brasil.

FEIRA DE SANTA MARIA é um grande braço do **FSM (Fórum Social Mundial)** e é organizada por um grande Mutirão, através das Comissões de trabalho. A organização da Feira é uma grande Escola de participação, comprometimento, Democracia e Autogestão.

É um grande espaço de articulação, debate, troca de idéias, experiências de Comercialização Direta dos Empreendimentos Solidários da Economia Solidária, da Agricultura Familiar, das Agroindústrias Familiares, dos Catadores/as, dos Povos Indígenas, dos Trabalhadores/as do Campo e da Cidade, na Metodologia Autogestionária, do FÓRUM SOCIAL MUNDIAL e na construção de “**Um Outro Mundo Possível**” e de “**Uma Outra Economia Que Já Acontece**”.

É, também, um grande espaço de articulação Nacional, Internacional e Autogestionário, onde o Trabalho e a Organização Solidária, através do FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária) e dos Fóruns Regionais da Economia Solidária, estão acima do capital, motivando assim a consciência de um Comércio Justo, Consumo Ético e Solidário, no fortalecimento da Segurança Alimentar Nutricional Sustentável. Estes Eventos fortalecem as práticas e convicções importantes, como a não comercialização de produtos com aditivos químicos, agrotóxicos, nenhum tipo de refrigerante ou cerveja industrializada, e nem o consumo de cigarros, motivando o consumo de produtos Naturais, Ecológicos como sucos, caldo de cana, água potável, alimentação sadia e natural, em favor da Qualidade de Vida e Saúde dos consumidores/as. A Feira tem uma linha Editorial que sintoniza com a proposta de um Novo Modelo Econômico Solidário e Sustentável para o Planeta Terra.

Há, também, um grande espaço da Biodiversidade, Agroindústria Familiar, espaços Culturais sintonizados com a proposta da Economia Solidária, da Reforma Agrária, do Trabalho dos Catadores/as, dos Quilombolas, dos Povos Indígenas, dos Movimentos de Luta, de Resistência e da integração da Economia Solidária e da Agricultura Familiar.

Nesta perspectiva se fortalecem as práticas de uma outra forma de Consumo e o Trabalho Solidário, também do uso dos bens naturais, como a Água, a Terra, a Semente e o Ar que são os grandes “Patrimônios Universais da Humanidade”.

Juntamente com a Feira acontecem inúmeras Conferências, Seminários, Oficinas, Debates, Caminhadas pela Paz, Momentos Culturais, Shows, e muitas atividades, onde as pessoas se tornam sujeitos participativos e os Empreendimentos Solidários, colocam a disposição dos Consumidores/as uma grande variedade de produtos produzidos pela Economia Solidária.

Este espaço oportuniza e fortalece a construção de um Novo Modelo de Desenvolvimento Solidário e Sustentável de um Novo Modelo de Sociedade: Socialmente Justa, Economicamente Viável, Ambientalmente Sadia, Organizadamente Solidária e Cooperativada, Politicamente Democrática, fortalecendo a Cultura da Solidariedade e da Paz, na certeza de que **“Um Outro Mundo é Possível”** e de **“Uma Outra Economia Que Já Acontece”**.

A PLATAFORMA DA FEIRA DE SANTA MARIA

A Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante, nasceu da experiência dos PACs (Projetos Alternativos Comunitários) juntamente com a Cáritas Brasileira – RS, na Diocese de Santa Maria através do Projeto Esperança/Coesperança, setor vinculado ao Banco da Esperança/Cáritas Diocesana. No decorrer dos anos, a Feira foi se fortalecendo com a Economia Popular Solidária, que é a Prática dos PACs e nos últimos 18 anos na Economia Solidária, a caminho de Políticas Públicas e o fortalecimento de construção de modelo do Desenvolvimento Solidário e Sustentável, para **“UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL”** e de **“Uma Outra Economia que Já Acontece”**.

A Feira de Santa Maria, desde os seus primórdios quando iniciou no dia 1º de julho de 1994, ainda no século passado, teve a perspectiva de oportunizar espaços intensos de Formação, Articulação, Comercialização Direta e troca de experiências entre os Empreendimentos de Economia Solidária do campo e da cidade. Nos anos 1980, falar em Feira de Economia Solidária era algo impossível para muitos. O caráter da Feira, sempre foi de buscar apoio e interação das organizações, Movimentos Sociais, Pastorais Sociais e Poder Público e a autogestão dos Empreendimentos Solidários em sintonia com as Políticas Públicas.

O papel dos Empreendimentos de Economia Solidária (Urbanos e Rurais) foi de grande expressão e participação. A presença e participação em todos os momentos preparatórios e da realização da Feira, sempre foi muito significativo das Comissões.

A Feira de Santa Maria nasceu na idéia por volta dos anos de 1991 e na prática em 1994. Ela nasceu de uma grande crise do Projeto Esperança/Coesperança, que na

época já trabalhava com Feiras e com Comercialização Direta de Economia Solidária e Desenvolvimento Solidário e Sustentável, mas com inúmeras dificuldades, no seu modelo de gestão que buscava viabilidade.

Um dia, no gabinete do então Prefeito Municipal, houve uma reunião das lideranças do Projeto Esperança/Cooesperança e então o Prefeito perguntou: Por que, o Projeto Esperança/Cooesperança está “murchando”, ou então está em crise? A pergunta indignou os participantes que se colocaram na luta para conhecer experiências de Comercialização Diretas em muitos Estados do Sul. Não encontrando o que se sonhava, pois não havia experiência similar na época. Desde então, foi criado com o apoio da Prefeitura Municipal e da Diocese de Santa Maria o Feirão Colonial no Terminal de Comercialização Direta.

Foram estas duas Feiras que deram incentivo, ânimo, coragem e Profecia para iniciar uma Feira maior, ou seja, a Feira Regional do Cooperativismo, no início com 27 Empreendimentos de 13 Municípios e em torno de quatro mil pessoas na 1ª Feira em 1994, dia em que iniciou o Plano Real do Brasil, motivo pelo qual alguns queriam cancelar a Feira neste dia, mas a equipe central ficou firme em realizá-la.

Para aquele início foi o máximo que poderia acontecer em Santa Maria, com esta temática. Não havia experiência similar. Houve Feiras livres, Feiras de Produtores individuais, mas não havia Feiras de trabalhadores/as organizados na Economia Solidária, e no Cooperativismo Autogestionário, nos moldes de Economia Solidária.

Agora, passaram-se 19 anos desde a 1ª edição da FEICOOP - Feira do Cooperativismo e podemos afirmar que esta é a maior experiência da Temática da América Latina. A grande pergunta é: para onde vai a Feira de Santa Maria? Quantas Feiras ela já inspirou no Brasil, no Mercosul e na América Latina? Muitas pessoas, Entidades, Empreendimentos Solidários e organizações vêm buscar experiência e se inspiram na Feira de Santa Maria.

O Programa Nacional de Feiras e a Economia Solidária no Brasil, ou seja, o Programa Nacional de Comercialização Solidária caminham para a Política Pública. Em janeiro de 2010, tivemos a alegria de realizar o 1º Fórum e a 1ª Feira Mundial de Economia Solidária dentro dos 10 anos do FSM (Fórum Social Mundial) que aponta “Um Outro Mundo Possível”.

**Vida longa para a Feira de Santa Maria:
Uma Experiência Aprendente e Ensinante.
É uma luta que vale a pena! Boa Feira para todos!**

A Comissão Organizadora dos Eventos Internacionais de 2012

PROJETO SUPERAR SÃO LOURENÇO

A cidade de São Lourenço do Sul, situada na região sul do Estado foi surpreendida em março de 2011 por fortes chuvas, provocando calamidade pública na região. Segundo informações publicadas nas últimas horas milhares de pessoas estão desabrigadas, o município encontra dificuldades com fornecimento de água e energia elétrica.

“Enchente foi a maior de todos os tempos, toda a cidade ficou embaixo d’água”

As chuvas também acarretam problemas nas rodovias. A BR-116, principal ligação entre a região metropolitana e o sul do Estado, deve ficar bloqueada por até três dias no km 469. No local, os temporais destruíram parte da ponte sobre o Arroio do Pinto.

O desastre climatológico é considerado uns dos piores já vistos nos últimos anos, principalmente devido ao volume da enxurrada que arrasou (parcial e até quase totalmente) o município de São Lourenço do Sul o que fez com que a prefeitura local decretasse “Situação de Calamidade Pública”. A consequência desta enchente foi devastadora, com proporções gigantescas, gerando muita destruição e paralisando atividades empresariais, devido à perda total dos prédios onde funcionavam os estabelecimentos e a falta inicial de energia elétrica e água, ocasionando a perda de muitos empreendimentos na região.

Soma-se a isso o fato de que tal enchente não atingiu apenas as áreas urbanas dos municípios da região. As áreas rurais também foram bastante afetadas, incluindo a produção rural de pequena escala, em especial a agricultura familiar tendo em vista que 45% da população vivem na Zona Rural. (População: Urbana 43.230 hab. - Rural: 18,880 hab. CENSO 2010).

“Agricultora encontra animal morto sobre uma árvore por causa da enchente”

Cabe, destacar, que no município de São Lourenço do Sul, existem cerca de 2.236 empreendimentos formais (RAIS -2008), e igual número de empreendedores informais, dos quais 98% são micros e pequenas empresas.

Sabe-se que o empresário da micro e pequena empresa é o responsável por grande parte da nossa economia, pela promoção social e pela geração de emprego e renda. É agente de redução da desigualdade social e o sucesso de seu pequeno negócio depende de seu esforço. Na situação atual, faz-se necessário que sejam ofertados projetos e/ou programas para auxiliar na recuperação dessas empresas.

A realização do Projeto Superar em São Lourenço do Sul busca promover o ressurgimento dos negócios e também de novos negócios, disseminando informações e estimulando a formalização dos informais, a competitividade das microempresas e empresas de pequeno porte e o desenvolvimento local orientado para resultados, somando inúmeros fatores positivos para a reconstrução da região.

Nesse contexto atual, temos um cenário de uma região totalmente atingida pelas variações do tempo, sendo as pessoas as maiores vítimas, perdendo patrimônio e fonte de renda, provocando queda da demanda, empreendimentos com perda total ou em

condições precárias de funcionamento, afetando diretamente a economia local, atividades e planos futuros de uma comunidade.

O trabalho que o SEBRAE/RS desenvolve em todo Estado, especial na região sul entende que nesse momento é necessário unir forças para enfrentar e superar essa conjuntura. Devido aos fatores colocados acima, o SEBRAE/RS apresenta o Projeto Superar São Lourenço do Sul.

O Projeto tem como objetivo principal: atendimento individual e/ou coletivo; assessorias; consultoria gerencial e técnica para o diagnóstico; planejamento e implantação de projetos de recuperação dos empreendimentos atingidos. As ações propostas buscam a viabilização técnico-econômica, social e ambiental, que possibilitem o retorno da geração de renda, a retomada e a garantia das oportunidades de trabalho. .

Cabe ressaltar que, desde o primeiro momento pós-desastre, o SEBRAE/RS iniciou o desenvolvimento de ações nos municípios afetados. Uma equipe de 4 pessoas foi deslocada para a região com o objetivo de conhecer os reais impactos do desastre *in loco*. Nesse sentido, foi iniciada a aplicação de um questionário, com informações relativas às características dos empreendimentos afetados e o diagnóstico das perdas.

Foco Estratégico

- Articulação com os poderes federal, estadual e municipal na busca de soluções para os problemas da infra-estrutura dos municípios atingidos pelas enchentes;
- Articulação no âmbito das políticas junto a instituições públicas e privadas para renegociação das dívidas e benefícios fiscais das microempresas e empresas de pequeno porte dos municípios afetados;
- Disponibilização de orientação empresarial (atendimento individual/coletivo e consultorias especializadas) para as microempresas e empresas de pequeno porte na reestruturação da gestão do negócio;
- Estímulo às compras governamentais municipais junto às micro e pequenas empresas da região afetada pelas enchentes;
- Articulação de linhas de crédito específicas voltadas para o investimento fixo e capital de giro, com juros subsidiados e compatíveis com o porte e situação dos empreendedores atingidos pelas enchentes.

Premissas

- Não-ocorrência de novos problemas climáticos e/ou geológicos, alta precipitação pluviométrica, enchentes no período do atendimento emergencial;
- Inexistência de barreiras físicas nas rodovias de acesso entre os municípios priorizados para o evento de atendimento emergencial;
- Participação efetiva das Prefeituras, do Governo do Estado/RS, dos agentes financeiros e das empresas concessionárias de serviço público no projeto;
- Adesão ao projeto de todas as microempresas e empresas de pequeno porte atingidas pelas enchentes;

- Recuperação da infra-estrutura federal e estadual em geral (viária, elétrica, urbana, habitacional), necessária ao processo básico de funcionamento e ao acesso aos municípios.

Prioridades Estratégicas do Sistema SEBRAE

- Articular políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das MPEs;
- Facilitar a ampliação do acesso e redução dos custos dos serviços financeiros;
- Estabelecer alianças estratégicas para mobilizar recursos, competências e conhecimentos;
- Promover a educação empreendedora e a cultura da cooperação.

PÚBLICO-ALVO

Empreendedores urbanos e rurais, empresários de micro e pequenas empresas (indústria, comércio e serviços), estabelecido no município de São Lourenço do Sul, dos quais foram atingidos cerca de 2.236 empreendimentos formais e igual número de informais e produtores da agricultura familiar.

OBJETIVO GERAL

Disponibilizar atendimento individual e/ou coletivo, assessorias, consultoria gerencial e técnica para o diagnóstico, planejamento e implantação de projetos de recuperação dos empreendimentos atingidos pelas enchentes ocorridas em São Lourenço do Sul, buscando a viabilização técnico-econômica, social e ambiental, que possibilite o retorno da geração de renda, a retomada e a garantia das oportunidades de trabalho visando o desenvolvimento local.

RESULTADOS

Os resultados abaixo descritos foram construídos tendo como objetivo a retomada da atividade produtiva no município de São Lourenço do Sul.

Resultado 01 – Atender 80% dos empreendimentos atingidos pelas enchentes em São Lourenço do Sul (atendimento individual e/ou coletivo e consultorias) até março de 2012.

Resultado 02 – Ter 50% dos empreendimentos atingidos pelas enchentes em São Lourenço do Sul com suas atividades reiniciadas até março/2012

Resultado 03 – Ter os Postos de trabalho dos empreendimentos afetados, recuperados, em:

- 20% até dezembro/2011
- 40% até março/2012

Resultado 04 – Ter 60% dos empreendimentos com um plano de recuperação, até março/2012.

ETAPAS e AÇÕES

As etapas do projeto, descritas a seguir visam atingir o objetivo geral do projeto Superar , que é contribuir para a reestruturação dos empreendimentos município de São Lourenço do Sul atingido pelas enchentes.

A lógica básica do projeto está apoiada em quatro frentes de atuação:

As Etapas cobrem a estrutura lógica desenhada juntamente com os aspectos de gestão do próprio projeto.

A Etapa 1: Refere-se à ação de Estruturação e Gestão do Projeto, conforme a metodologia da Gestão Estratégica Orientada para Resultados.

As Etapas 2 e 3: Trata-se da mobilização de parcerias e do próprio público alvo a ser atendido.

A Etapa 4: Refere-se à articulação de políticas públicas – PDL – Programa de Desenvolvimento Local com Base na Lei Geral.

A Etapa 5: Vinculada ao atendimento emergencial dos empreendimentos atingidos, na área urbana e Rural. Inclui estrutura física temporária e os atendimentos propriamente ditos.

A Etapa 6: Trabalha melhoria continuada, visando o acompanhamento das empresas atendidas na Etapa 5 e melhoria de outros empreendimentos afetados indiretamente pela tragédia.